



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA (UNILAB)
Instituto de Humanidades – IH
Bacharelado em Antropologia**

Alexandre Hermes Oliveira Assunção

A RETOMADA DAS IMAGENS PITAGUARY

Redenção – CE

2021

Alexandre Hermes Oliveira Assunção

A RETOMADA DAS IMAGENS PITAGUARY

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao à Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Antropologia, sob a orientação do Prof. Dr. Patrício Carneiro Araújo.

Redenção – CE

2021

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Assunção, Alexandre Hermes Oliveira.

A873r

A retomada das imagens Pitaguary / Alexandre Hermes Oliveira Assunção. - Redenção, 2021.

151 f: il.

Monografia - Curso de Antropologia, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Patrício Carneiro Araújo.

1. Antropologia visual. 2. Povos indígenas - Pitaguary - Brasil. 3. Memórias e identidades. 4. Experiencias de campo. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 306

Alexandre Hermes Oliveira Assunção

A RETOMADA DAS IMAGENS PITAGUARY

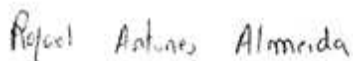
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao à Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Antropologia.

Aprovado em 09/04/2021

Banca Examinadora:





Prof. Dr. Patrício Carneiro Araújo / UNILAB (Orientador)



Prof. Dr. Rafael Antunes Almeida / UNILAB (Examinador)



Prof. Dr. Alexandre Oliveira Gomes - UFPE (Examinador)

	<p style="text-align: center;">MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO- BRASILEIRA INSTITUTO DE HUMANIDADES Coordenação do Bacharelado em Antropologia</p>	 <p style="text-align: center;">UNILAB Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira</p>
---	--	--

ATA _____ / _____

**ATA DE APRESENTAÇÃO DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA**

No dia 09 do mês de abril do ano de 2021, nas dependências da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, **através da plataforma digital Google Meet**, reuniu-se a banca examinadora de defesa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Bacharelado **em Antropologia**, sendo ela composta pelos seguintes professores: Patrício Carneiro Araújo / UNILAB (Orientador), Rafael Antunes Almeida / UNILAB (Examinador), Alexandre Oliveira Gomes - UFPE (Examinador). Foi avaliado o trabalho do estudante **Alexandre Hermes Oliveira Assunção**, intitulado *A Retomada das imagens Pitaguary*. Os trabalhos de apresentação e arguição foram iniciados às 15:00 e encerrados às 18:00. Após a avaliação e deliberações por parte da banca examinadora, o trabalho foi considerado **APROVADO**, com conceito 10,0 (Dez). Eu, Patrício Carneiro Araújo, lavrei a presente ata, que assino ao final juntamente com os membros efetivos.

PARECER JUSTIFICADO

A banca examinadora considerou que o TCC cumpriu todos os requisitos que se espera de um trabalho dessa natureza, tendo inclusive, ido além do que se esperava do candidato. Recomenda-se que o estudante considere as sugestões feitas pela banca e continue pesquisando o tema. O candidato foi considerado **APROVADO**.

Professor(a) orientador(a):

Patrício C. Araújo

Rafael Antunes Almeida

Professor(a) avaliador(a):

Alexandre Oliveira Gomes

Agradecimentos

Aos Parentes, Professorxs, Aliadxs e Povo Pitaguary

Dedicatória

Maria Liduina da Costa Silva, Raimundo Barbosa da Silva, Nádia Luzia da Costa Silva, Francilene da Costa Silva, José Alex da Costa Silva e os Encantados que nos acompanham.

“Uma educação em antropologia, portanto, faz mais do que nos prover conhecimento sobre o mundo – sobre pessoas e suas sociedades. Ela antes educa nossa percepção do mundo e abre os nossos olhos e mentes para outras possibilidades de ser”. (INGOLD, 2015, p.470)

“Quando faço dançar meus xapiri, às vezes os brancos me dizem: “Não se vê nada! Só se vê você cantando sozinho! Onde é que estão seus espíritos?” Davi Kopenawa

Resumo

Em 2013, no território indígena Pitaguary. Na Retomada da Pedreira Encantada, junto com outras pessoas e movimentos sociais engajados com indígenas para resistir a mais uma expropriação de direitos que estava prestes a se concretizar, em um cenário conflituoso principalmente para os que tentam assegurar o mínimo para os parentes e aliados. Foi em meio a reuniões “a boca miúda”, planos, estratégias, noites de vigília e na companhia dos Encantados que, nesse primeiro momento, fui entrando em sintonia com esse povo. Apoiando essa resistência com a difusão das imagens. Posteriormente, fui me engajando na vida da aldeia, me tornando um pesquisador, irmão e aliado. Sem nenhum conhecimento prévio do que me esperava, sem uma ideia preconcebida sobre aquele povo. Ignorância, desinformação, colonialidade? Foi na prática que fui descobrindo o povo indígena, não só no Ceará, mas também em outros territórios. Alguns anos mais tarde, os estudos de Antropologia iriam ampliar ainda mais a minha percepção. Durante esse percurso, experimentei diferentes itinerâncias dentro e fora da aldeia, aprendendo algumas habilidades e aprimorando outras. É pensando no trabalho antropológico, nos moldes propostos por Tim Ingold, que pretendo afinar essa escrita às experiências vividas e começar a pensar sobre sua proposta de educação atenta. Portanto, é para partilhar parte dessa experiência e da produção de imagens, junto a esse povo, que me propus a escrever esse trabalho. E foi, mais ou menos nesse passo, entre idas e vindas à aldeia, que cheguei até aqui.

Palavras chaves: Imagem; memória; conhecimento sensorial; Pitaguary.

Abstract

In 2013, no Pitaguary indigenous territory. In the Resumption of Pedreira Encantada, together with other people and social movements engaged with the indigenous people to resist yet another expropriation of rights that was about to materialize, in a conflictive scenario mainly for those who try to ensure the minimum for relatives and allies. It was in the midst of “small mouth” meetings, plans, strategies, vigil nights and in the company of the Enchanted Ones that, in that first moment, I started to be in tune with these people. Supporting this resistance with the diffusion of images. Subsequently, I became involved in the life of the village, becoming a researcher, brother and ally. Without prior knowledge of what awaited me, without a preconceived idea about that people. Ignorance, misinformation, coloniality? It was in practice that I discovered the indigenous people, not only in Ceará, but also in other territories. A few years later, anthropology studies would further expand my perception. During this journey, I tried different itineraries inside and outside the village, learning some skills and improving others. It is by thinking about anthropological work, along the lines proposed by Tim Ingold, that I intend to tune this writing to the lived experiences and start thinking about his proposal for attentive education. Therefore, it is to share this experience and the production of images, with these people, that I set out to write this work. And it was, more or less at this step, between comings and goings to the village, that I got here.

Key words: Image; memory; sensory knowledge; Pitaguary.

SUMÁRIO

1	RARA PAIXÃO PELO QUE FAZEMOS	10
2	INTRODUÇÃO	11
3	CAPÍTULO 01: PRIMEIRO MOVIMENTO	39
3.1	A chegada no território: alianças vivas.....	39
3.2	Um contexto turbulento.....	40
3.3	Sobre algumas alianças e parcerias.....	43
3.4	Carta à sociedade cearense.....	44
3.5	A exposição das imagens na mangueira sagrada.....	45
3.6	Memórias à luz da fogueira e a tinta do jenipapo.....	49
3.7	O museu vivo.....	53
3.8	Narrativas à flor da pele.....	54
3.9	A exposição no sobrado.....	56
4	CAPÍTULO 2: SEGUNDO MOVIMENTO	57
4.1	O conhecimento: sentindo a essência.....	57
4.2	Museologia social.....	61
4.3	Uma família “novinha em folha”.....	62
4.4	A festa da Caipora – Pacatuba – CE, 30/01/2020.....	63
5	CAPÍTULO 3: TERCEIRO MOVIMENTO	71
5.1	Essência do sentir.....	71
5.2	Situado sem constrangimento.....	71
5.3	Retomada viva.....	73
5.4	Habitando as casas e terreiros.....	77
5.5	A fumaça do cachimbo.....	79
5.6	A retomada da vida na aldeia: ainda há vida com essa pandemia?	80
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
	ANEXOS	91

Rara paixão pelo que fazemos

O texto que segue abaixo e antecede o TCC propriamente dito foi o primeiro texto que escrevi sobre minhas primeiras experiências com o povo Pitaguary. Ele foi escrito com o propósito de acompanhar fotografias que seriam expostas durante a Semana do Meio Ambiente em Fortaleza – CE em 2015.

“Rara paixão pelo que fazemos quando movidos pela vontade de estar juntos:

Novos encontros pelo simples fato de querer olhar um ao outro no olho e ver seu corpo se mover, sentindo seu calor, revelando suas faces e facetas.

Em busca da luz, me conecto a espíritos e sinto o cheiro da natureza, amanhecendo com os pássaros e anoitecendo com o fogo, com a dança que ele abençoa. Me deixo encantar com esses improváveis e tão acertados momentos reservados pelo coração, músculo símbolo e signo, e eu me pergunto: como seria o coração de uma árvore? Teria uma cor vermelha também? Seria grande? Que equivalência teria? Em que proporção levaríamos em conta se alguém nos houvesse inventado e proposto essa metáfora?

Acho que o coração das árvores, plantas... é da cor da luz que eu procuro quando acordo ou fotografo. Mas, pensando melhor, tenho duvidado muito da luz nesses dias. Encontrado nos sons imagens de um mundo ainda difícil de ser traduzido em palavras e cores. Portanto, o coração desses seres deve ter um som que ainda está por vir. E talvez tenhamos que afinar nossos ouvidos para escutar as batidas dos seus corações e, como seres, compreender que eles também precisam ser respeitados, escutados. Há seres que vêm fazendo isso há mais tempo. Humanos, não sei se especiais, mas entregam seu pensamento no dia que nasce, na noite que cai, a estes sons.

Os indígenas que se movem na batida do vento, sentindo o cheiro do mato, acalentando suas dores e dúvidas em volta do fogo. Com eles aprendi a sentir e desejar essa nova era, alimentando o sonho de um coração sem cor e sem formato, ardente como brasa e frio como a madrugada. Tudo isso pode representar um grande desafio para um antropólogo, principalmente se ainda estiver em formação, como era o meu caso. Mas aceitei o desafio de ver o mundo e a existência por outra perspectiva.

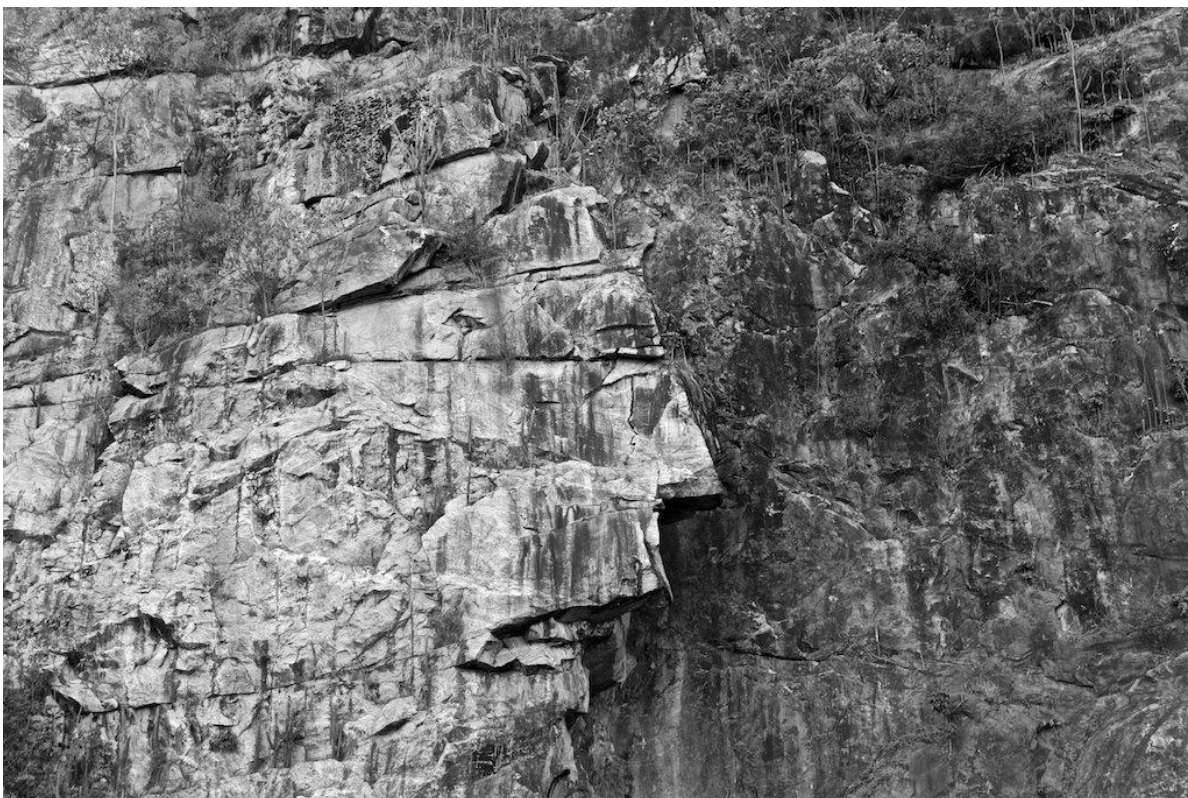


Figura 1. Rosto do índio, Retomada da Pedreira Sagrada Pitaguary.

INTRODUÇÃO

As origens deste texto, que segue aqui em formato de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), precedem minha formação em Antropologia na Unilab, mas compõem parte da minha trajetória como fotógrafo e representam o resultado de um olhar antropológico sobre as realidades das quais ele trata. Também convém dizer que o texto, até certo ponto, é resultado do longo período de convivência junto ao povo Pitaguary, na cidade de Pacatuba, Ceará, Brasil.

E lá estava eu, em 2013, no território indígena Pitaguary. Na Retomada da Pedreira Encantada, junto com outras pessoas e movimentos sociais engajados com indígenas para resistir a mais uma expropriação de direitos que estava prestes a se concretizar, em um cenário conflituoso principalmente para os que tentam assegurar o mínimo para os parentes e aliados¹. Foi em meio a reuniões “a boca miúda”, planos,

¹ No que se refere à designação “Parente”, Baniwa afirma que: “A decisão qualificada tomada pelos povos indígenas do Brasil quanto à valorização positiva da denominação genérica de índio ou indígena, expressa por meio do termo parente, simboliza a superação do sentimento de inferioridade imposto a

estratégias, noites de vigília e na companhia dos Encantados que, nesse primeiro momento, fui entrando em sintonia com esse povo. Apoiando essa resistência com os meios que tinha, uma máquina fotográfica e uma certa experiência com a produção e difusão das imagens. Posteriormente, fui me engajando na vida da aldeia, me tornando um pesquisador, irmão e aliado². Sem nenhum conhecimento prévio do que me esperava, sem uma ideia preconcebida sobre aquele povo. Ignorância, desinformação, colonialidade? O fato é que foi na prática que fui descobrindo o povo indígena, não só no Ceará, mas também em outros territórios. Alguns anos mais tarde, os estudos de Antropologia iriam ampliar ainda mais a minha percepção.

Durante esse percurso, experimentei diferentes itinerâncias dentro e fora da aldeia, aprendendo algumas habilidades e aprimorando outras. É pensando no trabalho antropológico, nos moldes propostos pelo teórico Tim Ingold, que pretendo afinar essa escrita às experiências vividas e começar a pensar sobre sua proposta de educação atenta, a qual explicarei melhor mais à frente. Portanto, é para partilhar parte dessa experiência e da produção de imagens, junto a esse povo, que me propus a escrever esse trabalho. E foi, mais ou menos nesse passo, entre idas e vindas à aldeia, que cheguei até aqui.

Dividirei esse relato em três movimentos, aqui materializados em forma de capítulos que me ajudaram a organizar em partes que não são exatamente períodos ou temáticas. Nomeei os três movimentos dessa forma, a fim de caracteriza-los como um certo impulso do corpo, uma coreografia da vida praticada. Partes que não necessariamente se encerram. Um contínuo devir-aprendizagem, um acúmulo que se atualiza a cada movimento da vida.

Ao longo do texto, tento me empenhar na tentativa de utilizar um vocabulário mais precisamente da dança, quase coreográfico, também inspirado certamente em minhas experiências de campo, assim como na obra *Estar Vivo* (2015), de Tim Ingold, e no meu trabalho anterior com a Dança. Como já disse, a intenção é refletir sobre a perspectiva da aprendizagem. Sob a luz de uma educação da percepção, como

eles pelos colonizadores durante todo o processo de colonização”.(BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. *O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. MEC/UNESCO. Brasília, 2006).

² “Aliados” deriva da expressão Aliança Vivas ou afetivas cunhada por Ailton Krenak. Em uma entrevista ao antropólogo Pedro Cesarino durante a Bienal de arte de São Paulo, 2016. “Aliança é um outro termo para troca[...] em que troca não supõem só interesses imediatos[...] E esse valor de troca supõe continuidade de relações”. (Krenak, 2017 p.61).

sugere Ingold, e uma atenção sobre os movimentos gerados pelos deslocamentos que atravessam os capítulos-movimentos. Com isso, buscarei auxiliar o/a leitor/a, até chegarmos às proposições sobre imagens construídas entre esses movimentos e essa percepção, qualificada pelo trabalho de experimentos e experiência adquirida.

Certamente, as análises resultantes do material coletado-produzido-compartilhado também são tensionadas pelas práticas de produção imagética nas diferentes temporalidades do trabalho. Uma forma de reunir uma série de situações, ensaiando o que pode vir a ser uma reflexão sobre o *trabalho de campo*. Essas mesmas análises também são informadas pelas múltiplas práticas, que não se restringem à captura das imagens. O processo que culmina com a apresentação deste texto também pode ser encarado como uma viagem, já que, como diria Ingold: há “fases reconhecíveis – preparar, começar, continuar e encerrar – e estas conferem uma certa forma temporal ao movimento geral”. (INGOLD, 2015, p.128).

Entretanto, neste caso o percurso não necessariamente possui fases rigidamente demarcadas. Como um território também não deveria possuir, caso houvesse segurança e legalidade plena, baseadas no respeito à vida. No plano dos fatos, porém, quando se fala do povo Pitaguary do Ceará, o que temos é um refazer constante das lutas por esse direito, o que termina impondo a necessidade de fronteiras territoriais muito definidas, ao ponto de poderem ser abarcadas pela objetiva da câmera fotográfica.

Alianças Vivas

No primeiro movimento de chegada ao território Pitaguary já foi possível perceber que a produção e a atuação dos indígenas Pitaguary e seus aliados estão em primeiro plano. Isso se pode notar nas imagens do que se nomeou “Imagens da Retomada”, onde também é possível perceber a mobilização desse registro e dos primeiros diálogos e aprendizados, que se interpenetram com o fluxo dos primeiros encontros e olhares.

Esse primeiro movimento se deu numa itinerância pelas aldeias Pitaguary e pelos interiores de algumas casas, num movimento ainda frouxo e descompromissado de minha parte. Mas foi ali que comecei a reconhecer e levar a sério a grandeza e sabedoria de um movimento qualificado. Marcado por especificidades, compromissos e lutas por direitos. Um movimento que me surpreendeu por sua

amplitude e seu compromisso em advogar pela vida de todos os seres. Foi nesse contexto que tomei consciência sobre o verdadeiro sentido da expressão “Movimento Indígena”. A esse respeito, Gersen Baniwa afirma que:

O líder indígena Daniel Mundurucu costuma dizer que no lugar de movimento indígena dever-se-ia dizer índios em movimento. Ele tem certa razão, pois não existe no Brasil um movimento indígena. Existem muitos movimentos indígenas, uma vez que cada aldeia, cada povo ou cada território indígena estabelece e desenvolve o seu movimento. (BANIWA, 2006, p.59)

Na convivência, percebi então que uma das facetas dessa organização girava em torno dos Museus Indígenas. O trabalho que busca promover a autonomia de pensamento através de atividades e proposições coletivas começou a me despertar o interesse. Até então eu ainda não estava cursando antropologia na UNILAB. Portanto, meu papel era apenas o de um fotógrafo que, costumeiramente, era solicitado para contribuir com os interesses mais gerais das lideranças indígenas locais.

Com o passar do tempo fui me percebendo progressivamente comprometido, e hoje compreendo que quem não se engaja não dura muito, ou trabalha dentro de uma outra política de aliança. Ainda antes de começar a estudar antropologia e ajustar meus interesses, eu já estava, então, significativamente comprometido e com um interesse mais específico sobre alguns temas, ao mesmo tempo que continuei realizando trabalhos fotográficos a convite dos parceiros, como o Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza e a Semana do Meio Ambiente.

Quando me descobri vislumbrando com o que poderia ser uma pesquisa orientada, em consonância com o que já havia experimentado, eu já tinha participado de exposições fotográficas - em parceria com os Pitaguary e alguns colaboradores parceiros -, inclusive cedendo imagens, montando as exposições e fomentando a ideia de trabalhar com o Museu Pitaguary. A partir dessa colaboração já iniciada, eu estava disposto a assumir um compromisso com a formação desse pequeno acervo fotográfico, dentro dos parâmetros e interesses da Rede Indígena de Memória e Museologia Social.

Passei, então, a ampliar essa colaboração, viajando aos encontros, reconhecendo na rede um espaço de projeção, rico em trocas de conhecimento. Assim, fui consolidando minha presença, mesmo que em alguns casos estivesse ausente fisicamente, através dessas atividades, pois já tínhamos algo que nos

aproximava e nos conectava. O elemento que nos ligava eram as fotografias que já não eram apenas oficiais ou eventuais, mas compunham um bom número de imagens da vida doméstica e do cotidiano Pitaguary. Em meio a esse acervo, também haviam imagens de um certo espaço da vida cotidiana Pitaguary que extrapola a vida indígena pública.

Sentindo a essência

No segundo movimento, como já disse, eu estava entrando em um terreno específico, chamado por aquele povo de “terreiro”, território sagrado no qual a vida social, e o próprio movimento indígena, fluía de acordo com os ventos da espiritualidade. Era ali que tomavam forma os ritos e práticas que me encantariam e passariam a tomar toda a minha atenção. Passei então a frequentar as casas da família da Mãe Liduína Pitaguary e do Pajé Barbosa Pitaguary. Progressivamente passei a integrar-me a este espaço que, conforme a maior parte das culturas indígenas, tanto é particular quanto semicoletivo.

Tomando a Retomada da Pedreira Sagrada³ como uma casa para mim também, a essa altura já fui acolhido como estudante de antropologia da UNILAB, relação que, com o tempo, também evoluiu para a condição de um parente que necessita de um teto ou mais de um, já que decidido a fazer uma pesquisa sobre as relações possíveis das imagens com a espiritualidade.

Ainda com ideias a serem formatadas pelos métodos e teorias antropológicas, fui participando, gravando e fotografando o que saltava aos meus olhos no dia a dia. Uma transição que não era muito tranquila. Tentar enquadrar ideias e imagens concebidas a um tempo com o conteúdo de sala foi algo que me deixava confuso.

O antropólogo e teórico das imagens fílmicas, Marc Piauult fala que “a formação do antropólogo é, bem sabemos, uma grade interpretativa que será submetida à interrogação crítica da experiência do trabalho de campo” (1999). Para mim, esse período experimental nunca se acabou. Mantive diálogos sobre as questões da disciplina com as irmãs Nadya e Francilene Pitaguary principalmente. Onde expunha

³ A respeito das Retomadas, Assim Alarcon as explica: “Em definição sucinta, pode-se dizer que as retomadas consistem em processos de recuperação, pelos indígenas, de áreas por eles tradicionalmente ocupadas, no interior das fronteiras da Terra Indígena Tupinambá de Olivença, já delimitada, e que se encontravam em posse de não-índios”. (ALARCON, 2013, p.01).

a elas o que acontecia na universidade, ao mesmo tempo que elas também participavam da vida acadêmica da Unilab, assim como outros estudantes indígenas.

Mas, fui contornando aos poucos e adotando práticas e métodos que me ajudaram muito a tatear no escuro a luz e ter uma sintonia orientada também pelas minhas experiências de campo. Adotando as tradicionais cadernetas e caderno que geralmente acompanham os antropólogos.

Então, nesse movimento de transição e reorientação de objetivos, a manutenção dessa minha presença em campo, se sustentou também com a possibilidade de trabalho com a Rede indígena de Memória e Museologia Social e na Universidade. A universidade nesse ponto do trabalho também adentrava a vida da aldeia Pitaguary e do movimento indígena do Ceará, com o ingresso dos estudantes indígenas na UNILAB. Durante o ano de 2018 eu vivi esse movimento na aldeia e me mudei para a cidade de Redenção, onde fica a Universidade. Com essa mudança, passei a acompanhar a vida na aldeia com os olhos de fotógrafo-pesquisador, filho de terreiro e companheiro universitário dos estudantes indígenas e muitos outros que se interessavam no movimento. Essa convivência se revelaria muito rica em termos da pesquisa empírica que eu viria a desenvolver depois, por ocasião do meu Trabalho de Conclusão de Curso, materializado neste texto aqui apresentado.

Essência do sentir

No terceiro movimento, passei a olhar continuamente para as imagens, tentando inseri-las numa narrativa concisa que fizesse sentido para os de fora, notadamente para a comunidade acadêmica e científica. Comecei então a resgatar escritos de campo anteriores, além de trabalhar em outros espaços e dentro das disciplinas. O desafio era concatenar as ideias gerais com os objetos específicos que permeiam as imagens, além de analisar sua composição, buscando decifrar que histórias elas engendram, tanto no ato de produção como nos significados que elas têm para os sujeitos de pesquisa.

O estatuto simbólico dessas imagens e suas histórias paralelas era parte que tanto precisava ser compreendida quanto explicada. Isso porque cada uma era portadora de histórias resultantes dos processos que as envolviam, processos esses que, por sua vez, também estavam ligados à espiritualidade e à biografia de uma troca

de experiências. Experiências essas, nas quais busquei emergir “de olhos fechados”, trabalhando e aprendendo com as práticas do cotidiano Pitaguary e universitário.

Em especial, neste trabalho vou me deter sobre a questão do engajamento e da percepção na produção técnica das imagens combinada à sensorialidade desses ambientes. Nesse sentido, pretendo trazer os argumentos de Tim Ingold sobre o acoplamento entre o corpo e os materiais de trabalho. Buscarei fazê-lo privilegiando a matéria da luz e contextualizando os objetos com os gestos e sentidos. Como é de se imaginar, muitas das experiências ficaram pelo caminho em termos analíticos e deixaram fios a serem repuxados em um futuro próximo. Então, esse último movimento é também um relato de possibilidades abertas por essas experiências. Limitadas em termos de compreensão, mas como uma boa introdução em termos heurísticos.



Figura 2. Mãe Liduina Pitaguary e Yuri Pitaguary durante a Retomada em março de 2013.

JUSTIFICATIVA

Acredito que este trabalho seja uma investida para refletirmos juntos sobre a produção de imagens no contexto da produção visual antropológica, sem, contudo, ignorar seu contexto e relações. Vínculos que se fizeram, sendo que uns permanecem enquanto outros se afrouxam. Entendendo que é dessas linhas da vida que podemos permanecer em movimento, atando e desatando esses fios da malha, metáfora empregada por Tim Ingold para dizer como estamos enredados por tudo o que nos cerca. Também porque, o que dá consistência a uma experiência, são essas tentativas de habitar os caminhos e a vida que nos atravessa.

A intenção é que este trabalho reúna e levante alguns dados e informações dispersas sobre o evento em torno da Retomada Pitaguary, já explicada anteriormente. Não apenas como um evento, mas evidenciando e posicionando, em uma conjuntura política que dialoga com a ação de outros povos indígenas no país. Em seus protagonismos e na luta por seus direitos e afirmação identitária. Mas, sobretudo, também encarná-la nos gestos que a circundam. Esse trabalho, portanto, almeja contribuir com a literatura sobre as Retomadas que ainda continuam a ter seus primeiros trabalhos. Assim como uma reflexão sobre os estudos da visualidade, por conseguinte, que considerem o trabalho com a luz, como um meio de retomar a vida que se imprimiu nessas fotografias, por meio desse trabalho, com a luz, através dela também as práticas e processos da pesquisa acadêmica.

O fato de ainda não existir uma literatura satisfatória da escritura sobre esses eventos históricos de resistência e insurgência, justifica, ainda mais, este trabalho, mesmo isso já tendo sido feito para os povos Tupinambá – BA - e Guarani Kaiowa – MS -, para citar apenas alguns que tive oportunidade de conhecer *ao longo* deste trabalho.

Como as abordagens teóricas e etnográficas têm feito um grande esforço ao se debruçarem sobre as memórias compartilhadas pelos autore(a)s nesses trabalhos de forma integrada, a presença ou não dos antropólogo (a)s durante os eventos não diminuiu o teor qualitativo das empreitadas. No que se refere aos estudos sobre as retomadas, o que fica evidente nos poucos trabalhos desenvolvidos sobre elas é que os métodos utilizados e os processos de acessibilidade a essas memórias têm se revelado modos de operar os dados de forma posicionada e engajada. Isso termina

fazendo desses empreendimentos, trabalhos comprometidos em gerar material substancial para qualquer empreendimento antropológico a favor desses povos.

A antropóloga Daniela Alarcon, que trabalha há mais de uma década com os Tupinambá, escreveu, em seu trabalho *Os filhos da terra* (ALARCON, 2013), sobre as experiências Tupinambá de retomadas de terra, constatando que “apesar de as retomadas de terras serem difundidas e conhecidas, os estudos sobre elas são curiosamente escassos” (ALARCON, 2013, p.102). O que revela haver uma mentalidade que considera “auto evidentes” as retomadas.

Outro aspecto importante levantado pela autora é que esse processo de recuperação territorial “é informado tanto por razões históricas e políticas, como por razões cosmológicas. (ALARCON, 2013, p.110). Ao ecoar as palavras sobre uma escassez na produção acadêmica sobre as Retomadas, reitero o que ela diz sobre as outras formas de Retomadas, que em seu tempo não se caracterizavam nesses termos e nem tiveram oportunidade de convergir para uma reflexão mais substancial. Refiro-me a uma diversidade de resistências praticadas pelos povos indígenas.

Não quero dizer que a produção sobre a resistência dos povos indígenas no Nordeste seja insipiente, muito menos no Ceará. Para citar apenas os Pitaguary, temos trabalhos de folego e engajados, como os da professora e antropóloga Joceny Pinheiro, da Unilab. Em termos da sua atuação, essa pesquisadora teve uma história que ultrapassou os limites do território Pitaguary e investiu muito do seu tempo e carreira acadêmica em pesquisas junto aos povos indígenas do Ceará. Uma etnografia rica em memórias de um tempo no qual o povo Pitaguary estava se organizando e retomando suas memórias em busca de fortalecer sua identidade étnica.

Nesse período dos meados da década de 90”, sobre o qual a antropóloga citada me queixou das “dificuldades de fazer pesquisa com povos indígenas no ambiente acadêmico” que às vezes ainda se mostravam muito reticentes. Como pairava uma mentalidade ainda descrente da presença dos indígenas no Ceará, não era para menos, já que houve até uma declaração oficial do Estado, que chegou a decretar a inexistência deles por essas terras. Isso revela um dos reflexos de tal atitude colonialista do passado.

Como foi permanecer e aprender sobre as vicissitudes dos espaços, das inconveniências de um visitante e das obrigações de um morador na Retomada

Pitaguary. Foi um aprendendo a *corresponder*. Essa palavra é importante para Ingold, e isso fica evidente quando ele explica que:

Fazer antropologia com a arte é corresponder a ela em seu próprio movimento de crescimento ou transformação, em uma leitura que avança e não ao contrário, e para que siga os caminhos pelos quais ela conduz”. [ligando arte e antropologia por meio da correspondência de suas práticas], “ao invés de em termos de seus objetos, respectivamente histórico e etnográfico. (INGOLD, 2013, p.21).

Antropologia e arte, portanto, convertem-se em importantes ferramentas para melhor compreendermos sobre a vida humana e juntar-nos às pessoas nas suas tarefas e especulações sobre a vida, e isso adquire um sentido ainda mais amplo quando em um lugar como é o território indígena, já que teremos como interlocutores profundos conhecedores dos seres que ali habitam. Em contextos como esses, os encantados, por exemplo, também estão entre esses seres com os quais se terá que dialogar, já que, como afirma Alarcon: “assim como os indígenas, essas entidades sofreram intensamente os impactos da penetração dos não-índios no território tupinambá”. (ALARCON, 2013, p.193).

Considerados pelos indígenas como parte do grupo, esses verdadeiros donos da terra, como descreveu Alarcon (2013, p.193), também são entidades as quais fui aprendendo a escutar entre os Pitaguary da Aldeia Monguba, Ceará. Na companhia de Mãe Liduina, Pajé Barbosa, Nadya, Francilene e Alex Pitaguary, aos poucos os encantados foram compondo parte importante da interlocução estabelecida na pesquisa, principalmente no entrelaçar dos nossos movimentos.

Na opinião da autora já mencionada acima, “A análise das retomadas de terras praticadas na Serra do Padeiro-BA, pode, eventualmente, contribuir para a construção de um quadro analítico das ações coletivas”. (ALARCON, 2013, p.111). Considerando essa perspectiva, eu também gostaria de dar um contributo, em consonância com o que ela enfatiza, ao afirmar que “sobretudo em contextos de recuperação territorial –, que expressam diferentes projetos políticos –, eles são frequentemente elididos pelas correntes historiográficas hegemônicas (MONTEIRO, 2001, OLIVEIRA, 2006b) (ALARCON, 2013, p.11). Até porque, como a autora acrescenta, “é fundamental que se desenvolvam estudos aprofundados em outros contextos etnográficos. (ALARCON, 2013, p.111). E, como a situação dos Pitaguary ainda se encontra em curso e merece ser estudada, fica então justificado a importância de se desenvolver a pesquisa nesse contexto etnográfico. O trabalho da antropóloga faz uma incursão a uma vasta documentação, composta por jornais, arquivos, imagens, memória

personais e depoimentos colhidos em uma etnografia acalorada e motivada pelo privilégio de trabalhar com um povo tão aguerrido como os Tupinambá.

No meu caso, ao tentar alinhar esse trabalho entre uma reflexão sobre as imagens e as memórias dessas resistências produzidas, tentarei acompanhar um movimento que me atingiu e ao qual fui adentrando timidamente. Hoje, esse movimento já compõe uma boa discussão, que vem acontecendo principalmente no Nordeste e que envolve uma rede de atores indígenas e alguns poucos pesquisadores (a)s. Também o movimento de museus indígenas tem sido um significativo ator político nessas discussões, principalmente nas suas interfaces com a antropologia e as políticas do patrimônio, aliadas as demandas, em especial à Demarcação.

Da minha parte, após dar os primeiros passos nessa Rede de Museus Indígenas, comecei a compreender um pouco mais sobre a museologia social, a preservação e organização de acervos e as memórias desses grupos étnicos. Foi situado em parte neste campo que esse trabalho teve seus primeiros desdobramentos, justificando, aos poucos, sua importância.

O ponto para o qual esses temas convergem é precisamente a mobilização desses acervos indígenas para ações em defesa de seus direitos e territórios. Trabalhos como esses buscam trazer os indígenas para um discurso em primeira pessoa, como protagonistas de suas narrativas e, em muitos casos, sendo os próprios autores.

A essa altura, o que posso adiantar é que essa tarefa de trabalhar com as memórias tem sido uma das mais complexas. Seja pela situação política, econômica e social ou mesmo pelas dificuldades para encontrar trabalhos que tenham refletido de maneira interdisciplinar sobre a situação. A Rede indígena de Memória e Museologia Social é uma realidade e um bom exemplo a ser acompanhado. Na tentativa de aliar essas memórias e reflexão com uma antropologia visual, detida sobre sua produção e organização após o trabalho de campo.

Nossa intenção é dar acessibilidade a essas fontes inesgotáveis de interpretação e reelaboração narrativa, a partir de práticas e trabalhos que se engajem junto aos interlocutores na pesquisa. Para isso se faz necessário ter acesso aos documentos e a um arcabouço gerado pelas pesquisas, quando elas existem. E esse movimento também requer demarcar como esse material foi levantado, ou seja, ter os rastros explicitados dos processos de pesquisa.

Como documentarista, estive nessa encruzilhada muitas vezes. O acúmulo de material levantado, no caso fotografias e imagens em movimento, não significa necessariamente acesso. Nem por parte de outras pesquisadore(a)s e muito menos por parte das pessoas que constituem o povo pesquisado e que ajudou a construir esse material. Também penso que o gesto que se faz para acessar essas informações repercute no encaminhamento dessa produção. Sendo assim, o tempo dessa elaboração pode ser prolongado, como é o caso desse trabalho com os Pitaguary. O caminho, trilha ou percurso do trabalho, em uma longa temporada pode tomar várias direções. Ao final do percurso, as pontas desses fios se predem e agora é preciso um resgate, uma Retomada - tímida que seja -, mas que tenha em vista expandir o horizonte a partir de um engajamento de trabalho em conjunto no futuro próximo, para além desse primeiro passo.

A retomada das imagens: 24 de novembro de 2020

Esse é o começo de uma história da qual faço um resgate através e pelas imagens. Fotografias que tive oportunidade de fazer e transformar através de uma leitura muito específica. O que foram os desdobramentos desses gestos de fotografar no ano de 2013 e a ameaça de reintegração de posse da Pedreira Encantada Pitaguary? Como apresentar, em forma de uma etnografia da própria memória, um evento, operacionalizando um trabalho de memória? Nesse caso, uma questão importante é a temporalidade que incide sobre essas fotografias. Um repertório se acumulou, entre olhar essas fotografias e falar sobre elas. Da mesma forma, faz-se necessário atentar para a performance do próprio arquivo, que também possui vida própria, animada e mobilizada por essas fotografias que tiveram seus fins e meios variados.

O que é uma retomada? Retomada da economia? Um retorno as imagens? Uma retomada de uma memória? Neste caso trata-se de uma retomada das imagens, e através dela também das memórias do povo Pitaguary. Ninguém retoma imagens sozinho, mesmo que me pertença o direito de imagem, de produção e/ou reprodução. Para as imagens circularem, terem uma vida para além do arquivo morto, é preciso acordos e alianças para que algumas ações se concretizem. Para que essas imagens se exponham, sejam expostas, estejam à vista, invoque questões requer um compartilhar coletivo, assim como acontece com a

própria memória. A antropóloga Joceny Pinheiro também esteve debruçada sobre esse trabalho com a memória:

A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. (...) A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto (1993:8). (PINHEIRO, 2002, p.68)

Manter um arquivo custa dinheiro, mas não apenas dinheiro. A manutenção de uma memória exige uma performance. E a performatividade dos arquivos equivale ao empreendimento de quem os detém e de todos interessados. A manutenção da memória dessa retomada fez com que eu avançasse e assumisse um compromisso com esses arquivos e com as pessoas representadas neles.

O que é representar ou pôr em movimento? A resistência? Através de quais ações? Essas ações envolvem as imagens e as fotografias? O que pode ser dito sobre essas imagens? É uma exposição que vai narrar melhor esse evento. Realmente há uma necessidade de mediação para essas imagens? É fato que com essas imagens podemos criar um site, um blog, uma página no Facebook ou podemos mover esse acervo para o museu. Também podemos deixá-los no arquivo dentro de uma gaveta, como acontece a arquivos que se perpetuam sem uma destinação.

Todavia, para animar e dar luz e movimento a essa memória, em outras palavras, para lhe dar uma legibilidade, é preciso tomar uma posição (Didi-Huberman, 2018). Tomar uma posição no território, em campo, junto aos interlocutores e outros profissionais. Já estudei sobre a disputa das memórias, sobre o empreendimento da memória, sobre a política da memória. Estudos culturais com aspectos sociológicos, econômicos que levantam questões políticas envolvendo os direitos humanos e a sociedade civil, comunidades imaginadas e o papel da religião, do gênero e da subalternidade. (HUYSSSEN, 2015). Esse tema é recorrente entre os historiadores da memória principalmente. Mas, hoje eu acredito que é preciso colocar em evidência as práticas e ações para conversar, não para disputar. Ver em que medida cada ação trouxe algo positivo para cada acervo.

Como podemos colocar essas narrativas para conversar? Através da montagem? De um Atlas? De uma remontagem das imagens (DIDI-HUBERMAN, WARBURG, 2018)? Talvez um caminho profícuo seja colocando em perspectivas, em movimentos dialéticos e temporais essas imagens (DIDI-HUBERMAN, BENJAMIN, 2015). Posso elaborar um ensaio propositivo, experimental e aberto. Creio que é

preciso dar vida tanto às imagens quanto às memórias, dentro de um espectro que permita mobilidade às imagens. Uma flexibilidade narrativa para que não engesse demais os termos em que as imagens são colocadas. O acesso é importante, mas também é importante permitir outros olhares sobre essas imagens. Tenho como exemplo o Google fotos, onde reúno álbuns e disponibilizo às pessoas com quem trabalhei e vivenciei esse trabalho. O que tenho em mente é que depois de participar da vida das pessoas, eu tenha compreendido melhor as suas posições em torno desse acervo. Por isso pretendo continuar este trabalho, para que ele seja encaminhado propositivamente, deixando uma pequena contribuição sobre o processo desse diálogo.

Isso, contudo, exige vontade, e o que podemos chamar de disputas de narrativas e da história. Não seria exatamente entrar numa disputa, mas expor pontos de vista. Propor caminhos e métodos aprendendo com cada narrativa, no esforço e na construção do conhecimento. É preciso reconhecer que criar uma narrativa dá trabalho e, acima de tudo, exige repertório e experiências. E o repertório só é criado com o tempo e com a prática do trabalho. Não existe uma narrativa que se consolide sem repertório ou trabalho. Quando comecei a adentrar esse campo da memória, fiz cursos, participei de eventos, conversei com colegas, expus as minhas questões e li muito. Somente depois resolvi fazer um empreendimento dessa memória, que foi o curso de antropologia. Mas eu não me engano, essa iniciativa não foi só minha, ela foi conduzida dentro de um campo. Assim, não quero falar em disputas de memória, mas de algumas das ações dos trabalhadores que as animaram.

Objetivos

Gostaria de manter um quadro crítico. Traçando uma linha entre a produção das imagens, meus interlocutores e o que permitiu, a situação em parte geradora das imagens, tentando seguir o emaranhado das práticas em campo. Relatando as conversas, percursos, com o intuito de talvez entender a vida. Através do ato de fotografar e filmar, propiciados pelo saber antropológico e uma heterogeneidade de elementos, matérias, substâncias que estavam atuando no campo. Que dão textura, cor e sabor às memórias, intensificando a experiência. Para isso, pretendo organizar as experiências do sentido, às vezes intraduzíveis por minhas limitações e outras vezes captadas pelo obturador da máquina fotográfica. Explicitar os termos de uma

etnografia que tomei como sensorial e que nem eu mesmo ainda sei os limites desse empreendimento que nesse momento se pretende científico.

Como já sinalizei acima, este projeto possui algumas características inerentes ao campo da antropologia da imagem, mas também propõe um diálogo já iniciado com a área do Patrimônio e da Museologia. Para ajudar a construir essas pontes de mediação interdisciplinar, pretendo mobilizar as minhas experiências enquanto profissional da fotografia e da arte. Alargadas a partir do trabalho de campo produzido durante a minha formação, o trabalho costura minhas experiências a um debate a respeito da cognição e da percepção, vivenciados e refletidos nesse que foi o primeiro momento da pesquisa onde as imagens foram produzidas. Acredito também nesse gesto de retorno como um gesto que segue outros trabalhos, característicos da Antropologia visual. Cada vez mais conectada a uma antropologia pública que considera novos meios de difusão do conhecimento. Desejo, portanto, refletir sobre os meios, as técnicas e tecnologias contemporâneas de produção e gerenciamento de imagens e memórias. Levando em conta que nem todos têm acesso a esses meios de produção, o que dificulta muitas vezes o compartilhamento. Nesse caso, há uma busca por um trabalho que também reflita sobre a simetrias e assimetrias no trabalho antropológico; em conformidade com o que pensam Grimshaw e Ravetz:

Nosso interesse, ao nos engajarmos nessas questões, é parcialmente derivado do desejo de fomentar um diálogo antropológico mais expandido. Em um momento no qual antropólogos estão cada vez mais trabalhando com uma gama de meios (escrita, desenho, fotografia, paisagens sonoras, internet, etc.), parece importante criar uma linguagem crítica que possa abranger diversas abordagens e perspectivas – algo que nos permita conversar entre nós, enquanto, ao mesmo tempo, permita conservar e entender o que é único às formas ou mídias específicas através das quais nos engajamos nos problemas. (GRIMSHAW; RAVETZ, 2021, p.03)

Uma das minhas expectativas neste trabalho é encontrar um jeito de corpo que se ordene, um gesto que possa ser sistematizado, ao retomar esses arquivos de imagens. Continuar trilhando as linhas sinuosas dos guias espirituais que habitam o cotidiano da aldeia. Sintonizar, intuir, firmar uma aliança situada no terreiro, território hiper-sagrado dentro do território da aldeia. A afirmação no terreiro é um gesto praticado pelos filhos das religiões de matriz afro-indígena-brasileira. Pedindo passagem à uma entidade, no meu entendimento também à uma identidade. Acendendo uma vela, batendo o pé, afirmando o axé na casa. Colocando-se no centro e ao mesmo tempo diluído entre todos.

Um Sentir, gesto intraduzível. Para mim, um método. Concentrar-se para atingir um objetivo, cumprir uma tarefa, sempre retornando àquele lugar, onde se assenta. Lugar escolhido para seu desenvolvimento, o terreiro da nossa casa, onde nos cuidamos e cuidamos de muitos que precisam e também o lugar onde estou firmando uma aliança de aprendizagem. Continuidade, retorno às questões, seguindo com o problema, nas palavras de Donna Haraway (2016), “gerando parentesco”. Problematizar as imagens, gerando narrativas, contando histórias de pessoas em um ponto desse planeta que tem produzido um estado de invenção que pode inspirar a outros movimentos. E algumas perguntas se mostram imperiosas, como que a problematizarem os objetivos, sejam eles gerais ou específicos: como pensar sobre nós, sujeitos históricos, nossas ações, nossas memórias, como um dispositivo de saber acadêmico?

Hipótese

Para se chegar à hipótese deste trabalho, foi significativo o fato de ter vivenciado a Retomada da Pedreira, movimento no qual estive engajado. Mas também foi importante ter vivenciado outros territórios. A manutenção da memória dessa Retomada fez com que eu avançasse e assumisse um compromisso com esses arquivos e com as pessoas representadas neles. Parte desse arquivo foi exposto no Museu Pitaguary durante um tempo considerável, tendo sido posteriormente desfeito. Assim, a memória dessa Retomada foi sendo mobilizada pelos Pitaguary e pelas redes de apoio que caminham junto a esse povo.

Na continuidade dos anos, os registros foram tanto extrapolando o território da Retomada, quanto adentrando as casas e terreiros. Nesse arquivo acumulado, há registros variados de eventos e do cotidiano da Aldeia. Nos anos que se seguiram, os fins e o tratamento dado a essas imagens tiveram objetivos concretos nos primeiros anos, conforme as mudanças de perspectiva e do foco da produção. O aparato que fez com que as primeiras imagens tivessem uma circulação e maior visibilidade foram se desmanchando enquanto suporte e meio de difusão dessa produção imagética.

No entanto, é fato que, como pesquisadores, temos preocupações diferentes das de nossos interlocutores. Pessoas com quem trabalhamos, entrando em suas vidas. No meu caso, entre eles encontrei muita generosidade. Geralmente, pesquisadores têm seus interesses, problemáticas e teorias específicas. Nem sempre, ou quase nunca, as pessoas estão interessadas em estudar juntas

determinadas questões. No caso da família Gordinho, onde fui acolhido com generosidade e com quem tenho trabalhado na aldeia do povo Pitaguary, há uma particularidade que fui percebendo durante o movimento deles dentro da aldeia. Um Movimento entres “as casas”, nas quais eles habitam e que dividem com muitos convidados e visitantes, há também os filhos da casa de Umbanda. Filhos do terreiro, como eu mesmo me tornei. Pessoas que passam a integrar a família. Seja com maior ou menor intensidade, todos se fazem ou são incorporados como os de casa e filhos.

Insisto então em perguntar: em que medida os pressupostos universalistas ocidentais podem responder a questões relativas às imagens e indicar os meios até então privilegiados de mediação da memória, considerando como ponto de partida a vida do povo Pitaguary? Essa pergunta persiste para que se vá além do que se convencionou chamar de tradição oral, para falar da transmissão de conhecimentos em uma universalização em certa medida desse estatuto. Uma questão que identifiquei em campo é que, quase sempre a oralidade está articulada à corporeidade.

Ao participar de rituais e do cotidiano Pitaguary, aprendi a sentir essa modalidade de transmissão do conhecimento e da performance envolvida. Mobilizando emoções, energias e, muitas vezes, orientando os registros no trabalho de campo. Aqui vou restringir ao trabalho com as imagens, mas tais prerrogativas serviriam para informar sobre qualquer mediação que desestabiliza e explicita as categorias, trocas e percepções em fluxo no movimento mobilizado por práticas e habilidades mnemotécnicas.

Acredito que em cada uso particularizado e situado de uma técnica, para preservar ou prolongar a memória de um evento, ritual ou mesmo da imagem de um ser humanos ou não humano, deve conferir a cada,

Em regra, encontramos imagens em situação de performance; mas sua qualidade performática é depreciada pelas atuais terminologias do discurso. Podemos lembrar que as imagens não estão simplesmente ali, mas chegam com uma mise-en-scène predeterminada, que também inclui um lugar predeterminado para sua percepção, o qual elas guiam por meio de performance”. (BELTING, 2005, p.73).

Ou seja, quem performatiza as imagens e quais olhares se inter cruzam nessa performance? O mesmo Hans Belting ainda defende que: “Graças a seus media, elas já possuem a presença daquilo de que elas precisam para representar. Portanto o enigma das imagens – ser ou significar a presença de uma ausência – resulta, pelo

menos em parte, de nossa capacidade de distinguir imagem de médium”. (BELTING, 2005, p.75).

Acerca disso, o que pude experimentar foi uma diversidade muito grande de concepções e sentimentos relativos à imagem e à memória. E foi me engajando no cotidiano, para além do âmbito da Retomada, que pude entrar em uma sintonia com algumas dessas concepções e sentimentos. Para Retomar as Imagens, foi preciso muito mais do que olhar para o tempo passado do calendário, já que o tempo estava atuando entre nós. A vida continua e lembranças traumáticas de um evento nem sempre são bem-vindas. “Resistência” é uma palavra bonita e nos inspira, mas no cotidiano para resistir há muitos percalços.

Quanto menos eu olhava para trás e entrava em sintonia com a vida que pulsava na minha frente mais conseguia avançar e era convidado a conhecer ainda mais. Então acredito que nós que trabalhamos e queremos pensar com imagens não precisamos estar presos a processos convencionais de análise. Temos de abrir os sentidos às possibilidades que são compartilhadas conosco em campo. Estar dispostos a aprender sobre outros meios de operacionalidade. Usar ferramentas que não utilizamos, deixar ser guiado. Nas palavras de Tim Ingold, corresponder. Corresponder com a vida e suas possibilidades, é não estabelecer fronteiras entre os mundos dos seres vivos. (INGOLD, 2020).

Fundamentação teórica: a vida fazendo teoria

Ao desenvolver essa pesquisa posso dizer que me meti numa encruzilhada. Que bom que estou nela atento. Uma encruzilhada teórica, e das boas. Grandes pensadores, devo admitir, que é um trabalho informado em boa medida por autores homens, europeus, brancos. E isso também traz suas consequências. Mas que não teria vindo até aqui com eles se não acreditasse que isso fosse um incômodo. Tive muitas leituras, diversas vozes que me acompanharam. A algumas eu quero ter oportunidade de retomar no corpo do texto, na etnografia, acho que muitos pensamentos nos acompanham e nos ajudam a entender nossas experiências. Não explicar todas, outras simplesmente não conseguimos trazer para conversa de forma íntegra. A obra *A queda do céu*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert, por exemplo, me acompanha há um tempo. As visões xamânicas, as interpretações sobre a imagem solicitadas por ambos, autores que se corporificam em um só durante seu *pacto*

etnográfico (VIVEIROS, 2016). A Utupe (Todo ente possui uma "imagem" (utupë a, pl. utupa pé) do tempo das origens, que os xamãs podem "chamar", "fazer descer" e "fazer dançar" enquanto "espírito auxiliar" (xapiri a), as peles de imagem – fotografias, textos dos homens brancos - estive tão enredado a esses pensamentos. Em casa ou em meio ao terreiro, experimentando essas outras imagens. Imagens que vinham a meu corpo, sensações, embevecido por palavras e sentimentos, refletindo junto com Kopenawa: “Cada vez que bebemos pó de *yãkoana*, os *xapiri* descem de suas casas fincadas no peito do céu. Vêm a nós dançando sobre seus espelhos, como imagens de televisão”. (KOPENAWA, 2016, p.172).

Davi fez *antropologia reversa*, teorizou sobre os brancos, o próprio Roy Wagner constatou quando se encontrou com ele (Ferrari, F., Dulley, I., Pinheiro, J., Valentini, L., Sztutman, R., & Marras, S. 2012). Está também no prefácio de *A queda do Céu* (2016), escrito por Viveiro de Castro “à fixação dos Brancos na relação de propriedade e na *forma-mercadoria*. Eles são "apaixonados" pelas mercadorias, as quais seu pensamento permanece completamente "aprisionado" (Kopenawa, 2016, p.37). Se etnografar é também teorizar, como afirma Mariza Peirano, Davi tem teorizado praticando a resistência aos comedores da floresta.

Arte e antropologia

Conforme já foi dito, a pesquisa cujos resultados são apresentados neste trabalho se situa no campo da antropologia da imagem que, como se sabe, não constitui um campo de pesquisa novo. Segundo Samain, esse campo já pode ser percebido no início do século XX. Nas suas palavras ele cita “Aby Warburg que, nos inícios do século vinte, em Hamburgo, já explorava este campo das interrelações entre Antropologia, Imagens e Arte, antecipando toda uma reflexão atual”. (SAMAIN, 2014, p.50).

Ainda nesse campo de referenciais teóricos, devemos considerar a atual conjuntura na qual as imagens são produzidas no contexto social que predomina em nossa sociedade euroamericana. A isso se deve somar a alta circulação de imagens, alocada fortemente pelos media portáteis no mundo virtual. Estes suportes têm chamado a atenção pelo seu poder de concentração e “pasteurização da imagem”, fenômeno também tratado como *patina*, já que trata com imagens emolduradas e

vinculadas à mídia tecnológica padronizada por softwares e plataformas virtuais e interativas da internet. Como Belting sinalizou, em tempos como esses, sempre há uma confusão entre a imagem e seus suportes. Segundo ele: “Graças a seus media, elas já possuem a presença daquilo de que elas precisam para representar. Portanto o enigma das imagens – ser ou significar a presença de uma ausência – resulta, pelo menos em parte, de nossa capacidade de distinguir imagem de médium”. (BELTING, 2005, p.75).

Essa situação torna imprescindível que no seu trabalho o pesquisador leve a sério as fontes e suas inscrições, o que já é muito comum nos trabalhos com documentos, fotografias e materiais que quase sempre estão fora de seu contexto original de produção. Quando pouco organizados, sem a descrição do suporte material, no caso de uma fotografia, tão pouco sabemos a sua natureza. Como Piault previa uma “modelização universal” na ordem dominante das tecnologias, assim “O objetivo não é mais, na realidade, descrever os fatos e os objetos, mas tornar pensável a possibilidade de toda a relação e a necessidade de se estabelecer uma troca, qualquer que seja a probabilidade de realizá-la como compreensão efetiva. (PIAULT, 1999, p.18).

Com a clareza de que as narrativas são constituídas de diversos investimentos heurísticos, o investimento, também na reflexão sobre esse processo, pode ser um passo para desmistificar o trabalho científico. Faz-se necessário, portanto, encarnar os gestos e materiais em seus movimentos, dando mais legibilidade a eles e menos estatuto de objetividade, como parece ensinar o próprio Piault, ao dizer que:

Essa “elaboração fílmica, isto é, o processo completo que vai da decisão de filmar até a apresentação do filme, passando por todas as negociações que levaram à realização, implica um desvelamento progressivo da intencionalidade antropológica. É aqui, em definitivo, que se encontra o verdadeiro objeto-sujeito da pesquisa”. (PIAULT, 1999, p.21).

Essa intencionalidade antropológica, deve ser a soma, conjunto do empreendimento da pesquisa, já que é ela quem acaba norteando a produção. Quando isso acontece é sinal de que o autor conseguiu extrair questões postas pelas demandas do *fieldwork*⁴. Que outros olhares estariam orientando para onde e de onde a câmera se posiciona? A experiência descrita de quem é quem, posiciona e acrescenta camadas e perspectivas, elaborando um quadro mais permeável, o que nos coloca de acordo com Piault, ao afirmar que “A abordagem é necessariamente

⁴ Como se diz comumente sobre trabalho de campo em língua inglesa.

uma mise-en-scène, uma produção construída em uma forma suscetível de ser identificada por um ou muitos públicos adequados”. (PIAULT, 1999, p.21).

Aplicando essa diretriz ao trabalho do antropólogo-fotógrafo em campo, pergunta-se: ainda é um projeto utópico o de Marc Piaux? Já que, segundo ele próprio:

Tratar-se-ia, em suma, de um filme jamais acabado ou então de séries nas quais os episódios se responderiam mutuamente sem cessar, permitindo, a cada um exprimir seu ponto de vista sobre o real e os efeitos dessa posição sobre os protagonistas de uma situação em permanente reajustamento. (PIAULT, 1999, pág.25).

Imaginei uma sala com várias telas espalhadas e muitas instalações. Nesse ponto, há de se reconhecer um pensamento de vanguarda em Piaux que, além de trazer uma reflexão para toda a atuação no campo antropológico, independente se audiovisual ou não, desvela esse estatuto da verdade (realidade). Há de se levar em conta que boa parte da produção de arte contemporânea visual, a partir dos anos 2000, tem aumentado significativamente o uso de telas projetadas em salas, onde são distribuídas instalações videográficas produzidas por artistas que se utilizam de materiais variados em suas produções. Muitas vezes os filmes são reproduzidos em telas diferentes, onde, inclusive, os procedimentos de realização são identificáveis.

O autor propõe um “deslocamento da atenção em direção às condições mesmas da produção de imagens, privilegiando a relação instaurada no quadro de uma situação antropológica”. (PIAULT, 1999, p.25). Para o autor “não se encontra aqui em jogo a questão do real, mas que este é interrogado a respeito do que transmite a imagem fílmica”. (PIAULT, 1999, pág.28). Nessa forma de ver, ela pode suportar ou servir de tradutora de algumas relações, na medida em que o “observador advertido apreenderia o que sustenta as situações e as relações sociais na sua verdade íntima e última.” (PIAULT, 1999, pág.28). Ainda segundo ele, um clássico contemporâneo:

Parte de uma técnica de registro e de representação, a imagem antropológica, ou melhor, a imagem como produção antropológica, é, em seguida, constituída como objeto no conjunto categorial da representação. Ela participava, assim, da deriva do modernismo, identificando o significante ao signo e tomando as palavras pelas coisas. Hoje, nós tentamos dar conta da abordagem como tal: na apreensão, na transferência que ela busca do vivido às suas representações, contra uma outra abordagem, aquela de quem e a que ela se dirige e que, no entanto, a observa e a interroga”. (PIAULT, 1999, p.24).

Na mesma direção de um certo desvelamento da situacionalidade, uma forma de ler e ver o processo de produção da imagem pelo antropólogo, Mac Dougall defende que:

Vemos com nossos corpos, e qualquer imagem que façamos carrega a marca de nosso corpo; (...) quando observamos com intenção, e quando pensamos, complicamos o processo de visão enormemente. Nós o investimos de desejos e respostas elevadas. As imagens que fazemos se tornam artefatos disso. Elas são, em certo sentido, espelhos de nossos corpos, replicando o todo das atividades do corpo, com seus movimentos físicos, sua atenção que vai mudando de foco e seus impulsos conflitantes no sentido da ordem e desordem. Uma construção complexa como um filme ou fotografia tem uma origem animal. Imagens corporais não são apenas imagens de nossos corpos; elas são também imagens do corpo atrás da câmera e de suas relações com o mundo. (MAC DOUGALL, 2009 p. 63).

Em seus filmes, Dougall, assim como Jean Rouch, adotaram posturas inovadoras no campo, principalmente na utilização da câmera. Além de elaborarem reflexões e conceitos sobre esse trabalho, como foi o caso de *Cine-Transe* de Jean Rouch. Incorporando e acolhendo propostas de seus interlocutores, Jean Rouch subverteu o padrão das pesquisas com sua câmera na mão, assim como Dougall. Repensando suas posições e de seus corpos, na feitura das imagens e no encontro com outros corpos. Sobre *Cine-Transe* mais à frente farei algumas considerações adicionais sobre o trabalho de *encorporação* (GONÇALVES, 2009) de visões, cosmologias, trabalho de xamanismos, giras e pajelanças.

A contribuição do audiovisual para o debate sobre o estatuto de verdade

Citarei algumas produções que merecem destaque aqui no Ceará, na antropologia visual. Talvez por ter atuado como documentarista, fotógrafo e vídeo-maker junto às artes cênicas, e andar rodeando o teatro, meu primeiro contato com a antropologia foi justamente no campo da antropologia visual. Eu participava de um grupo de pesquisa com Oswald Barroso no Teatro José de Alencar (2007). Ali, acabei participando de alguns encontros, fóruns e festivais. Um deles foi justamente um evento de antropologia visual. Não tenho a data precisa, mas sei que era promovido por um laboratório da UFC. Na ocasião, o Etienne Samain estava presente lançando um livro. Mesmo tendo comprado e lido o livro, não me recordo de outros encontros com a disciplina, a não ser em campo, dialogando e participando de outras pesquisas como documentarista e admirando o trabalho de Claudia Andujar com os Yanomâmi.

Recentemente tive oportunidade de conhecer melhor o campo da antropologia visual. Tive a oportunidade de participar da Mostra Pierre Verger na UNILAB, que teve como organizador o professor Alexandre Fleming Câmara Valle, da UFC. Animado, busquei mais informações na própria instituição, aonde terminei me inserindo como

ouvinte na disciplina de Antropologia Visual, ministrada pelo próprio professor Alexandre Fleming. Lá, tive a primeira oportunidade de discutir algumas ideias próprias ao campo, rever algo que já havia visto e pôr em perspectiva meus caminhos.

Assistindo novamente produções de Jean Rouch, em paralelo nos encontrávamos em salas virtuais para ouvir as biografias no projeto “Trajetórias pessoais na antropologia visual do Brasil”. Uma série de entrevistas que estão sendo feitas em parceria entre o Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas - LABOME/UVA-Sobral-CE e a editora Sertão Cult, com apoio do Comitê de Antropologia Visual da Associação Brasileira de Antropologia - CAV/ABA.

Foi uma bela e oportuna atualização, que se deu de forma concomitante. Posteriormente, agora para ser mais exato em março de 2021, estou em meio a um curso de Antropologia da Arte, como ouvinte, também na UFC, onde o professor Kleiton Ratts trouxe textos clássicos e discursões contemporâneas ancoradas nos debates sobre estética, imagens da ciência, arte e religião. Resumindo: para melhor me inserir na Antropologia Visual e da Arte, tive que correr atrás dessa produção e estou feliz por isso.

Metodologia: *Etnografia, método de introduzir vida na escrita*

Como podemos retomar memórias que não possuem suportes materiais? Onde os dados não estão inscritos? A subjetividade impregna qualquer trabalho, invertendo procedimentos, buscando na caixa novas e velhas ferramentas que moldem memórias, palavras e sentimentos. Artíficos e artefatos de um saber em contínua presentificação. O que constituiria esse lugar de luta pela atualização memorativa, rastro de tentativas e erros, quadro de fenômenos distantes no tempo?

No momento eu ainda não teria resposta. Tenho apenas uma intuição que o gesto de alimentar esses fenômenos, um quadro deles, ilumina e aponta na direção de uma performatividade da criação metodológica científica, epistêmica, que adere ao corpo de possibilidades do gesto. Mantendo um quadro crítico da pesquisa, bom motivo na sordidez dos dias. Levantar-se para provocar as energias na monotonia cotidiana. Um lento embate com as lembranças que no emaranhado dos desejos, na pulsação do olhar os caminhos, não sabe exatamente que fios puxar. Para cada rememoração uma conversa infinita, uma estrada de acessos múltiplos.

Que memórias seriam a do etnógrafo e a dos informantes? Essas imagens estão vinculadas aos movimentos que não podem ser precisados, apenas ressignificados na escrita. As imagens que nos colocam de pé são as melhores, são as que convocam e dão sentido e mobilização a ação e a retomada da vida. Contágios do bem, de movimentos, das sobrevivências que fazem dançar do arco dos pés até o último fio da cabeleira que se penteia.

Fotografias x desenho

Com uma abordagem fenomenológica da percepção e sobre as formas de aprendizado, fui acumulando algumas questões, trazidas pelo antropólogo Tim Ingold e que me fizeram pensar sobre os trabalhos de antropologia visual. Na tentativa também de contornar sua crítica sobre o trabalho com a câmera fotográfica, exposta no capítulo 18 do livro *Estar Vivo* (2015), descubro outros sinônimos para o estar desenhando juntos: fazer, observar, descrever.

Esse capítulo se desenvolve com a proposta de uma antropologia gráfica, que vê no desenho manual uma certa vantagem sobre as outras formas de expressão visuais usadas por trabalhadores do campo.

Na antropologia recente, no entanto, o potencial do desenho para acoplar observação e descrição tem sido largamente eclipsado por uma dicotomia primordial entre o texto escrito e a imagem visual. A subdisciplina da antropologia visual, em particular, tem investido fortemente nesta dicotomia. (INGOLD, 2015, Pág.321).

Quero me deter melhor sobre esse ponto, não advogando pela fotografia, mas acompanhando os passos do autor e das autoras Anna Grimshaw e Amanda Ravetz, antropólogas visuais, que entram nesse debate provocadas por Ingold. Seguindo suas linhas e suas observações contundentes acerca do estudo da luz e do engajamento sensorial, tão caro às suas análises analógicas instigantes,

Refiro-me antes ao acoplamento íntimo do movimento da atenção do observador com correntes de atividade no ambiente (INGOLD, 2000a: 108). Observar não é tanto ver o que está “aí” quanto observar o que está acontecendo. Seu objetivo, portanto, não é representar o observado, mas participar com ele do mesmo movimento generativo. (INGOLD, 2015, Pág.319).

Ainda para Ingold: “Improvisar é seguir os modos do mundo à medida que eles se desenrolam, e não se conectar, em retrospecto, uma série de pontos já percorridos”. (INGOLD, 2012, p.38). Continuando a acompanhar seu raciocínio, o

percebo afirmando que: “Essa visão viria a ser ecoada pelo antropólogo Gregory Bateson (1973, p. 429) numa palestra proferida em 1970, na qual ele declarou que “o mundo mental – a mente, o mundo do processamento da informação – não é delimitado pela pele”. Bem mais recentemente, o filósofo Andy Clark fez o mesmo ponto. A mente, nos diz Clark (1997, p. 53), é um “órgão vazado”, que não pode ser confinado do crânio, que se mistura com o corpo e com o mundo durante a execução de suas operações. Mais precisamente, ele deveria ter dito que o crânio é vazado, e que é a mente que vaza através dele”! (INGOLD, 2012, pág.42).

Meu foco no movimento foi consequência de experiências anteriores, trabalhando com Dança, como documentarista e artista criador. O olhar estava quase sempre voltado a uma imagem corporal que se deslocava no espaço. O movimento criador estimulante vinha da autoconsciência de meus interlocutores de que a vida cotidiana tende a nos enrijecer. Os caminhos pelas trilhas da aldeia que nos levam de casa em casa, de terreiro em terreiro, se convertiam, para mim, num trabalho elaborado com vista a manter também a sanidade mental aprendendo sobre as curas. Trabalho sofisticado que mobilizava corpo, mente e a alma, à medida que fui me dando conta dos sentidos escondidos nas imagens e memórias que comigo iam percorrendo esses caminhos. Foi ao habitar esse ambiente, adotando essa percepção, que compreendi, como atesta Ingold, que estudar Antropologia, “trata-se, literalmente, de iniciar o movimento *ao longo* de um caminho de vida” (INGOLD, 2015, P.38).

Dentre as inúmeras ideias de Tim Ingold sobre o trabalho antropológico que me estimulam, as suas reflexões inspiradas em James Gibson, Maurice Merleau Ponty, Henri Bérghson e Deleuze são as que mais me movem. A constatação de que o indivíduo, “o percebedor-produtor é, portanto, um caminhante, e o modo de produção é ele mesmo uma trilha traçada ou um caminho seguido” (INGOLD, 2015, Pág.38) me tocaram de forma bem particular.

Para ele, a vida é percebida a partir do movimento, focando nos corpos em devires. Foi a partir desse pensamento que meu olhar foi acumulando, “ao longo desses caminhos onde vidas são vividas, habilidades desenvolvidas, observações feitas e entendimentos crescendo. (INGOLD, 2015, Pág.38). Portanto, trata-se de um trabalho de movimento longo no tempo e espaço, definido por essas linhas que venho acompanhando e que esboço aqui.

Pretendo desenvolver uma análise desse acoplamento sensorial proposto por Ingold. Acho que a companhia desse autor, de tempos que me remontam a uma formação em vídeo-dança no ano de 2016, abriram meus olhos para as práticas fotográficas em consonância com a dança. Naquele ano eu já vislumbrava esse trabalho de alguma forma e ele me acompanhou.

Meu primeiro TCC foi fundamental para pensar um envolvimento tátil com os materiais. Imagens que foram recortadas e montadas com papel e tesoura. Um trabalho de corte e habilidade manual que me deixou marcas nas mãos. Posso dizer que se trata de uma memória pretérita dos gestos engajados naquele momento que me leva a repensar o próprio estatuto da produção, ainda mirando em Ingold, como afirmei naquela ocasião:

A produção, segundo Ingold, deve ser entendida intransitivamente, não como uma relação imagem/objeto. Isso implica o verbo produzir junto a outros como esperar, crescer e habitar, concebido como algo que não teria seus fins implicados de antemão a um fim estabelecido. E continua indefinidamente, sem começo nem fim, pontuado. (HERMES, 2017, p.33).

Agora, uma reflexão sobre a luz merece um destaque maior. Pensando sobre como conhecemos e educamos nossa percepção sob a mediação e textualidade da luz, o autor que me inspira nos inquire sobre ela:

Claramente, a luz é essencial para o crescimento orgânico, não haveria vida sem ela. Mas é também essencial para a visão: não poderíamos ver sem ela. No entanto, a experiência da luz tem sido marginalizada por reduções paralelas por parte tanto da biociência quanto dos estudos visuais. (INGOLD, 2015, p.210).

Em um espectro amplo desse olhar para a luminosidade e para a luz como matéria, fui capturado. O trabalho com a luz que o fotógrafo empreende é um começar a enxergá-la. Dizemos que quando começamos a enxergar a luz começamos a entender o trabalho fotográfico, já que a mesma é a sua matéria prima:

Para recuperar as correntes de vida, e de consciência sensorial, precisamos participar dos movimentos que dão origem a coisas em vez de lançar a nossa atenção de volta para as suas formas objetivas e objetificadas. Precisamos, em uma palavra, desfazer a operação de inversão, abandonar as fixidades de genes, imagens, gravações e paisagens para os movimentos geradores, respectivamente, da vida, luz, som e tempo. (INGOLD, 2015, p.212).

Uma História, no sentido dado pelo antropólogo Tim Ingold, tomando a vida das imagens, “como um movimento de abertura não de encerramento” (INGOLD, 2015, p.26). A vida depende de um investimento, engajamento; onde pessoas, seres, objetos, materiais estão imbricados em linhas, transformando e sendo transformadas. O que produzimos, “em sumo, não é a sociedade”, nos diz Ingold, mas o processo em

curso da vida social. Trabalhar, pesquisar a vida humana é explorar as condições de possibilidade de engajamento com eles. Para Ingold “Cada história de vida é a história de uma produção” (INGOLD 2015, p.26). Partindo desta ideia, penso no trabalho com as imagens, que dependem das vidas e ao mesmo tempo dão suporte a elas. Quero buscar entender as motivações, o impulso. O que mobiliza esses encontros mediados pelas imagens.

Boa parte desse diálogo, comecei a pensar durante a participação em uma disciplina de antropologia simétrica, com o professor Rafael Antunes Almeida, UNILAB/UFC. Foi neste curso que pude expor algumas inquietações e conhecer a bibliografia da chamada virada ontológica.

A antropologia simétrica em diálogo com os estudos sociais da ciência e da tecnologia; O pensamento de Bruno Latour; as críticas à ANT; A antropologia simétrica e a filosofia da diferença; Antropologia dos objetos; O pensamento de Donna Haraway; A obra de Anna Tsing; Etnografias e relações multiespécie; A virada ontológica na antropologia, seus desdobramentos e seus críticos; A antropologia de Tim Ingold e Marisol de la Cadena; Debates contemporâneos sobre o antropoceno. Todos esses tópicos da moderna antropologia foram apontando para novas direções, renovando os pensamentos, entrando em sintonia com algo que me chamava atenção e que eu havia intuído no meu primeiro texto sobre os Pitaguary, aquele sobre o qual fiz referência no começo desse trabalho. Ao falar de “como seria o coração de uma árvore? Teria uma cor vermelha também? Seria grande? Que equivalência teria? Em que proporção levaríamos em conta se alguém nos houvesse inventado e proposto essa metáfora”.

Localizando os Pitaguary

O Território Pitaguary onde fica a aldeia Monguba, local onde se passa a maior parte da pesquisa, fica a aproximadamente 30 Km de Fortaleza e 40 km de Redenção, na região leste do Estado do Ceará. Além do território da aldeia Monguba existem outras aldeias. Santo Antônio, Pau Branco, Olho D'Água, Horto e Monguba. Essa população vive no pé da Serra de Aratanha. A Monguba faz parte do município de Pacatuba. A Terra Indígena Pitaguary foi identificada pela FUNAI no ano de 2000 e declarada em 2006 e ainda aguarda a sua demarcação. Com uma população estimada em 4000 em uma área de 2000 hectares. Sendo que o território da Monguba

possui apenas 320 hectares. A aldeia Monguba fica próximo a CE- 060 e foi cortada por uma estrada de ferro hoje desativada. Possui a escola indígena Ita-Ara e um posto de saúde.

Comedores de Pedra

Ana Clécia Pitaguary, uma liderança que me acolheu nos primeiros dias na aldeia em muitas oportunidades mostrava-se muito indignada com as pedreiras. Tinha suas razões, resultantes de anos convivendo com eles. Ela se perguntava: “será que eles comem essas pedras? Davi Kopenawa também tem dessas, ao se referir aos homens brancos como comedores de floresta e também “comedores de terra cheios de fumaças de epidemia. Acham-se todo-poderosos, mas seu pensamento é cheio de escuridão”. (KOPENAWA, 2016, p.358). O território brasileiro é brutalmente enfeitado desse genocídio industrial, desse uso desprovido da consciência de que a terra é um ser vivo. Ailton Krenak tem proposições muito lúcidas acerca disto:

Ser filho da Terra pode estar muito próximo da ideia de maternidade que algumas culturas têm. De vínculo com a mãe. O que não é uma expressão poética. É de verdade. Na seiva das árvores corre o mesmo sangue que corre nas nossas veias, elas são vivas, elas dão sonhos, dão medicina, dão visão para o nosso pajé. (KRENAK, 2017, p.122).

Três pedreiras funcionam dentro do território Pitaguary, afetando a vida das aldeias e de seus moradores. Duas ainda funcionam. Uma delas é a Britacet, que comprou a terceira. Seu proprietário, Abdias Veras Neto, é presidente do Sindicato das Indústrias de Extração e Beneficiamento de Rochas para Britagem do Estado do Ceará (Sindbrita). Esses *comedores de terra* são a maior ameaça à vida no território Pitaguary. Com 2000 hectares de extensão, esse território é pequeno para a população atual de 4 mil indígenas. Os impactos gerados pela atividade de extração mineral de granito na T.I. Pitaguary são visíveis. Não precisa ser nenhum especialista para constatar. Esse impacto é sofrido no próprio corpo dos moradores. Assim como os problemas respiratórios que atingem principalmente as crianças, nas estruturas das casas próximas também se observam rachaduras. Para quem convive no território sempre escuta as explosões e o barulho intenso das máquinas. Também é grave o impacto sobre a natureza, como o secamento de nascentes, desaparecimento de espécies animais e vegetais na área impactada. Há uma sobreposição parcial da Terra Indígena Pitaguary e a APA da Serra da Aratanha. Com a recuperação do

território da pedreira vários seres retornaram a vida como Francilene Pitaguary me relatou e pude ser testemunha ao longo da pesquisa.

Capítulo 1: Primeiro movimento

A chegada no território: Alianças Vivas

E lá estava eu, em 2013, no território indígena Pitaguary. Na Retomada da Pedreira Encantada, junto com outras pessoas e movimentos sociais engajados com indígenas para resistir pelo direito à Terra e contra mais uma expropriação de direitos que estava prestes a se concretizar. O cenário era conflituoso, principalmente para os que tentavam assegurar o mínimo para os Parentes e Aliados. Foi em meio a reuniões à boca miúda, planos, estratégias, noites de vigília e a companhia dos encantados que se deu a Retomada. Entrando em sintonia com esse povo naquele momento e apoiando essa resistência com os meios que tinha, uma máquina fotográfica e uma certa experiência com a produção e difusão das imagens, foi assim que cheguei até aqui. É para partilhar parte dessa experiência e outras, da produção de imagens junto a esse povo que me sinto feliz ao escrever este trabalho.

Notificados pela Polícia Federal, a ordem judicial era de reintegração de posse de trinta e três hectares, reivindicados pela indústria mineradora Britaboa Ltda. O intuito dessa indústria era reativar os trabalhos de exploração da terra dentro de uma área declarada indígena pela Fundação Nacional do Índio em 2006. Foi nesse ambiente de pressão e medo que adentrei o universo particular desse povo. O movimento de ocupação se efetivou após os moradores receberem informações de que as atividades da pedreira seriam retomadas. Por causa da ocupação indígena, a empresa entrou com ação de reintegração de posse dos 33 hectares que estão dentro das terras indígenas. A ação foi ajuizada na 5ª Vara Federal, em Fortaleza.

Foi assim que tomei conhecimento do movimento indígena no Ceará. Bem mais tarde adentrei outras aldeias e fui ampliando o meu horizonte de conhecimento e compreensão sobre os povos indígenas. A aldeia Monguba Pitaguary, onde estávamos, fica entre os municípios de Pacatuba e Maracanaú, no Ceará. Como fotógrafo, fui convidado para “registrar” o momento fatídico do que seria aquele evento, a reintegração de posse pela polícia federal. A Retomada Pitaguary, que havia começado em novembro de 2011, estava ameaçada de continuar a ter seu êxito

naquele março de 2013. Acompanhei durante algumas semanas esse evento da ameaça de reintegração.

Um contexto turbulento

Passada temporariamente a ameaça da reintegração da Pedreira Encantada, e com a decisão da justiça de suspender a licença de exploração da empresa mineradora Brita Boa, que tentava retornar a operar na área indígena depois de quinze anos de inatividade, ainda houve outras investidas e o processo que continua em curso. Assim, a grande maioria de parentes e aliados que haviam atendido o chamado do povo Pitaguary levantou acampamento e seguiu suas vidas, retornando a suas próprias lutas. Suas vidas de luta estavam bem agitadas levando em consideração aqueles anos e o cenário em que se encontravam as lutas dos movimentos sociais. Além disso, havia muita agitação com a copa das confederações e os protestos com o aumento da passagem dos ônibus.

Aquele foi um período no qual a circulação das imagens foi intensa, já que elas foram publicadas independente da cobertura da grande mídia. Era o começo do desenvolvimento de ferramentas que auxiliariam as várias formas de resistência. As imagens eram publicadas em redes sociais, principalmente no Facebook, onde também publicamos as fotos da Retomada da Pedreira Encantada. As imagens eram das Rodas de Toré, da pintura corporal, pessoas e personagens importantes que eu desconhecia até aquele primeiro momento. Fomos todos tomados por aquela resistência que tinha um sentido diferente. Outras forças circulavam naquele território e eram constantemente evocadas principalmente nos momentos críticos da reintegração. As imagens desses movimentos em torno das rodas de Toré, da pisada no terreiro, da conexão entre indígenas e não indígenas, ganharam o mundo e reforçaram a luta. No saldo podia-se contar alguns aliados temporais e outros que permaneceram até hoje, depois de terem ajudado na convocatória à resistência Pitaguary. Todas aquelas mobilizações fizeram com que eu repensasse minhas atitudes enquanto fotógrafo profissional e ser social que não havia atuado e interagido com as populações indígenas.

Um dos movimentos que me despertou interesse de análise para esse trabalho e aconteceu naquele momento foi a mudança dos nomes das pessoas no Facebook em solidariedade aos indígenas Guarani Kaiowa. Esse mesmo gesto se repetiu com

os Pitaguary em âmbito local. Voltarei a esse evento com detalhes para explicar e analisar com mais informações os acontecimentos que tomei como históricos. O fato de parte de uma população se engajar na defesa dos povos indígenas, mediada por redes interativas, num momento em que grande parte da população brasileira começava a ter acesso à internet, telefonia móvel e plataforma pública de debate é muito significativo.

Em 2013, durante o período da ameaça de reintegração de posse jurídica do território e da Retomada da Pedreira na aldeia Monguba Pitaguary - que, na verdade já vinha acontecendo desde outubro de 2011 -, houve muitos movimentos e reuniões, assembleias, rituais para se manter no terreno, de pé e resistindo. Com a definição de uma data, por parte da justiça, para uma reintegração, a mobilização tomou outras proporções e aliados foram também convocados via redes sociais. Tomando um tempo pretérito até os dias atuais, para avaliar as condições e o cenário nessa distância de quase uma década, fui buscando fontes para pesquisa na internet, em blogs, sites e canais de Youtube que acompanharam o movimento indígena e que tiveram um aumento considerável de postagens naquela ocasião.

Naquele ano de 2013, praticamente metade da população brasileira com mais de 10 anos de idade já tinha acesso à Internet, o que era algo a celebrar. Mas, ao mesmo tempo, temos que reconhecer que ainda tínhamos outra metade excluída, vivendo ainda no século passado. Esta divisão mostra a força da desigualdade social brasileira presente em todos os campos. Só março de 2013 o Brasil ultrapassou o total de 264,05 milhões de linhas ativas na telefonia móvel, naquele momento isso representava 120 milhões de usuários de WhatsApp.

Foi por meio do trabalho ativista de tantas entidades que o Brasil conquistou, por exemplo, leis como a do combate ao racismo e de enfrentamento à violência contra as mulheres; políticas públicas como o seguro desemprego e o financiamento estudantil; programas de combate ao desmatamento e de proteção dos animais; a Lei anti-fumo e a Lei da Ficha Limpa, que nasceu da iniciativa da sociedade civil para combater a corrupção nas mais diferentes esferas no país.

No dia 27 de outubro de 2012 o ato Somos Tod@s Guarani-Kaiowa, que ocorreu em várias capitais do Brasil e em cidades no exterior, convocado por uma rede de mobilização em eventos criados no Facebook teve sua edição na capital

cearense no centro da cidade de Fortaleza⁵ e isso ajudou ainda mais a organização dos povos indígenas neste Estado.

O ato, como informa o site do Observatório Socioambiental, teve a participação das comunidades indígenas do Ceará, Tapeba e Pitaguary e se deu em apoio à luta dos índios Guarani e Kaiowa - do Mato Grosso do Sul -, ameaçados de perderem suas terras em função do avanço do agronegócio. Tive acesso ao vídeo do ato pelo canal do Youtube de Janete Melo, uma colaboradora, aliada na comunicação, ativista, geógrafa e promotora do evento Semana do Meio Ambiente. Nas imagens do Ato, identifiquei a participação bem maior de não-indígenas e muitas pessoas ligadas ao PSOL do Ceará. Puxando o Ato, à frente, está o Pajé Barbosa, Francilene Pitaguary e Marciane Tapeba. As fotos que se encontram no perfil do Facebook de Janete Melo foram tiradas por ela mesma. Outras pessoas que identifiquei, conheço e cito, já que também fazem parte dessa história, são: João Paulo Vieira, Oswald Barroso, Henrique Dídimo e Everton Damasceno.

De acordo com informações de João Paulo Vieira, descreve o site do Observatório Socioambiental, fazendo um paralelo com os Guarani, no Ceará, também ocorrem vários conflitos nas terras dos Tapeba (Caucaia), Jenipapo-Kanindé (Aquiraz), Anacê (Pecém – São Gonçalo do Amarante), Pitaguary (Pacatuba), Tremembé (Itarema e Itapipoca), Tabajara e Kalabaça (Poranga) e Tapuia Kariri (São Benedito). A matéria tem como fonte os diversos textos e o impacto produzido pela “carta suicida” dos Guarani. A tudo isso sempre acompanha a onda de protestos e declaração de solidariedade por meio das redes sociais.

Mas, esse diálogo entre os Pitaguary e A Semana do meio Ambiente, começa me parece, com uma participação, uma apresentação dos índios Pitaguary, no dia 09.06.2011 na praça do Ferreira, em Fortaleza. Alguns meses antes de entrar na Retomada do terreno da pedreira. O vídeo que traz o título “Dança indígena pela paz no planeta Terra”, complementa: “Uma belíssima demonstração da rica cultura e sabedoria indígena, no Coração da Cidade”⁶.

⁵ Ver: <<https://www.youtube.com/watch?v=-hfx6rlAy-0>> Acesso: 17/03/2021.

⁶ <<https://www.youtube.com/watch?v=ETLegPW4A2Q>>. Acesso: 17/03/2021.

Sobre algumas Alianças e parcerias

Na época da Retomada, fui convocado por um parceiro de trabalho, João Paulo Vieira, historiador colaborador da rede de museus comunitários cearense e da Rede Indígena de Memória e Museologia Social, pelas quais a partir daquele contato fui me interessando, através dos debates e do campo de atuação profissional. Naquele ano, em março de 2013, estávamos realizando um trabalho de formação patrimonial convidados pela Rede Cuca do Município de Fortaleza, que atende jovens e oferece formação continuada em diversas áreas. Outro parceiro nessa caminhada foi o Antropólogo, Alexandre Gomes. Seu trabalho, uma dissertação de 2011, com o museu dos Kanindé de Aratuba, me inspirou a dar início a essa pesquisa formalmente buscando um diálogo com o museu Pitaguary.

Eu havia encontrado alguns parceiros e tinha começado a aprender sobre Museologia e Patrimônio com eles e suas redes de relações institucionais e acadêmicas, que se revelaram no decorrer do trabalho, na medida em que fui me aproximando dos atores envolvidos. Essas relações que destaco aqui tiveram início no curso de história da Universidade Federal do Ceará e se desdobram até o Museu do Ceará, onde atividades relativas à museologia social eram desenvolvidas. Ali, três atores se encontravam e dariam os primeiros passos junto a instituições e começando a desenvolver seus projetos e carreiras. Carolina Ruoso, Alexandre Gomes e João Paulo Vieira, todos estudantes de História. No Museu do Ceará, Gomes e Vieira fizeram suas primeiras pesquisas sobre os museus indígenas. Ruoso e Gomes posteriormente foram dar continuidade a sua formação na UFPE. Alexandre Gomes passou a desenvolver trabalhos com indígenas em Pernambuco e Vieira, com o projeto Historiando e a Rede de Museus comunitários aqui no Ceará.

No momento que encontrei Vieira, durante a Retomada, participei de reuniões de formação da rede e da exposição com o acervo do CDPDH. Posteriormente encontrei Ruoso como professora em curso de extensão que participei. História memória e patrimônio: elementos para formação profissional na cadeia patrimonial, em outubro de 2016. E Gomes no Fórum de museus indígenas em 2017, onde tivemos uma primeira aproximação. Em conversa com os três, Ruoso, Vieira e Gomes, eles me disseram que já haviam conhecido as imagens do meu trabalho pelas redes sociais, as da Retomada e outros trabalhos. Essas memórias de trabalho estão entremeadas com outras de muita afetividade de lugares e desses profissionais com

quem partilhei conhecimento e experiências. Preciso revisitar esses espaços retomando alguns fios dessas relações.

Carta à sociedade cearense

Uma carta endereçada à sociedade cearense pelos Pitaguary foi responsável por mobilizar pessoas a irem resistir junto a eles, em março de 2013. A carta dizia que eles iriam “resistir até nosso último índio”. A carta dos Pitaguary à sociedade cearense, publicada pelo site Racismo Ambiental, tinha uma foto que preparamos juntos para estar anexa a carta que afirmava:

“Diante de tais problemas, nós povo indígena Pitaguary, convocamos todos e todas que se solidarizam com nossa luta a nos apoiar, divulgando esta carta e se fazendo presentes conosco no distrito de Monguba-Pacatuba CE-060, KM 15, no próximo dia 21/03 (quinta-feira), véspera da data marcada para a reintegração de posse. Reafirmamos que essa luta não é apenas nossa, mas de todos os que foram e são oprimidos pelo modo de vida capitalista. O que acontece neste momento em nossas terras ocorre também com populações urbanas que estão sendo brutalmente removidas. Estes males, não podemos negar, são causados pela ganância de uma elite que quer lucrar de qualquer forma. Nosso chamado busca fortalecer nossa resistência e impedir, mais uma vez, a reabertura da pedreira na Terra Indígena Pitaguary, bem como afirmar, com todas as nossas forças, que não sairemos do nosso território tradicional e que lá permaneceremos até nosso último índio!!!” (Blog Acervo combate Racismo Ambiental).

A imprensa oficial local noticiou: “Reativação de pedreira em terras declaradas indígenas gera polêmica em Pacatuba”. A carta não foi publicada no jornal, porém, foram registradas as falas de algumas lideranças e a fotografia que fizemos para a divulgação em frente ao portão da entrada da Retomada:

“Os índios Pitaguary, residentes em Pacatuba, a 32 km de Fortaleza, ocupam, desde 15 de novembro de 2011, terreno da pedreira Britaboa Ltda., localizado dentro de terras declaradas indígenas pela Fundação Nacional do Índio (Funai) em 2006. O movimento de ocupação foi realizado após os moradores receberem informações que as atividades da pedreira seriam retomadas”. (Diário do Nordeste, 21 de março de 2013)

Nesse trecho, o texto jornalístico fala em movimento de ocupação, não em retomada. A notícia do que seria retomada são as atividades da pedreira depois de quinze anos. E a matéria continua: “A área habitável da terra indígena é pequena, diz advogada. Para os índios, a retomada da extração pela pedreira é prejudicial, pois, além do grande impacto ambiental, a área é utilizada como templo sagrado”, afirma

Daniella Alencar, advogada do Centro de Defesa de Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza, que presta assessoria jurídica à comunidade indígena. A advogada ainda destaca que, apesar da grande extensão das terras dos índios Pitaguary (1735 hectares), a área habitável é pequena, por se tratar de terreno localizado na Serra de Pacatuba: "Nosso apelo é que o Judiciário compreenda que a atividade naquele local é muito prejudicial para os Pitaguary", diz. Foi curioso reencontrar Daniella em meio a reintegração. Ela tinha sido uma aluna minha de fotografia no Teatro José de Alencar.

Esse cenário repercute a pouca afinidade dos meios de comunicação com os povos indígenas e suas pautas reivindicativas. A convocatória havia tido certo êxito pelo engajamento, não da sociedade cearense, mas de parte de alguns militantes engajados que já vinham se afinando ao enfrentar outros desafios na cidade de Fortaleza. Dos muitos projetos da chamada gentrificação urbana e de mais alguns outros, menos informados como eu, que aderiram aquele movimento.

A exposição das Imagens na Mangueira Sagrada

Naquele mesmo ano, alguns meses depois retornei às terras Pitaguary. Só que desta vez fui a uma festa, assim pude ser melhor apresentado aos convidados e posso dizer que naquele momento era considerado um convidado especial. Depois disso fui convidado a contribuir com a montagem de uma exposição das fotografias feitas durante a ameaça de reintegração. Voltaria então às imagens da Pedreira Encantada e daquele ato de resistência coletivo. Uma memória recente que estava sendo mobilizada em um encontro público, na Festa da Mangueira.

A Festa é um evento sócio-político no qual os Pitaguary investem esse momento e espaço de um simbolismo e significado extracomunitário e territorial. A festa tem lugar no dia treze de junho, um dia após a festa de Santo Antônio, santo que dá o nome àquela aldeia e é celebrado entre os indígenas e a igreja católica. A fartura de milho foi o que logo me chamou atenção: espigas cozidas, assadas e bolo que eram servidos nas barraquinhas montadas lá do outro lado, próximo à igreja do padroeiro.

Durantes àqueles três meses da minha experiência, as imagens haviam circulado um pouco. Eu criei alguns álbuns no Facebook e haviam muitos comentários sobre as imagens, parabenizando o trabalho e a resistência Pitaguary pelo êxito

temporário que a Retomada havia obtido. Com as fotografias impressas no tamanho 20x30, montamos a exposição que iria durar somente aquele período da festa. O local, as Mangueiras Sagradas, como pude me informar durante e posteriormente, através de pesquisas e outros retornos lá, é um espaço constantemente reconstruído por narrativas orais feitas a visitantes e pesquisadores.

Através de um vídeo pude assistir um encontro da década de noventa, da época em que o povo estava se “levantando”, como se diz no jargão antropológico e indígena. “As mangueiras”, portanto, representam um local de rituais e encontro, concebido como espaço de reuniões, lugar sagrado para o povo Pitaguary.

Nesse segundo encontro ocorreu tudo como planejado e as fotos foram expostas. Era um momento de reencontro com os colaboradores e de confraternização. Eu ainda conhecia muito pouco do que estava acontecendo e não fazia ideia até onde eu iria naquele ano de 2013. Já as pessoas e entidades presentes durante aqueles dois dias eram aliados importantes para a luta. O mais importante, sem dúvidas, era o Centro de Defesa e de Direitos Humanos, da Arquidiocese de Fortaleza. O CDPDH estava com sua equipe de colaboradores. Eles eram também os principais promotores da exposição e são aliados em ações e projetos em defesa da causa indígena. Trata-se de uma longa história com a igreja católica e que envolve também outras instituições como o Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Não consigo ter a precisão do número de fotografias expostas, em torno de trinta. Tiveram como suporte uma cartolina preta e um barbante, um cordão forte o suficiente para mantê-las no ar.

Com o barbante amarrado em torno dos troncos das mangueiras que ficavam no espaço periférico do terreiro, ali eu ajudei a montar essa exposição e participar um pouco daquele evento. Me recordo vagamente de alguns questionamentos sobre as imagens, mas não esqueço quando fui questionado por uma das lideranças, por que a sua foto não estava na exposição. Então respondi que havia feito uma curadoria com outras pessoas e não havia por parte de mim exclusivamente, uma decisão sobre quem estaria ou não. Na verdade, eu não sabia quase nada sobre quem estava nas fotos. Mas, naquele momento entendi que, além da necessidade de estar atento às questões estéticas, também deveria ter mais acuidade às questões da ordem do visível, organizadas em torno das lideranças e das demandas coletivas e individuais que se faziam presentes durante todo o trabalho que só começava.

A noite retornei a Fortaleza, fui até uma loja e mandei imprimir a foto daquela liderança. Esta decisão foi fundamental para que eu seguisse o sinal que foi me dado. O episódio também serviu para que eu entendesse, posteriormente, os caminhos e rumos que tomei em campo e para que eu pudesse me situar melhor, hoje e aqui, para os que irão ler esse trabalho.

Resolvido o pequeno mal-entendido com a fotografia da liderança como descrevi, quero retornar ao dia anterior, onde minhas memórias ainda são difusas. E mesmo com as imagens como suportes, tento discernir sobre os acontecimentos. Naquele dia 12 de junho de 2013 seria o dia em que eu iria ser capturado de uma vez para este trabalho. À noite haveria o ritual da Mangueira Sagrada e logo fiquei muito interessado em participar. A maioria das pessoas que haviam vindo para a Festa do Milho iriam retornar para casa, basicamente Fortaleza, e eu decidi ficar. Mesmo sem ter muita segurança se poderia registrar o ritual ou se teria onde ficar. Ninguém ao certo me informou da duração do ritual ou se eu poderia fotografar. Então acabei ficando por minha conta. Posteriormente soube que esses rituais se chamavam *pajelança* e eram conduzidos pelo Pajé Barbosa, com a presença dos indígenas e, em particular, seus filhos e filhas que também estavam presentes.

Na tentativa de resumir e fundir duas experiências temporais, como um exercício de montagem de imagens, vou retomar dois eventos, um dos quais já introduzi, quando falei do ano de 2013, e o outro que ocorreu em 2014, no mesmo local em que retornei um ano depois. Nesse intervalo não houve nenhum contato com os Pitaguary, mas na véspera do dia 12 de junho de 2014 lembrei da noite que havia passado fotografando a *pajelança* na aldeia Santo Antônio. Essas duas noites se fundem nas minhas memórias.

Quando cheguei para a Festa da Mangueira Sagrada no ano seguinte, havia um cenário muito parecido. A presença de autoridades locais, muitos alunos de colégios, pesquisadores, aliados. Assisti algumas pessoas falarem ao microfone entre rodadas de Toré, quando as pessoas se animavam e se juntavam indígenas e não indígenas. O finado Cacique Daniel estava à frente dos acontecimentos. Como uma importante liderança, conduzia o evento embaixo da Mangueira Sagrada. Me lembro de ter encontrado pessoas que participaram da resistência à reintegração de posse da Pedreira. Espalhadas pelo ambiente viam-se barraquinhas de comida e artesanato. Não consigo discernir muito sobre as particularidades de cada evento nos anos subsequentes somente através das minhas lembranças pessoais.

As imagens e as consultas que fiz ao longo dos anos às pessoas que estiveram naqueles dias me ajudaram muito a retomar alguns pontos. Imagens mentais de outras pessoas, interpretações, nomes dos presentes e dos ausentes. Gesto e corpos impressos nas imagens. Cápsulas do tempo que remontam às narrativas individuais e coletivas. Esse exercício me fez pensar muito sobre a ideia de ficção e realidade na escrita etnográfica (PIAULT, 1999).

Na retomada das fontes, escritas ou não, funcionamos como uma ilha de edição. O que mais me interessa nesse caso é explorar essa construção, coletiva sempre. Mesmas as fotografias que carregam esse índice de realidade são suportes, na verdade, de imagens-pensamento, podemos dizer assim. Esses suportes possuem suas próprias narrativas. O que nos leva a constatar que as imagens possuem uma vida própria. (SAMAIN, 2012; BELTING, 2005). Ao se fundirem a vários outros suportes e mnemotécnicas usadas na recomposição das narrativas, os movimentos das imagens comprovam que toda narrativa é negociada. Como no caso daquela da liderança que notou a ausência de sua imagem na exposição, existe sempre uma possibilidade de interferência nas narrativas. Trata-se de uma reivindicação propiciada por um meio discursivo que é sempre mobilizada através de algum suporte de media, seja uma imagem, corpo, texto ou relato oral que apresenta um traço particular.

Como esses caminhos se fundem e são elaborados é uma questão. Quando pedi para fotografar a pajelança recebi como resposta um “-Vamos ver... Quem sabe... diga para ele ficar aí e quem sabe dá certo?!” Então fui ficando e compreendendo que cada etapa da pesquisa é negociada naqueles terreiros dos Pitaguary. Mas também entendi que nem tudo podia ser mediado pelas imagens. Fui compreendendo os sentidos da presença ou ausência em determinadas situações ou ritos.

Muitas vezes as mediações não eram produzidas exatamente pelas pessoas encarnadas. Nem sempre as permissões eram dadas por gestos de uma liderança. Assim como o tempo tem sua ação sobre a natureza e uma imagem ganha uma certa beleza com o seu envelhecimento, segundo os Pitaguary, olhar para o que podem nos encantar exige uma certa preparação do tempo. De forças sobre as quais não temos controle. Então fui ficando atento a esses devires do imponderável em campo, principalmente à presença dos Encantados e aos gestos que precediam os acontecimentos.

Aos poucos fui aprendendo a ficar mais atento aos comentários sobre o comportamento da natureza, o canto de um pássaro, a correnteza das águas, o veio de uma árvore, as cores e densidade das folhas, o cheiro da madeira que queima na fogueira. E progressivamente fui produzindo uma certa sensibilidade que não passava apenas pelo olhar, mas por todos os sentidos possíveis. E, conforme os estímulos, àqueles momentos os sentidos iam sendo acionados e correspondiam em um alinhamento em movimento.

Memórias à luz da fogueira e tinta do Jenipapo

Retornando à Festa foi como dar continuidade à primeira experiência. Ao mesmo tempo era recomeçar. Depois de um ano não havia mantido contato direto e pessoal com os Pitaguary, muito menos ido ao território. Me identifiquei sem saber ao certo se eles tinham me reconhecido. No fundo eu precisava muito de estar naquele momento de ritual. Minha saúde não andava boa, minha cabeça muito menos e foi bem a propósito aquele novo encontro. As fotografias produzidas todas com pouca luz. A única fonte era a fogueira que possibilitou fazer uma fusão de corpos e luzes. Cores das folhagens da mangueira com as chamas. O movimento deve ter começado no cair da noite com os preparativos e seguiu noite adentro. Acompanhei até onde consegui. Com a desistência de alguns do grupo e a hora avançada na madrugada. Todos iriam partir para casa de Nadya Pitaguary, que eu não conhecia naquele 13 de junho de 2014. Chegando lá já havia um grupo conversando na varanda, onde eu passaria dias e noites até hoje. Durmo na varanda onde posso escutar o galo cantar cedinho e ver os pingos da chuva no inverno.

O centro das atenções naquele momento era a pintura corporal. Técnica desenvolvida por Benício Pitaguary, que estava começando com seus desenhos sobre a pele dos que se aventuravam a deixá-lo experimentar o aprendizado. Na varanda estavam Nadya, seu marido, naquele tempo Cleiton Adriano, Clécia Pitaguary, Climério Anacê, Cinthia Kagan - antropóloga que estava fazendo pesquisa de campo - e uma moça que fotografava e estava também aprendendo a pintar com o Benício, de quem não recordo seu nome. Ali fiquei e só saí praticamente depois de um mês mais ou menos. Fui em casa buscar umas coisas, retornei e embarquei na vida da aldeia Monguba Pitaguary. Havia a presença de dois pesquisadores de fora, da França, e é muita novidade para mostrar. Fui seguindo essa trilha e fotografando.

Outra memória desse tempo são os jogos da copa do Mundo. Assistíamos os jogos com sentimento ambíguo.

A realização da copa 2014 no Brasil (com obras, reformas e remoções de moradores) estava desagradando parte de uma população que sofria com esses efeitos. O povo estava agitado com os acontecimentos desde a copa das confederações, realizada no Rio de Janeiro no ano anterior. As remoções de comunidades pobres aconteciam a toque de caixa. Aqui no Ceará a experiência marcante foi a das obras urbanas que entrariam na área protegida do Parque do Cocó. A pauta do meio ambiente caminhava junto com a do direito à habitação nos movimentos sociais. Eu mesmo estava trabalhando em projetos como foi a produção de um acervo, para o que seria um futuro museu comunitário na Barra do Ceará, Memórias da Barra e no Mucuripe onde o Porto de Jangadas também ameaçava ser retirado. Duas experiências que me levaram aquele ano de 2013 na Retomada. Parte das pessoas que resistiram estava dialogando dentro de experiências comuns de resistência. Muitos estavam naquele dia da ameaça de reintegração na pedreira.

Havia um clima de festa e descontentamento, um clima de emoções complexas que emergiam e a qualquer momento acendia um estopim. Foi um tempo também de conscientização por parte da juventude que passou a se mobilizar com os meios que tinham. Um dos principais foi a fotografia e as redes sociais. Como fotógrafo profissional eu já entendia para onde apontava essa junção de tecnologias. Como produtor e difusor de imagens era realmente um tempo de aprendizagem. E fui praticando enquanto estava na aldeia. Lá não tinha internet na época nem esses aparelhos celulares andróides que conhecemos hoje. Poucas pessoas tinham acesso a câmera fotográfica. O que me fazia o centro das atenções em muitos momentos, é bem verdade.

O compartilhamento de imagens nas redes sociais tinha um tempo para acontecer. Tempo de escolher, pensar e negociar os usos das imagens. As imagens, mais curtidas eram das pinturas de Benício Pitaguary. Lembro que produzimos um ensaio. Escolhemos os cenários, a luz, foram feitas as pinturas corporais. As fotografias eram muito elogiadas, a maioria foi feita nas imediações da Casa de Apoio, onde eu dormia e mantinha uma rotina. A cozinha estava sempre agitada com conversas, entrevistas dos pesquisadores, o resultado dos jogos da copa.

Um dia chegou à aldeia um jornalista cinematográfico do Estadão, periódico paulista, acompanhado de uma liderança indígena do Rio de Janeiro. A chamada do

vídeo era: “Tribo quebrou a tradição e se pintou de verde e amarelo para assistir ao jogo”. Fizeram uma filmagem dos indígenas assistindo os jogos com a cara pintada de verde-amarelo e as bandeirinhas nos terreiros, com os televisores no último volume.

O que me lembro de maneira vaga foi um dia em que aconteceu uma Gira no terreiro do Pai Barbosa. Algumas pessoas foram convidadas e repórter cinematográfico iria filmar. Lembro bem da presença da Rosa Pitaguary e de Janete Melo. Foi a primeira vez que fui até a Casa do Meio. Fomos guiados até os fundos da casa onde fica o quartinho. Entrei respeitosamente, conhecia apenas um terreiro de Umbanda em Juazeiro do Norte, mas o que estaria por vir era muito diferente do que eu conhecia ou esperava.

Confesso que na ordem dos acontecimentos tudo para mim era novidade e estava disposto a fotografar com espontaneidade e curiosidade. Foi a primeira de dezenas de vezes que estaria ali. Foi marcante, por que me sentia muito bem e à vontade para registrar. Não sentia nenhuma censura sobre mim. Entrava na gira com a câmera e me movimentava com liberdade no terreiro. Sei que não conversei com ninguém sobre a participação e registro e guardei aquelas imagens.

Essas memórias são confusas também e controversas na medida em que eu não tinha feito anotações eu apenas conto com as pastas e datas dos arquivos no discos e HD's. O que mesmo assim é o tipo de operação que pode não funcionar bem. Se não forem bem organizadas, essas pastas se fundem e nos desorientam. Esse é um típico problema de não ter recursos para um trabalho. Apoio logístico, transporte então vão se acumulando essas questões. E os arquivos podem se perder ou ficar sem referências, as marcas originais de produção. Isso aconteceu com vários dos arquivos que tenho hoje. Por não ter um plano, método, o que se imagina de pessoas não habituadas a essas práticas.

Sempre que posso retorno com material impresso em papel fotográfico. É um modo de garantir o mínimo, que não é o ideal mas garante uma durabilidade mínima e uma concretude para o material e para as pessoas com quem estamos trabalhando. As fotografias profissionais e vídeos possuem alta qualidade e arquivos muito grandes para serem guardados em equipamentos domésticos. Então cada caso é um caso, mas, em geral essa relação que se produz entre e por meio das imagens fica entremeada por esse dar e receber também.

As fotos da Retomada permaneceram na aldeia depois da exposição. Então aquele conjunto de fotos em papel era o referencial principal que havia e, mesmo eu indo embora e retornando depois de algum tempo, aquele conjunto de imagens que circulou foi marcando nossas primeiras relações. Com a junção do material produzido durante essa segunda temporada de 2014, no retorno à aldeia nosso repertório aumentou e foi com essas imagens que se confeccionou três banners para serem utilizados na Semana do Meio Ambiente em 2015.

Organizada por Janete Melo, com a autorização dos Pitaguary, ela me ligou em 2015 e pediu minha ajuda na confecção e montagem desse trabalho. Como ela estava fazendo seu curso de Geografia, então mantinha também uma pesquisa no território Pitaguary. Fui à gráfica com Janete e escrevi um primeiro texto para acompanhar essas fotos que estão no início desse trabalho, como indiquei.

No dia do evento os Pitaguary compareceram. Montada na praça do Ferreira, a exposição chamava a atenção. A dimensão dos banners era razoável. A praça do Ferreira em Fortaleza é um espaço de muita circulação também. Um bom lugar para se ter visibilidade para um movimento como o proposto pela Semana do Meio Ambiente. Essa pauta se unia à questão territorial e vinha tomando força com os ambientalistas. Claro que é uma pauta antiga dentro das lutas indígenas. Principalmente desde as alianças, entre os seringueiros e indígenas no final da década de oitenta. Com Chico Mendes e as reservas extrativistas para os trabalhadores da borracha na floresta, modelo extraído dos territórios indígenas, antigas reservas e hoje TI.

Quando se encerrou A Semana do Meio Ambiente os banners foram para a aldeia e ficaram para constituir o primeiro acervo do Museu Pitaguary. A partir daí os banners foram utilizados muitas vezes em diversas ações do movimento de mobilização dos Pitaguary da Monguba. Em outras semanas do Meio Ambiente e eventos dos próprios indígenas, muitos que não pude acompanhar e outras que apenas tive notícia. Me recordo de conviver mais com essas imagens no período que morei na Retomada, quando estava para ingressar na UNILAB, em 2018. Com o museu na Retomada o acesso era cotidiano. Cheguei a estudar dentro do Museu muitas vezes, com a permissão do Pajé e Mãe Liduina. Era um dos poucos lugares na Retomada que tinha internet para que pudéssemos acessar.

O museu vivo

Houve um dia em que visitantes da aldeia iriam chegar e o pajé e Francilene Pitaguary iriam recepcioná-los. Estudantes de enfermagem, uma aula de campo, então todos foram para o museu e Pai Barbosa ia compartilhando com aqueles estudantes, receitas, rezas, métodos e práticas de cura das matas que ele havia recebido de suas ancestrais. Vô Joana e vô Bela, Tia Amélia, Tia Maria Evaristo, as fontes principais de saberes. Delas são produzidas as principais narrativas sobre as curas e saberes Pitaguary na Monguba. Esses saberes foram aprendidos pelo Pajé, auxiliando suas tias. Praticando com elas no dia a dia, o menino Barbosa ia buscar uma folha, dar um recado, um óleo, casca de pau de planta. Como ele diversas vezes me relatou, essas vivências foram muito ricas pelo visto.

Quando suas referências não são as tias, são os compadres e comadres. Os professores dele como me disse são “Tio Melosa, Tia Negra, Francisquinha, Cila, Noêmia, Augusta e seus pais, Antônio e Maria Gordinho”. “Convivendo no meio deles pegando flores, frutas e outras medicinas... pedra, banha de cururu, coisinhas simples. Coisas que aprendi com o decorrer do tempo bem lento em quarenta anos de minha vida”. Aí vem tantas e tantas histórias de caçada na mata, estórias forjadas na serra e na fumaça da fogueira.

Todas essas histórias e memórias que ouvi eram tão bem lembradas, e repetidas vezes reproduzidas, que eu imagino ter vivido os tempos do passado com eles. Os Troncos Velhos, como eles dizem na aldeia, memórias das andanças pelos sítios na Serra. Hoje o povo sobe a serra para fazer esporte e turismo. Na época, se ia para colocar um roçado de banana, buscar frutas e a caça também. O museu é lugar dessas histórias do povo Pitaguary, contadas e recontadas durante as visitas.

Hoje o museu tem funcionado mais como uma interface de comunicação das atividades da aldeia. Eventos são comunicados através do seu endereço nas redes. A primeira chamada importante foi um evento para arrecadar fundo para a própria construção do museu, com sorteio de objetos. Depois vieram muitos outros eventos, comunicados e mediados por essa interface. Os intercâmbios entre os Pitaguary e os Fulniôs de Pernambuco, Noites Culturais, Feijoadas, trilhas e passeios pela serra. O museu vai agregando muitas funções, para além de expor os objetos de seu acervo. Possui uma função marcadamente social. E ele foi construído na Retomada da Pedreira, estrategicamente com o objetivo de ser mais um lugar a ser preservado.

Hoje a Rosa Pitaguary é uma das principais articuladoras do museu e participante da Rede, assim como Pajé e Francilene, que sempre estão participando dos encontros.

Narrativas à flor da pele

Durante o ano de 2015 não fui a aldeia. Estava envolvido em outros projetos, viajado e morando fora do Ceará. Retornei a convite do CDPDH, um projeto em que eu iria fazer fotografia dos artesanatos de quatro povos do Ceará. E os Pitaguary era um deles. Não sei ao certo quem me indicou. Estava em Santos-SP e acabei aceitando fazer o trabalho. Retornaria à aldeia e conheceria outros povos indígenas.

Foi muito divertido no começo e aparentemente eu tinha liberdade de fazer as imagens que queria. Eu iria produzir por minha conta, não havia uma equipe nem verba extra. Era eu e minha simpatia. Eu reatando os laços na aldeia Monguba com pessoas que tinha saudade de um tempo maravilhoso, vivido um ano antes, durante aquela Copa do Mundo de 2014. Tinha os objetos a serem fotografados, que eram na maioria colares, brincos, anéis. Em geral acessórios, mas havia peças de barro também. Os modelos que eu tinha à disposição eram os próprios indígenas. E quem melhor que eles para tal tarefa?

Comecei o trabalho ali, na Casa de Apoio, onde estava familiarizado, fotografando e acompanhando a confecção dos produtos. A produção estava para ser feita na verdade. Então fui registrando a produção. Fotografava e filmava enquanto se produzia. Conversava, perguntava sobre aquela produção, buscava entender algumas intenções, inspirações para aquele trabalho de fiar contas no colar e penas no cocar. Trabalho minucioso, cuidadoso que requer atenção e vista boa, principalmente à noite. Quando perguntava sobre o que estavam pensando quando produziam, quase sempre ouvia que era um trabalho que relaxava a mente e distraia a cabeça. Quase sempre mantinha o foco nas mãos durante essa produção. Quando alguém se dispunha a falar mais, eu engatava uma conversa que se desenrolava em uma entrevista que revelava alguma história dos Pitaguary. Dos momentos difíceis de luta, lembrança de um parente que se foi, história da Mãe d'água, a Princesa da Torre. Até confidências eram feitas a mim. Eu percebi que era uma tarefa muito íntima e de um envolvimento que abria a certa cumplicidade que ia se forjando durante esses momentos.

Feito boa parte do material na aldeia Monguba, comecei a andar pelas outras aldeias e pela primeira vez sai de um bate volta, entre a aldeia Santo Antônio e Monguba. Visitei as aldeias do Horto e do Olho d'água, principalmente por que é lá que se produzia e se comercializava ainda alguns potes e panelas de barro, jarros e cumbucas decorativos, utensílios variados. Andei em algumas casas e fiz entrevistas, retratos fui fazendo um material que extrapolava o registro das peças artesanais. Fazia as fotos e enviava ao CDPDH.

Com o tempo fui até os Tapeba na Caucaia, durante a Festa do Pau Branco, onde haveria a exposição e venda dos artesanatos indígenas. Então era um bom lugar para dar início aos registros. Fui sozinho e foi difícil achar na verdade. O tempo estava bem seco na época e a lagoa também. Tenho boas recordações desse dia, quando cheguei, praticamente não conhecia ninguém, fui me apresentando e fazendo o trabalho. Arranjando modelos e conhecendo o povo ao mesmo tempo. Ocorreu tudo bem, a tarde caiu, a noite chegou e com a fogueira começou um desfile. Aí que eu fui entender onde as peças iam ser exibidas. Foram chegando outros povos, a noite avançando e chegando mais pessoas. E chegaram os Pitaguary que eu nem esperava. Foi uma alegria aquele encontro inesperado.

Quando eu retornei à aldeia Monguba para fazer mais umas fotos eu tive a ideia de incrementar algumas cenas para as fotografa-las. Essa altura eu já sabia que na casa da Nadya funcionava o terreiro. Olhando as peças de barro pensei em reproduzir os gestos de se fazer oferendas aos orixás. Pelo menos o que eu imaginava que fosse esse gesto. Então prontamente algumas pessoas toparam. Escolhemos alguns locais e fizemos as fotos. Fui pondo em prática o meu método de trabalho durante a produção das imagens. Perguntava, conversava, queria saber mais sobre as oferendas. Não era de forma exagerada que eu intervia ou expunha e inquiria às pessoas. Já tinha uma certa noção do que e com que estava lidando. Aquela etapa me fez ficar com vontade de saber mais e conhecer melhor o terreiro.

Foi nesses dias que eu vi o início dos primeiros trabalhos de Umbanda na casa da Nadya, com pouquíssimos filhos. O galpão ainda não tinha sido levantado. E eles se reuniam ali, no chão de terra batida, onde já tinha um cruzeiro de Seu Zé. Desse cruzeiro eu me lembro bem, na época quem frequentava era o Goro Pitaguary e a Lucimeire, Ednardo e a Izabela Pitaguary, dois casais. Essa foi a primeira de muitas outras visitas e registros. Hoje Izabela cursa uma disciplina comigo na UNILAB. Ela faz enfermagem e não frequenta mais o terreiro, mas nos encontramos muitas vezes

nos corredores e eventos da Universidade que é outro território o qual partilhamos. Mas isso é outro movimento.

A exposição no Sobrado

No ano de 2016 e 2017 estive poucas vezes na terra Pitaguary. Participando de duas formações em sequência me sobraria pouco tempo e oportunidades. Fiz uma formação em Vídeo-dança na escola Vila das Artes, em Fortaleza, e um curso de Realizador em Audiovisual na mesma instituição. Em paralelo participei também de um curso de patrimônio, onde pude desenvolver mais algumas ideias, aprender sobre memória e ir me situando nesse campo. O curso era promovido pela UFC pelo departamento de História. As aulas eram no fim de semana. Tínhamos aulas práticas e de campo.

Foi entre uma aula na Vila das Artes e a UFC que reencontrei pela Avenida Universitária o João Paulo Vieira. Ele me disse que uma curadora do Sobrado Zé Lourenço estava montando uma exposição com os Pitaguary e queria algumas fotos. Ele me falou e eu prontamente respondi que ela já havia me escrito. Era Carolina Ruoso que estava responsável pelo Sobrado na época. Ela também era uma das professoras do curso que eu fazia na UFC, então a comunicação ficou fácil e prontamente resolvemos o assunto.

A exposição no Sobrado José Lourenço, um equipamento do governo do estado do Ceará, contou com praticamente todo acervo do Museu Pitaguary. Os banners e outras fotos também foram emolduradas. Havia plantas e uma pintura como de uma cobra belíssima, feita por Benício Pitaguary na parede do Sobrado, no primeiro andar, onde ficaram reunidos os materiais da exposição.

O convite para a exposição, como foi relatado a mim pelo Benício Pitaguary, era para uma exposição individual de início. Então, em um segundo momento de negociação o artista, Benício reorientou a proposta. Era uma individual, “Mas aí quis trazer junto o museu e fazer algo mais coletivo, para que a visibilidade fosse para o povo todo”. A pintura na parede foi idealizada por ele também: “Acho que uns dois ou três dias” para realização, “Porque não ia o dia todo, eu ia depois da aula”. Perguntei também se houve outros convites para expor por parte do governo. Tem algo que queira falar dessas experiências com instituições do governo? Ele me disse que não

e que estava participando de um edital da Lei Aldir Blanc, com uma exposição virtual no momento.

Nessa época eu já tinha uma boa quantidade de imagens produzidas sobre os Pitaguary. Dois eventos que participei renderam boas fotografias e vídeos, além dos jogos indígenas e do encontro nacional da Juventude Indígena. Os dois aconteceram na aldeia Santo Antônio. Os encontros principais eram embaixo da Mangueira Sagrada, já os jogos foram no campo de futebol. Durante os jogos houve um concurso de beleza indígena também muito animado, onde cada aldeia elegia sua musa para disputar. A moça escolhida pela Monguba foi toda adornada e teve seu corpo pintado por Benicio Pitaguary, era uma obra prima. Com o melhor do artesanato Pitaguary uma Pintura colorida de fazer inveja a todas as moças que acompanharam a produção, ela foi a vencedora.

Nesse primeiro movimento eu trouxe várias experiências dos primeiros passos na aldeia. Situando-as em um momento em que os direitos indígenas começavam a sofrer com uma certa regressão e resistência por parte do governo federal, a um desencantamento profundo, eu diria. Quase nenhuma terra foi demarcada nesse período e o que vinha pela frente seria pior. As poucas instituições que dialogavam com o movimento estavam ali por um fio. Se aguentando como podia com projetos pontuais. As ações que aconteceram entre os museus e iniciativas coletivas eram inspiradas por um certo frescor proporcionado por uma redescoberta da diversidade que o povo indígena mantinha, quase como um segredo do resto da população que tem descoberto aos poucos, como eu, nessa última década. Vale destacar que foi tudo combinado, como diria Conceição Evaristo: “Eles combinaram de nos matar. E nós combinamos de não morrer”.

Capítulo 2: Segundo movimento

O conhecimento: sentindo a essência

Foi um acordo sim, uma dilatação de tempo, um prolongar a história, habitar pessoas, abrir o peito, olhar e esperar ele passar. Não esperava distraído, muito sobe e desce entre aldeias, salas, bibliotecas e conversas que se prolongam ainda hoje. Entre um café no pátio da universidade e uma vela acendida no terreiro da aldeia ele

passa e constrói suas imagens, revela suas memórias e abre espaço para as relações.

As palavras vão se costurando, uma a uma: Axé, benção, pai, filha, vamos, fomos, ficamos, estamos. Incluindo e excluindo, selecionando e arranjando esse recorte da vida que trago. Nele estão assim enquadrados, indígenas, estudantes da UNILAB, pessoas que participam do movimento indígena, a Família, a Umbanda, todas atravessadas por essa tal da Aliança que eu cismei de traduzir por imagens. Memórias desse processo de aprendizagem que foram colecionadas e agora estão suportadas por fotografias e vídeos. Lembranças que espero que ajudem na compreensão e na fabulação do que compomos nesse tempo.

Assim é uma constante retomada das imagens. Assim eu posso pensar essas imagens diante de comentários, curtidas e diferentes cenários que se apresentaram desde 2013, nas diversas circunstâncias onde essas imagens se apresentavam. Mas, para definitivamente ter algum êxito com a ideia de retomar as imagens e criar uma narrativa, eu precisei de um projeto que sustentasse essa ideia e de aliados que a acolhessem. A academia foi um jeito de dar suporte a essa ideia, neste projeto e no campo que eu atuava no momento de produção dessas imagens.

No campo das Artes basicamente, pelo menos aqui no Ceará, havia pouco acolhimento. É verdade que eu já tive várias experiências relativas a documentação fotográfica. Hoje sei que tudo foi uma preparação para o porvir. Então eu tinha uma grande necessidade de falar sobre essa experiência porque, para fotografá-la eu a vivi intensamente, e isso me marcou muito. Durante a minha formação como antropólogo fui aprendendo que era possível contar uma história com isso, com essas experiências de ensaios fotográficos. Uma história que não era só visual, não querendo diminuir a percepção visual como instrumento de aprendizagem e de acolhimento de outros mundos.

Ao mesmo tempo fui percebendo que isso levava tempo, até para ter essa percepção, tive que medir e contar as distâncias entre os trabalhos que fiz durante esse período, quando percebi que todos tinham uma confluência. Porque eu não impunha limites ao campo. Apenas fui me orientando de maneira que pudesse fazer algumas transições mantendo características e ferramentas. E foi assim que eu fui aprendendo a me engajar durante os trabalhos. Assim, a prática de fotografar e filmar em cada ensaio vai nos fazendo, a maneira como faço um registro se impõe sobre mim, tanto quanto vão se impondo outros olhares que circundam essa prática.

Trabalhei muito com as artes cênicas, a dança principalmente, tudo isso foi formando meu olhar para esse trabalho.

Quando percebi que o trabalho levaria muito tempo, resolvi prolongar o máximo a experiência, na esperança de que as imagens pudessem ter algum significado potente. Mas eu estava enganado, sempre é preciso inventar e reinventar, a cada instante, os suportes e o acesso. Os arquivos não trabalham sozinhos, por mais que eles sejam significativos. Eles precisam se ajustar às tecnologias e precisam ser editados. E quando falo “editado”, sei que isso pode parecer uma forma de restringir o trabalho das imagens, mesmo que, na prática, não seja exatamente isso.

Deve-se compreender que mobilizar ferramentas para uma narrativa também pode ser uma aventura muito prazerosa. Por isso tenho investido na escrita, onde a edição ou montagem das imagens também pode ser representada pelos sentidos e significados compartilhados em um certo meio. Por isso posso afirmar que o trabalho se insere na antropologia visual, ou da imagem. O medo de ver o trabalho restrito a especialistas é outra preocupação entre pessoas que desenvolvem pesquisas acadêmicas. É daí que surge o desejo de dar algum retorno às pessoas *com quem e por quem* se trabalhou. Afinal, o trabalho não existiria sem elas. Então, resolvi acumular um repertório, composto por textos e imagens, que me ajudasse a contar uma história.

Observando Ailton Krenak é possível notar que ele conta, quase sempre, a mesma história do “quase fim do mundo”. Contudo, ele tem mil maneiras de contar essa história. Tem mil nomes para essa Gaia, tem mil ideias, ideias infinitas. Assim é também *A queda do céu*, de Davi Kopenawa.

Nessa iminência apocalíptica, todas as experiências levam um tempo, que podem ser décadas ou a vida inteira. Trata-se de um pacto etnográfico entre Bruce Albert e Davi Kopenawa, resultado de uma antropologia aplicada e de uma aliança afinada através de muitas idas e vindas à aldeia. Não quero aqui me comparar a esse trabalho, sou apenas um iniciante que se inspira nesses trabalhos maravilhosos, entre os quais também incluo o da fotógrafa Claudia Andujar, com os Yanomâmi, trabalho prolongado que admiro muito. Inspirado por eles, fui atrás de mais repertório na universidade.

Com alguns caminhos desfeitos e com esperança em novos rumos, com perspectiva aberta para um trabalho em pesquisa, que era o que eu mais desejava, retomei um curso de Comunicação que havia abandonado há alguns anos. Consegui

meu diploma e decidi fazer um projeto de mestrado e organizar esses caminhos que venho contando em uma pesquisa. Com um prêmio de fotografia no bolso, um curso de realizador de audiovisual pela metade, peguei a estrada com diploma na mão e com muitas dúvidas na cabeça. Antes passei na Aldeia e pedi permissão para o tal projeto.

Concedida a permissão, começou de fato a confusão. Em que direção eu iria? Que rumo tomariam essas experiências? O curso, a princípio, era Comunicação. E a universidade, a UFMG. De lá, fiz uma pesquisa sobre as possibilidades de realização do trabalho, fiz contatos e participei de um encontro em Cachoeira, Bahia. Cinema e seminário, onde fervia o debate sobre os povos indígenas e o povo de terreiro. Quem pode registrar? Por que? Como? Qual seu lugar de fala? Foi um choque e ao mesmo tempo enriquecedor, pois havia um parâmetro que eu não conhecia. Um debate que eu só ouvia falar. E lá estava posto na mesa, com pontos e vírgulas. Assim, foram seguidas experiências como esta. No Mekukradjá⁷, em São Paulo, na Bienal de artes, nos encontros na aldeia. Um ano de muitos encontros, 2017.

Mas, o ano não havia acabado e houve o Encontro de Museus Indígenas no Piauí. O encontro da Rede, onde eu, finalmente, poderia conhecer seus prolongamentos além das pautas dos povos indígenas espalhados pelo país inteiro e interessados em discutir museologia, memória e museu. Uma semana de encontro, seguida de mais uma semana em Teresina. Depois, uma viagem a Pernambuco para participar do encontro do NEPPE, na UFPE. Naquela ocasião foi possível encontrar os antropólogos, como acontece nas aldeias, acompanhar a evolução dos trabalhos, conhecer os parentes que participam, as obras, conceitos, além de vivenciar a ida a outras aldeias, fora do estado do Ceará. A esta altura eu estava bem inclinado a buscar uma formação em Antropologia. Voltei então para o Ceará, deixando para trás a UFMG e os projetos de pesquisa e pessoais pensados para serem desenvolvidos por lá.

⁷ Apresentado por Daniel Munduruku, o Mekukradjá, é um ciclo de encontros entre artistas indígenas, pesquisadores e especialistas, espaço no qual identidade, linguagem, questões de gênero e política cultural são discutidos.

Museologia social: mobilizações indígenas

Durante a terceira edição do Fórum Nacional de Museus Indígenas que ocorreu, de 19 a 21 de outubro, na Comunidade Nazaré, do povo Tabajara, localizada na zona rural do município de Lagoa de São Francisco, no Estado do Piauí. Fiz o registro em foto e vídeo. O Fórum contou com presença de representantes de vários povos distribuídos de norte a sul, entre os quais uma presença importante se destacou. Foi a presença do maestro Adrian, mexicano que vinha compartilhar as experiências museológicas dos museus indígenas do seu território. Adrian veio por intermédio de Alexandre Gomes, que fez pesquisa de campo no México, estudando os Museus indígenas daquele país. No fórum estava também João Paulo Vieira, outro parceiro, além da professora Lux Vidal e outros antropólogos e museólogos interessados na experiência dos museus indígenas.

A aldeia Tabajara fica no interior do Piauí e a viagem foi feita de ônibus cedido pela universidade. Na UFPI houve uma primeira conversa no auditório com a presença de professores e indígenas que participam da rede e acadêmicos de outros estados. Chegando na aldeia fomos acolhidos nas residências locais. Fiquei com o grupo dos acadêmicos. Pela manhã haviam os grupos de trabalho, onde eram elaboradas as propostas para o funcionamento das atividades da rede. Todos os dias havia o Toré animado pelas lideranças e jovens. Mãe Liduina e Pajé Barbosa vieram na caravana do Ceará, junto com Rosa Pitaguary e Benício Pitaguary que ofereceu uma oficina de pintura corporal, também registrada por mim.

O Pajé passava a maior parte do tempo atendendo e consultando. Uma fila enorme se formava na lateral da quadra da escola onde ocorreu o fórum. A Mãe Liduina ficava dando assistência a ele como é de costume. Ali ele dava conselhos, recitava, conversava, paralelo às atividades do fórum que se compunham, principalmente, por debates, exposições e trabalhos de encaminhamentos que não tinham modelos nada tradicionais. As dinâmicas do fórum eram sempre alegres com danças e canções, isso dava uma alegria ao ambiente e espantava o calor que era grande. Trabalhando no fórum pude acompanhar de perto a maioria das atividades, fotografando e filmando. Pude olhar olho no olho, entrar nas rodas de Toré e aprender sobre as várias modalidades que estavam se empreendendo por parte de cada povo para pensar e fazer museu à sua maneira.

Nesse contexto pude perceber melhor os sentidos dados às memórias mobilizadas, trocas de saberes pelas populações indígenas organizadas, em torno da Rede de Memória e Museologia Social. O antropólogo e parceiro Alexandre Gomes em suas reflexões que emergiram de muitas práticas junto aos museus indígenas. Trabalho de organização e pensamento sobre o tema que pude acompanhar em alguns momentos, chama a atenção em sua tese para o aspecto cosmológico envolvido nos projetos de museus. “As ressignificações das memórias produzidas nos museus indígenas relacionam-se às suas mobilizações e suas traduções em termos próprios possuem forte vínculo com as dinâmicas de suas cosmologias”. (GOMES, 2019 p.619). O trabalho do antropólogo muitas vezes é pensar como se dá a formulação das categorias nativas.

Para esses indígenas, o museu é vivo e está longe da ideia de um amontoado de peças. Nos meus primeiros contatos com esse trabalho com as memórias indígenas em Fortaleza foi, de fato, durante a abertura de uma exposição promovida pelo CDPDH. Nesse período, eu estava mantendo um espaço de diálogo com João Paulo Videira. Alugamos um apartamento no qual dividíamos e compartilhávamos ideias. Junto também com o fotógrafo Philippe Bandeira, participei de outro encontro importante que foi a criação da rede cearense de museus comunitários na Casa Juvenal Galeno, anexa ao Teatro José de Alencar.

Uma família novinha em folha

Na Monguba, no seio de outra família, agora eu recomeçava. As casas do Pajé Barbosa e Dona Liduina Pitaguary foram minha acolhida e lugar de cura. Curar minhas feridas, o cansaço, as armadilhas do destino e arrumar o corpo. Colocá-lo em pé, com uma alma a ser renovada, disciplinada e amada pelos irmão e irmãs daquela casa. Não deu tempo de pensar muito e me apareceu a UNILAB, com vaga aberta para graduação em Antropologia. Acabei ingressando com meu diploma de comunicação, sem precisar fazer vestibular ou ENEM.

Burocracias superadas, eu estava matriculado e iria começar em maio de 2018. Nesse tempo já havia sido convidado a retornar ao Piauí e fazer um trabalho com o povo Tabajara, que havia acolhido o Fórum de Museus Indígenas. O inventário dos conhecimentos do povo Tabajara para o Museu do Índio. Alguns anos depois fui até lá com Gomes e o Cacique Henrique Tabajara, apresentar as peças e o filme que

fizemos, fruto de uma formação que fiz com os jovens Tabajaras. Mais tarde iria retornar para outra missão com o Pajé Barbosa e ainda teria outros capítulos com o povo Tabajara.

Na Universidade realizei um sonho, morando na Aldeia com o Pajé e fazendo o campo ao mesmo tempo. Com o povo Pitaguary, o povo indígena que vive mais próximo da Universidade, estar na Unilab me possibilitou morar temporariamente na aldeia e continuar a fazer a pesquisa de campo. Como as aulas eram à noite, eu passava o dia na aldeia e no fim de tarde embarcava no ônibus cedido pela prefeitura de Pacatuba, com os outros estudantes indígenas e não indígenas da UNILAB. Os dois primeiros semestres foram assim, de sala de aula e vida na aldeia Monguba. Primeiro fiquei na Retomada, depois Nadya me convidou para ficar com ela e sua família. O terreiro de Zé Pilintra fica no fundo da sua casa e era pra lá que eu ia todas as manhãs para oferecer café ao Zé e me esticar. Conhecendo cada cantinho do terreiro, do terreno no pé da serra. Ir à padaria pela manhã cedo e retornar tarde da noite das aulas.

No terceiro semestre me mudei para a cidade de Redenção para ficar mais próximo à universidade. Então foi diminuindo minha presença na aldeia. Com a carga de disciplinas maior e o desejo de encurtar a temporada longe da aldeia, fui pegando uma distância que só não foi de total desligamento porque havia a presença dos estudantes indígenas no cotidiano da universidade e alguns compartilhavam comigo a condição de serem filhos do mesmo terreiro na aldeia.

A Festada da Caipora – Pacatuba – CE, 30/01/2020

Esse texto foi produzido durante a disciplina de metodologia antropológica onde tivemos que sistematizar o trabalho. Como o leitor vai perceber seria quase impossível alguém obter todas essas informações em uma única saída. Esse texto está atravessado pelas memórias de todos esses anos e possui muitas vozes.

Esta foi a minha terceira ida a campo, programada previamente dentro do cronograma da disciplina. Decidimos ir ao terreiro do Pai Barbosa, na Festa da Caipora, na aldeia Monguba Pitaguary onde tenho uma pesquisa em processo e também sou filho da casa. Apenas eu pude ir, pois se concluiu posteriormente a impossibilidade de uma agenda em conjunto. Tive uns dez dias para me preparar e

refletir sobre essa última ida a campo. Neste tempo tenho me dedicado a fazer leituras relacionadas a antropologia. Alguma literatura antropológica e entrevistas, experiências antropológicas que dialogam com a produção de imagem. Aqui em Redenção mesmo onde tenho residido, próximo ao campus da UNILAB, há dois semestres, depois de um período morando na aldeia Monguba com o Pajé Barbosa e depois na residência de sua filha, Nadya Pitaguary.

Essa preparação inclui a decisão de que ferramentas utilizaria em campo, a câmera grande profissional, celular, a caderneta. A câmera grande sempre exige mais cuidados na preparação, além do transporte ser mais complicado pois não tenho veículo próprio. Devido a segurança, algumas vezes optei por não a utilizar. Além disso, exige uma checagem nos cartões de memória e muitas vezes preciso levar o notebook para descarregar as imagens, tripé, baterias e adaptadores para tomadas elétricas. E assim são inúmeros os procedimentos com o equipamento profissional de captura de imagem. Decidi levar o celular e a caderneta de campo e me dedicar a uma escrita com ela, como fiz poucas vezes.

Os trabalhos aos quais me dediquei nos últimos anos como documentarista, registrando em imagens e aperfeiçoando uma certa logística de armazenamento digital, me fizeram refletir sobre, esse acúmulo de informação da vida de muitas pessoas. Um tipo de compromisso e responsabilidade tácita perpassa o pacto entre o documentarista e os documentados. Sempre que existe um reencontro ou retorno das imagens, muitos sentimentos são retomados, e acredito que essa experiência distanciada ao mesmo tempo íntimas, que é carregar consigo a imagem do outro, incidiram na minha pessoa a tal ponto que muito do que sou hoje carrega essa marca desse encontro mediado por fotografias, e certamente vai se refletir no meu futuro trabalho como antropólogo.

Saí de Redenção no ônibus que faz linha até Fortaleza às 13:50. Antes de embarcar passei no mercantil para comprar alguns mantimentos e chequei a lista da festa disponível no grupo do Whats App dos filhos da casa. Demorei um pouco para decidir e acabei comprando uma caixa de chocolates, café, açúcar alguma merenda para o Yuri filho de Nadya. Empacotei tudo na minha mochila onde estava também meu caderno e parti rumo a Monguba. Logo na primeira parada da curta viagem que duraria aproximadamente 50 minutos, posso checar com certa precisão pois nas fotografias ficam esse registro e outros, como localização, data e tamanho do arquivo.

O ônibus de linha como chamamos, catraca, fez a primeira parada em frente ao campus da Liberdade na UNILAB. E ali tive uma boa surpresa pois subiram três mocinhas que conheço e possivelmente àquela altura iriam ao mesmo lugar que eu. As três estudantes indígenas Tremembé, Lauriane, Gabriela e sua irmã Graziela que moram nessas imediações atravessaram a roleta e já me reconheceram. Pelos olhares que foram trocados, havia uma sintonia de destino comum, em nossos pensamentos. Lembrei do que Gaby sempre fala, sobre não gostar de combinar encontros e fazer projetos de passeios. Ela sentou ao meu lado e as outras no banco paralelo ao nosso, sorrimos e confirmamos nossos destinos.

Gaby estuda Antropologia, Grazieli e Lauriane Agronomia. Cresceram e viveram juntas na mesma aldeia Tremembé e estudam na UNILAB há cerca de dois semestres. Passaram a frequentar a casa acredito por intermédio de Climério Anacê, companheiro de Lauriane Tremembé. Juntos, esses estudantes mantêm na universidade um coletivo de estudante indígenas. A presença de estudantes Tremembé é tímida ainda, pois suas terras ficam distantes e perdem em número para os Pitaguary que lotam um ônibus da prefeitura todos os dias.

A casa do Pajé Barbosa tem acolhido esses estudantes, assim como outros não indígenas. Nos últimos tempos essa frequência tem variado muito e tem revelado muitas questões interessantes para pesquisa. Mas, por enquanto ainda é transitória a passagem desses jovens em relação aos últimos anos que conheço o terreiro e me tornei filho da casa.

Chegando à aldeia, após desembarcar seguimos os quatro para a Casa do Meio onde aconteceria a festa. Até lá, o caminho é lamacento e exige certo cuidado. Nessa época de chuva o terreno é escorregadio e perigoso para quem vai ter que subir até a Casa do Meio, onde Dona Liduina criou Nadya Pitaguary, Francilene Pitaguary e Alex Pitaguary, com Antônio Carlos Barbosa, nosso pajé e pai Barbosa. Nessa localização da aldeia ele também foi criado e ali ainda permanece seus parentes e de Dona Liduina que veio posteriormente, saindo da serra da Pacatuba.

A Casa do Meio tem esse nome por que está entre as três residências usadas pela família. De um lado, a uns 300 metros na aldeia, está a casa de Nadya. Lá também fica seu terreiro, nos fundos da casa, no pé da serra. Do outro, mais ou menos a mesma distância, a Retomada da Pedreira Sagrada, onde também se localiza o Museu Pitaguary, formado a partir do acervo do povo Pitaguary, de ações da rede Cearense de Museus Comunitários e Fórum de museus indígenas em conjunto com

outros agentes da sociedade civil. No terreno da pedreira também são realizadas as pajelanças, ritual dos indígenas onde as participações são restritas a convidados do Pajé.

A casa dos pais do pajé próximo a Barraca é um espaço de memória, também mobilizado nas narrativas Pitaguary aos visitantes e pesquisadores que se aproximam e frequentam a aldeia Monguba. A Barraca que foi reconstruída recentemente é um espaço de socialização, eventos e também festas do terreiro do Pai Barbosa. Pude ter acesso a fotografia de tempos passados onde eram organizados encontros e foram registrados por pessoas que eles não sabiam me informar ao certo os autor(x)s da fotografias. Fotografei essas imagens com celular durante as idas a campo e compartilhei suas versões digitais com eles. Nessas retomadas imagéticas, as “boas lembranças” deixam transparecer entre o sorriso “o tempo bom que não retorna”. Eu espero que os registros desse dia sejam vistos, revisitados com essa mesma nostalgia um dia. Mas que esse processo também se desenvolva como uma ferramenta de troca e acesso a fontes para futuros trabalhos junto aos Pitaguary.

Achei pertinente refazer alguns percursos na escrita até aqui, onde vou adentrar ao evento da Festa das Caiporas. A um leitor menos informado, pareceria estranha uma escrita que desenvolverei com propriedade e pertencimento a esse lugar e uma afetividade especialíssima com os meus interlocutores. Falando desse lugar onde fui acolhido e me sinto realmente em casa, com pais, mães, irmãos de um jeito que não experimentei em nenhum outro lugar. A Casa do Meio, a Retomada da Pedreira e a casa da Naya são lugares que permaneceram na minha memória, não apenas como lugar de pesquisa certamente.

No centro do terreiro está Franciele, sentada arrumando os últimos preparativos, rodeada de brinquedos, balas e crianças. Me sentei logo do seu lado, falei que os alunos da disciplina não viriam, mas que estava muito feliz porque sei que essa festa é a preferida dela, no calendário de eventos do terreiro. Ela disse que se não vieram “é por que não era para ser”. Sorriu e abriu mais um saco de bombom que seria oferecido aos convidados da festa. Fran, como os chegados a chamam, é uma liderança reconhecida pelo movimento indígena, uma mestra que desde a tenra idade é exemplo para outros jovens indígenas no Ceará. Conduz rituais, Torés, sabe “puxar a orelha” quando necessário. Uma exímia articuladora e conciliadora do seu povo. Já presenciei momentos em que política e religiosidade ganham contornos suaves de muito refinamento nos seus gestos e discurso. Delicadeza e simplicidade são

adjetivos que me vêm à cabeça, isso atrai muitos que frequentam essa casa, muitos vêm até aqui aprender.

Mantive o caderno e a caneta próximos, dentro da mochila, ao pé da mesa onde a cambonagem⁸ é feita. Onde estão as bebidas, cigarros, fumos, água, café que são servidos aos caboclos que descem. Até aqui não citei que o terreiro é de Umbanda, e com essa denominação se apresentam de maneira geral. Mas o caso é bem mais complexo e as práticas que até hoje vivenciei, relatos, depoimentos extrapolam qualquer classificação religiosa estrita e de uma denominação que restringiria muito o olhar sobre. Esse é um assunto vasto que não tratarei aqui, mas apenas ressaltar da diversidade das práticas espirituais herdadas dos seus parentes próximos e que é extensiva a muitas entidades que corroboram com uma cosmovisão produzida e reifica em narrativas múltiplas, que envolvem um universo encantador e fascinante aos que tem essa oportunidade.

De fato, o caderno ficou na mochila até o fim do evento. Com o celular na mão, fiz muitos registros, muito à vontade para circular entre entidades e crianças, caiporas, erês e não se podia mas distinguir em dado momento quem era quem.

Estou em minha casa em Fortaleza, cheguei bem cedo trazendo as últimas coisas da minha mudança de Redenção. Nas bolsas, câmera, notebook, livros e um certo sentimento do início de um ciclo. Vou me mudar do apartamento também aqui e o ano realmente vai começar.

Checo as imagens da festa que já estão no notebook e online no Google Fotos. Não fiquei satisfeito com a qualidade das imagens do celular, acho que teve algum problema na configuração do aparelho. Sempre dou uma primeira vista na biblioteca de imagens, onde as organizo e, se for preciso, olho com mais atenção em um monitor maior. Não foi o caso, pois com a captura ruim não vou me deter tanto a elas e tentar extrair outros aspectos que elas possam me guiar na transcrição da realidade vivenciada.

A Barraca fica bem perto de uma subida para a serra e tem pedras grandes espalhadas por todo lado, isso ficou presente nas imagens fotográficas principalmente. O teto de palha, o piso é de cimento, em torno da barraca tem um

⁸ Pessoa que auxilia as entidades e médiuns em transe, dando assistência ao que necessitarem. Normalmente servem as bebidas e acendem os cigarros, mas não só isso. Para assumir essa função precisar ter muito conhecimento dos gestos, palavras, sons. Uma espécie de retaguarda, são pessoas fundamentais na condução dos ritos da casa. Essa função pode variar e ter sentidos diferentes de terreiro para terreiro.

tecido vermelho que compõe com a franja das palhas de carnaúba. No centro, um alicerce do tronco da carnaúba, com bonecas e brinquedos. Em torno, as crianças, na maioria acostumadas aos eventos, ficam à vontade entre as entidades, chupam bala, tocam um mini tambor e alguns até assumem o posto de Ogan⁹.

Quando chegamos, o som já ecoava e houve uma discussão amistosa, para saber quem estava tocando o tambor. Cada qual fez sua aposta, e, sem ver, a Gaby tinha acertado. Era o neto de Dona Graça, mãe do Neném filho da casa, cunhada do Pajé, avô do Murilo que toca no terreiro desde de pequeno. Dona Graça também costura as roupas dos filhos de santo e mora um pouquinho acima da Barraca. Ela quase sempre está presente, discretamente acompanhando seus meninos e sua nora esposa do Neném, que não estava presente hoje.

Também tinha a presença de umbandistas de outra casa que tem sede nas proximidades e sempre comparecem às festas, el(x)s usam roupas diferentes dos filhos da casa, um estilo mais afro, que também vem aos poucos modificando a moda na casa.

Passeando com celular na mão no meio do terreiro, eu que fui de calça jeans e camiseta comum de malha, com uma guia fininha no pescoço, estava bem pesquisador hoje (risos) como comentei com Dona Liduina e Nadya que sorriram simpáticas. As bonecas que estavam espalhadas no centro são na maioria bonecas da infância de Nadya e Fran. Dona Liduina já havia me contado de quando o Barbosa chegava com os brinquedos e sempre era uma festa e ele brincava com os filhos no chão da Casa do Meio, que era de barro, assim como as paredes.

Os brinquedos são jogados para o ar, tem confete que estoura feito bombinha, os doces também são lançados e todos correm para pegar. É uma gritaria e a animação toma o ambiente com o som dos batuques e os cânticos, que canto também, mas não compreendo plenamente os sentidos que poderiam complementar ou me levar a outras questões. No fundo da Barraca, as meninas Tremembé, falo meninas porque não sei usar outra palavra por enquanto.

Do jeito que elas chegaram nesse canto permaneceram, sentaram um pouco em alguns intervalos, mas se mantiveram concentradas no fundo, próximo à mesa da

⁹ Pessoa que assume o tambor da casa, tocam durante as festas e rituais. Assim como a Chambona, para assumir essa função precisar ter muito conhecimento dos gestos, palavras, sons. Eu diria que é um maestro, são pessoas fundamentais na condução dos ritos da casa. Essa função pode variar e ter sentidos diferentes de terreiro para terreiro

cambonagem, ao lado de Mãe Liduina. São rodantes como eu, não incorporam de fato, como a maioria dos Ogan. Estavam vestidas sem muito colorido, saias de cetim branca que a casa oferece a elas, colares de contas e cabelos soltos. Os cachorros, que são muitos, corriam para cima e para baixo no terreiro e houve várias tentativas de colocá-los para correr, todas sem sucesso. O convívio é diário e eles estavam bem excitados com tanta movimentação. As filh(x) recém chegados, muitos alunos da UNILAB, se arriscam mais no figurino, uma estava com a camiseta da Dandara e outra com uma saia de retalhos das cores da diversidade, combinando com o bolo.

Esse ano quem produziu o bolo foi a Chica Pitaguary, irmã de Sandra Pitaguary, filhas da casa, umbandistas de longa data. Sandra é cambone da casa, mas hoje quem assumiu foi a Chica. O erê da Sandra não sossegou a festa toda, houve um momento que me emocionei ao ver a Chica trazer uma boneca de presente e entregar ao Erê da Sandra e ele disse para Chica que ela ia receber em dobro. É quase impossível, mesmo sentindo a presença da entidade incorporada na Sandra, desvincular a imagem de uma pessoa que conheço razoavelmente e ver as duas irmãs ou a irmã com o Erê da outra irmã em um momento de afetividade e espiritualidade.

Quando quero respirar um pouco durante a festa, por conta da fumaça dos cigarros e dos cachimbos, fico ao lado de Mãe Liduina, e às vezes trocamos uma palavrinha, pois já não nos encontramos tanto assim. Como antes que ficávamos horas no terreiro, lá debaixo do cajueiro na Retomada. Contando as galinhas e os pintos e ela me falava sobre o movimento da natureza e das antigas retomadas, quando os Pitaguary ainda lutavam pela delimitação de seu território.

Ela me contava sobre as reuniões escondidas no Santo Antônio, onde tudo começou. As irmãs dela também participavam e havia muitas discussões sobre quem era indígena, sobre as famílias que iriam se auto-declarar e muitos outros assuntos que tratarei na minha monografia. Ela agora está cansada e, vai não vai, diz que não participa mais. E quando vejo, lá está ela em uma rodada de Toré, firme e forte, ensinando os mais jovens como se faz. Pacatubana, como ela mesma diz, foi criada na serra ouvindo histórias de caçador e de assombração, carregando lata d'água na cabeça. Pisando milho e plantando feijão. Ainda não conseguiu se aposentar e sofre com o descaso da sua situação, por que não consegue provar os anos de trabalho. Morou em Fortaleza também muitos anos, trabalhando na casa de barão na Aldeota. Exímia dançarina, adorava forró e não perdia uma festa no Náutico Club na avenida

Beira-mar. Independente, retornou para a aldeia cansada e decepcionada com a família onde trabalhava. Reclamando de dores nas juntas, mostrando as mãos manchadas de branco pelo vitiligo. Olha para mim com olhar um pouco triste e eu me sinto incapaz nesse momento.

“Oxóssi é caçador, na mata é caçador...” Corre para mata, um Erê quer subir a serra, a bica estava boa para o banho, mas logo alertaram que não era bom ir hoje. Essa bica é uma das muitas que fornecia água para as casas dos moradores da Monguba antes da CAGECE chegar. As histórias da Mãe d’água, brotam dessas fontes e são contadas para as crianças afoitas da aldeia. Ouvi muito essa história quando cheguei, assim como da pedra da torre da princesa, são clássicos dos Pitaguary e são contadas de forma adorável para os recém-chegados. Nessa bica perto da Barraca, fazemos nossa lavagem de cabeça, iniciação dos filhos que estão abrindo a coroa. O Erê de Fran está tão contente corre, corre, brinca levou um corpo que voa entre os outro, como uma leveza e graça. Normalmente Fran fica responsável pela cozinha nas festas e hoje, como não tem preparo no fogo “ela” estava presente durante todo tempo. Ontem e hoje compartilhei fotografias com ela e com o grupo virtualmente. Gaby me escreveu pedindo as fotos e enviei algumas que já havia mandado para Lauriane, agradeceu e disse que iria repassar a Grazieli.

Vou repensar o uso das câmeras, na segunda tem uma gira de Exu. Toda segunda lua cheia, início de mês, tem e faz tempo que não vou, devido os compromissos na universidade. Segunda irei faltar a última aula e vou. Sinto falta desse calor e convívio com a família que adotei e sei que estou distante assumindo o antropólogo.

As imagens do celular compartilhei hoje, dia 31, no grupo de Whats App chamado Seguidores de Pajé, que mantemos há alguns anos. Muitos visualizaram, mas só uma pessoa comentou, perguntando se havia mais vídeos. Gaby me pediu que enviasse a foto das três, disse que eu pegasse o contato dela no grupo. Vou fazer isso agora, interrompendo a escrita.

Comecei a fazer o relato hoje pela manhã, em casa em Redenção, estou dando prosseguimento na biblioteca dos Palmares, que esteve interditada pela manhã. Gosto de trabalhar aqui, vou sentir falta após o fim do semestre, nas férias vou repensar os rumos desse trabalho e organizar todo material.

Não cumpri tudo que prometi nesse movimento. Muita experiência na universidade ainda está guardada, quem sabe para um próximo trabalho. O relato da

Festa da Caipora foi produzido durante a disciplina de Metodologia da Pesquisa Antropológica, e é muito rico, modéstia à parte, de elementos e informações. O professor da disciplina foi o Patrício Carneiro, que também é o orientador desse trabalho. Confiei a ele esse trabalho porque ele, além de ótimo profissional é um filho de santo. Isso não era uma condição, é claro, mas o fato de também ser pesquisador-nativo foi muito útil.

Capítulo 3: Terceiro movimento

Essência do sentir

É preciso falar de tempo e de lugares para contextualizar relações, para informar uma linguagem. Certas relações não acontecem no vazio, são condições irreduzíveis para o que se propõem aqui. Então escolho as palavras que melhor definam e estejam de acordo, chegando a uma linguagem adequada e ao seu modo específico de atuar em um lugar e uma época, com determinadas pessoas. Há que se ter um contexto para que se possa narrar uma história.

Situado sem constrangimento

Etnia, etnicidade, lugar de fala, essas foram questões que tive que debater nesse percurso e que resultou muito produtivo. Uma câmera na mão, boas intenções e um desconhecimento do que estaria por vir, em um campo de estudos muito avançado da antropologia. Sempre com focos e terrenos bem demarcados, ao contrário do que acontece com as terras indígenas. Tenho bem claro que esse campo foi moldando meu trabalho e lhe dando formato pelas entrelinhas, durante esses sete anos. Não pude me esquivar, estudei, relutei, mas as saídas aparecem ou pelo menos as “flechas são clareadas” com o trabalho (Pajé Barbosa).

Temos maneiras de nos comunicar e de trafegar entre as pessoas, amigos, familiares. Assim, sempre elegemos os códigos específicos para cada situação, decidindo se queremos usar imagens, palavras ou gestos. É o contexto que ajuda a definir. Para perceber melhor esses lugares, escolhi estar próximo, assim como posso estar na minha própria casa, ao escolher estar distante. Também posso eleger outras proximidades que não sejam, a princípio, familiares, mas que possam me dispor ao

aprendizado. Uma benção a uma nova mãe, gesto que estava fora do meu vocabulário corporal. Na minha família por parte de mãe no Rio de Janeiro não havia esse gesto. Quando cheguei ao Ceará, na família do meu pai tive que adotar essa prática. E recentemente, tive que retomá-la, quando passei a frequentar o terreiro na aldeia Pitaguary, onde sou filho. Assim também se aprende sobre as ervas, sobre as plantas, curas. Descobrimos os códigos e vocabulário das pessoas também descobrimos textos, articulamos palavras certas nos momentos certos para constituirmos as relações.

Quanto mais aprendemos sobre esses códigos e gestos, mais estamos aptos a traduzir e experimentar possíveis encontros. Então, dificilmente escapamos ao julgamento, à moral, ao julgamento dos que já conhecem mais sobre determinada linguagem. Podemos ser iniciantes em umas e nos considerarmos experientes em outras, traduzindo a outros como mestre, mas sempre temos algo a aprender sobre como perceber e se relacionar. A mediação da imagem é o ponto de onde parti e ao qual fui incorporando outras ferramentas, extensões que me fizeram sair da minha aldeia. Fui observar o quanto tantos outros gestos me levariam a tantos outros lugares que desejei. Compartilhar isso em um trabalho acadêmico foi um desses desejos. Só é possível aprender a fazer alianças fazendo, participando onde elas são formadas. Observando que todos querem sair de sua aldeia, mas também querem preservá-la para quando precisar voltar.

O antropólogo Tim Ingold, em seu livro *Para que serve a antropologia?* (2019), lança questões sobre os rumos da disciplina e propõem um acolhimento dos olhares “nativos”, o que até aí não seria novidade. Mas pensemos em termos de uma produção conjunta de reconhecimento, não apenas das chamadas cosmovisões. Segundo ele, “Devemos levar a sério nossos informantes”, não apenas fingirmos ou suspendemos temporariamente nossas crenças, para depois fabricar ideias sobre elas. Levar os outros a sério, seus saberes, autoridade em vida, é pressuposto básico para o fazer antropológico.

Com os anos entendi que nesses encontros quase sempre o mais importante, é aquele momento que se vivencia com o outro. O embate de mundos, que produz a novidade e que se estabelece no diálogo extra cotidiano e que pode gerar novas visões, revelar um conhecimento. Não se trata de catalogar a diversidade dos modos de vida humana, mas de um ir-se ao diálogo. Trata-se, ademais, de um diálogo no qual todos aqueles que participam estão prestes a serem transformados”. (Ingold,

2015, pág.) Aprender ouvindo a biografia de quem teve que encontrar muitas soluções na vida para chegar até aquele instante. Falar de si, entregar-se ao desconhecido, com sinceridade que só a experiência de tempo vivido junto pode acolher.

Entre os grupos, o trabalho de olhar de dentro é um dos desafios. Um grupo de pessoas é sempre desafiador ao pesquisador. Assim como o intuito aqui é entender os encontros de propostas diferentes, a ferramenta mais adequada foi entregar-se a vida na aldeia. Uma etnografia conectada com a vida, neste caso produz conhecimento também. A antropóloga Mariza Peirano, diz que etnografar é também teorizar, assim como ritualizar os encontros, saber ver que gestos são marcadores e definidores dos limites. Segundo as palavras desta autora:

Etnógrafos fomos/somos ávidos em conhecer o mundo em que vivemos, nunca nos conformamos com predefinições, estamos sempre dispostos a nos expor ao imprevisível... repito, se aqueles que nos antecederam privilegiaram a exploração - no duplo sentido do termo - do exótico, hoje reavaliamos e ampliamos o universo pesquisado com o propósito de expandir o empreendimento teórico/etnográfico, contribuindo para desvendar novos caminhos que nos ajudem a entender o mundo em que vivemos. (Peirano, 2014, p.389).

Seja clareando as flechas ou fazendo a resistência cotidiana, situando nossos passos no território e com o conhecimento de uma nova linguagem ritualizada. Alimentando o sagrado, em busca dessa aproximação, ampliação, expansão da compreensão.

Retomada Viva

A Retomada está viva no cotidiano de quem vive nela. No dia 22 de dezembro de 2020, Francilene Pitaguary me explicou como acontece a demarcação. As crianças no terreiro, os bichos, tarefas e brincadeiras se misturam. No terreiro grande da Retomada, a mesa do café ainda está posta. Acordei às seis da manhã, com o bom dia do Bacaioba¹⁰, que encostou na minha rede, estirada na noite passada por Mãe Liduina. Fazia anos que eu não ia à Retomada da Pedreira e esse retorno me trouxe inúmeras lembranças. Acho que a mais forte e recente, são dos dias que ingressei no curso da UNILAB, em maio de 2018.

Fiquei morando na Retomada, dormia no galpão, no mesmo canto que passei essa noite. Pela manhã quase sempre ia até a padaria. Naquele tempo, como agora, o

¹⁰ Bacaioba é um cão, das dezenas de caninos que nos acompanham nos caminhos em nosso cotidiano nas casas e na aldeia Pitaguary.

café da manhã é um momento importante, onde definimos a agenda do dia. Nesse dia, depois de acordar, tive a oportunidade de ouvir Mãe Liduina e o Pajé Barbosa muitas vezes. O Barbosa chegando de dia do trabalho noturno, a trilha sonora ainda é o programa Paulo Oliveira, na Rádio Verdes Mares. Na minha casa, em Fortaleza, minha mãe também escutava esse programa. Ali o tempo era pouco para conversa sobre os parentes, memórias, movimento indígena, minhas aulas, espiritualidade. O que tenho de memória, tento atualizar no mesmo gesto de “reviver” e ficar atento ao que sustenta essa realidade.

Os que resistem no cotidiano da Retomada fazem dela seu lar. A entrada do terreno é a mesma para todos. Quase sempre são as crianças que abrem o portão, acompanhadas dos cachorros. Passa uma moto, às vezes entra a caçamba, a bicicleta, o entregador de encomendas. O movimento na Retomada aumentou consideravelmente nesses últimos anos. Agora tem muitas casas construídas, rostos estranhos a mim. Não tive oportunidade de me aproximar desses novos moradores da Retomada, não houve tempo para isso. Tempo de ficar à vontade para uma abordagem segura. O clima é tenso e de incerteza para quem mora na Retomada. É preciso ter cuidado em cada gesto nesse campo, quando se trata de falar dessa incerteza. A insegurança é o que mais aflige o Pajé Barbosa e Mãe Liduina. Não há câmeras de segurança e uma vigilância sistêmica. Às vezes chega alguém com um papel procurando alguém, com uma ordem de não sei o quê. Procurando a liderança, para entregar um documento. Logo se instala o clima da incerteza.

A noite passada, domingo, foi de fogueira e peixe assado, noite estrelada, quente, de fim de ano. No sábado havíamos feito uma confraternização dos filhos e filhas do Terreiro. Eu que cheguei na sexta-feira à noite, já estava sentindo os sinais de melancolia por ter de retornar na manhã seguinte a Fortaleza. Já eram nove horas quando me sentei para escrever, recordando as imagens daqueles três dias na Monguba.

Descobri algo muito importante sobre a retomada da memória, quando sentei com Nadya e Francilene para trabalharmos juntos naqueles dias, como já tínhamos feito em muitas ocasiões. Mas, só o tempo e um olhar mais direcionado aos propósitos da disciplina fizeram com que eu percebesse ou sentisse. E esse Sentir é usado de modo a explicitar sentimentos, sensações. Quando eu falo “perceber algo”, elas dizem sentir. Modos de operar com o conhecimento nesse trabalho de campo. Perceber essa

diferença de nos expressarmos é consequência de uma alteridade que se explicita, expõe não para distanciar os mundos em suas diferentes modalidades.

O sentir foi notado, como também outras expressões que foram recorrentes. Para dar mais um exemplo, a palavra *essência*, era sempre usada pelo Pajé, Nadya e Fran. A essência é algo que cada um traz consigo, para sentir essa essência é preciso estar sensível em conexão. Então se trabalha a essência de cada pessoa. Já o Sentir, esse foi propiciado por estarmos juntos, comprometidos com uma tarefa. Um estudo, trabalho, pensar assuntos e temas que dizem respeito a interesses comuns. Nesse caso, a vida dentro da Retomada é pensada também para além de um evento político coletivo, onde se incluem vidas em particular.

No grande Galpão da retomada, onde vive a família extensa de Dona Liduina e do Pajé, uma estrutura originalmente concebida para um escritório da indústria mineradora, hoje adaptada à residência, é também onde sempre são recebidas visitas da aldeia, onde são realizadas consultas pelo Barbosa. Na parte de cima mora uma outra família, um casal e seus três filhos pré-adolescentes. Vou falar das gêmeas, filhas desse casal, Maria Eduarda e Maria Clara Pitaguary, que foram “adotadas” por Francilene, já há algum tempo.

A família, que passou a residir na Retomada desde o começo, é muito carente e tem um histórico de desavenças com a família do Pajé. Fran, vivendo esta situação com exímia diplomacia, agiu como agiria seu avô, Antônio Gordinho, pai do Barbosa ao qual ela tanto admira, e acolheu as meninas. Ela lhes dá aulas de reforço escolar e teatro, além de ensinar sobre os cuidados da vida dentro da Retomada, à sombra do Cajueiro repassa um pouco da história do movimento indígena: “Uma preparação para qualquer eventualidade”. A incerteza do lugar e a vida do movimento indígena ensinaram muito à menina Francilene. Um processo que acompanho, fiz fotos, trouxe alguns livros para a aula delas, mas só pude dimensionar no momento em que sentei com Fran para ajudá-la na elaboração de um de seus trabalhos acadêmicos.

Ela estava me explicando sobre como facilitava uma de suas aulas às gêmeas, em uma atividade em que as meninas não conseguiam interpretar o livro escolar. Então, estávamos sentados lá no alpendre da Nadya, na segunda feira, tentando fazer uma descrição do trabalho de Fran junto com ela, voltando toda a atenção aos seus gestos e palavras, para me dizer sobre os métodos de teatralização que ela empregará. Para fazer com que as meninas sentissem as personagens do texto naquela situação, como se fossem elas mesmas as personagens. Textualizando com

ela, escolhendo as palavras, me colocando também na perspectiva da Fran. Naquele território, com aquelas meninas, me dei conta e na mesma hora fiz questão de compartilhar com ela que aquele momento nosso me fazia refletir sobre o trabalho antropológico. Precisamente sobre o tipo de trabalho descrito por Tim Ingold, trabalho de trazer à vida a prática etnográfica. Fazendo antropologia entre as vidas e as palavras, atualizando a vida e a memória da Retomada.

Esses recursos de dramatização são trabalhados através da emoção. Trabalho de sensibilidade, que aciona os sentimentos. É muita interdisciplinaridade e sensorialidade envolvidas. A observação e tentativa de reproduzir e praticar esses gestos incidiu decisivamente em meu modo de estar, posicionar meu corpo, sintonizar com esses canais que iam se abrindo. A prática se deu no cotidiano do terreiro mesmo, de forma mais pragmática, quando haviam sempre mais pessoas envolvidas e relacionando-se no mesmo espaço. Dormindo, comendo, usando o mesmo banheiro, às vezes as mesmas roupas, redes, lençóis, pratos, passando as mesmas dificuldades nesses anos.

As pessoas mudaram, variaram muito, mas a base das relações é regida pela conduta do terreiro. Cada terreiro tem suas doutrinas e regras de comensalidade. É a vida em uma micro comunidade, onde o tratamento é de irmão e irmãs, pais e filhas, mães e filhas. Eu estava ao mesmo tempo em duas escolas novas para mim. Tentando que uma fizesse sentido para a outra. Tentando conciliar métodos e meios. Buscando uma base comum para o aprendizado. A minha saída foi entrar com o corpo, cair de cabeça como se diz. Tive os meus limites como qualquer outra pessoa.

De fato, durante o trabalho de campo tive de escolher entre segurar a câmera ou seguir o ritmo dos outros corpos. Algumas vezes consegui estar em sintonia com essas duas tarefas, fazer o trabalho de filho do terreiro e o trabalho de captar imagens. Com o tempo aprendi como conciliar melhor, mas no começo era muito difícil. Teve a fase em que a câmera ficava no tripé trabalhando só. Às vezes alguém tomava conta, um filho ou uma filha da casa que se interessava pelo trabalho ou tinha apenas curiosidade de mexer no equipamento. Acho que o mais interessante dessa parte foi saber que eu também era observado neste ponto.

Em algumas conversas com Fran e Nadya, falávamos sobre os processos de iniciação do filho na casa. Elas comentavam, faziam brincadeiras, minha “formatura”¹¹

¹¹ Uma alusão ao período de aprendizagem no terreiro e na universidade.

seria quando eu estivesse completamente integrado na espiritualidade, incorporado, passado por todas as fases de um médium. Ai sim, estaria formado. Comentaram, inclusive, que quando eu abandonasse a câmara é que eu realmente estaria disposto a me jogar mesmo na espiritualidade. A paixão pelo trabalho que eles fazem naqueles terreiros sempre me motivou e sempre me surpreendeu com uma nova perspectiva de estar envolvido com tudo aquilo que me foi apresentado com o tempo.

É um espaço de trabalho, de criação e invenção. Isso desperta o desejo em qualquer trabalho de superar as expectativas com nosso próprio trabalho. Me fez refletir muito sobre se doar a uma tarefa. Sempre que eu saía de Fortaleza para a Monguba, isso gerava em mim uma nova expectativa do que eu iria encontrar. Que sensibilidades seriam mobilizadas, que surpresas me esperavam. O Pajé é um grande artista, além de líder espiritual. Um contador de estórias sagaz. Falo isso para dizer algo que me despertou o interesse dentro desse ambiente inventivo. Eu pensava no que mais oxigenava esse ar, que quase sempre me fazia também e a muitas pessoas? Além da hospitalidade, dos braços sempre abertos, do colo da Mãe Liduina, sorriso da Nadya, sabedoria da Fran. O que fazia com que as coisas circulassem? Que movimentos eram feitos?

Habitando as casas e terreiros

O terreiro é um lugar onde muitas pessoas chegam tristes e doentes e saem aliviadas, depois das giras e dos ritos. Sem dúvida, isso é uma característica de muitas casas de caridade e de cura. Mas o que eu fui notando é que sempre estávamos em espaços diferentes. Criando espaços novos também para rituais. Indo de um lugar para o outro, entre a Retomada, a Casa do Meio e a casa da Nadya, principalmente. Pude observar isso com mais atenção no tempo em que morei na aldeia, no ano de 2018. Andava sempre com eles acompanhando, carregando bolsas, vasilhas, comida. Andando na aldeia de uma casa para outra: “Hoje faremos algo na Retomada, depois iremos para Casa do Meio e depois para casa de Nadya”. Esse era o circuito básico que variava quando também subíamos para a casa da Francilene. Fran também tem uma casa, mas não está sempre por lá. Não é uma casa terminada. Fora quando subíamos a serra, às vezes virtualmente, cansei de subir a serra através das estórias da Mãe Liduina. Ela hoje está quase impossibilitada de fazer caminhadas longas. Mas

fazíamos caminhadas pelo tempo e espaço e ela me levava a muitos locais. Lugares fantásticos onde vivera quando criança.

Esses movimentos, como eles me descreviam, eram para sair da rotina. O Pajé falava que era um trabalho de psicologia. Mudar de ambiente, espaço da execução de algumas tarefas cotidianas. Fazer uma comida diferente no forno à lenha. Ir pescar no açude, passar um tempo no baixio, onde se plantava arroz. Matar a saudade de um tempo de criança, através de uma brincadeira, uma música. As idas à serra com certeza do tempo em que eu não estive lá foram os exemplos mais interessantes que eles me davam dessa dinâmica encarnada do movimento da vida. Eu ficava atento a essas histórias. A família subia e levava mantimentos para passar alguns dias lá em cima da serra. Fazer um roçado ou colher os frutos já maduros. Foi como se eu tivesse vivido esse tempo dessas vidas. Essa é a impressão que tenho hoje. Algo inexplicável, a não ser por esse fluxo que é de bem-estar que fica impresso no próprio corpo.

Os sentimentos mobilizados nas narrativas e memórias são as imagens importantes que me ficaram desse trabalho e, infelizmente, não tenho talento para traduzir. Posso apenas dar a dimensão, o efeito desses movimentos. Do sair da rotina. Eles também me fizeram entender que os interlocutores ou sujeitos da pesquisa - fico pouco à vontade de usar esses termos -, estão ali, envolvidos em suas rotinas domésticas. E muitas vezes o trabalho de pesquisa pode ser inconveniente. Junto com isso aprendemos que não precisamos saber de tudo nem comentar tudo.

Nesse caminho houve acordos e desacordos, notas dissonantes. Tive que aprender como se afinar o couro do tambor, como se faz a tinta do jenipapo, se afirma uma vela para se focar em um pensamento comum. Levantando a voz em coro no terreiro onde se pratica o Toré, onde faz uma Gira. Os encantados não estão disponíveis, a todas as conjugações de corpos. A materialidade e as substâncias dessa mutualidade do ser é umas práxis paciente e, como experimentei, uma interdição.

Já o preceito é uma forma de proteger o corpo de certas impurezas, corpo atento, que está interditado. Um canal, conexão utilizada por povos ameríndios, adotado em religiões em práticas litúrgicas e espirituais. Os Xamãs, Pajés, Mães de santo e seus filhos praticam essa interdição corporal. Não é caso de uma atitude que está ligada à moral da convivência social. Na encantaria não há regime judiciário, são alianças híbridas e complexas. E isso vai ficar bem mais evidente nos movimentos que projetarão os povos indígenas para além da aldeia e do terreiro, em direção às

ruas e ao encontro de outros movimentos sociais. Ao falar sobre a mobilização povos Indígenas, Daniel Araújo, cacique Pitaguary afirmou que "No início, era tudo um povo só. Tudo junto, sem separação nenhuma". Já a pesquisadora Joceny Pinheiro afirma que o povo indígena,

Começou a se organizar em meio à mobilização sócio-política dos anos 80, alguns até anteriormente, já nos anos 70, período em que se destaca a atuação de vários setores da sociedade, especialmente os partidos, sindicatos e as chamadas pastorais católicas. São os anos em que a prática da "Teologia da Libertação" se faz presente na organização de parte das camadas populares, especialmente através das chamadas 'Comunidades Eclesiais de Base – CEB'. (PINHEIRO, 2002 p. 23).

A confluência desse diálogo entre a aldeia e a rua, através da mobilização dos povos indígenas vai fortalecer tanto as alianças quanto a espiritualidade desses mesmos povos, já que ali diferentes movimentos políticos e religiosos se encontrarão.

Assim, como os fiéis umbandistas que fazem oferendas e sacrifícios para conquistar a simpatia, o apoio e a proteção de seus orixás, os caçadores indígenas também, podem gozar da benevolência da caipora, caso façam alianças com ela (o que garante ao caçador sucesso nas suas atividades). (PORDEUS, 2000; PINHEIRO, 2002 p.76).

Muitas vezes, tal aliança parece residir na simples exigência do fumo, pois a Caipora sempre quer fumar, daí a tão famosa expressão popular "fuma que só uma caipora!", utilizada para dizer de quem fuma demasiadamente. (PORDEUS, 2000; PINHEIRO, 2002 p.76). Essa aliança com o sobrenatural, que entre os povos indígenas também continua sendo natural, vai fortalecer seus movimentos, entre eles os ligados aos museus que contam a sua história de afirmação e luta por direitos.

A fumaça do cachimbo

O Cachimbo é um desses ativadores dos sentidos recorrentes na aldeia em muitas situações. Além de que é um momento de muita sociabilidade onde se dão troca de receitas, técnicas, matérias. Desde a madeira que produz o cachimbo até aos tipos de pensamento que estão circulando em uma roda de cachimbo, que pode ser informal ou cerimonial, os agentes envolvidos que atuam entre as pessoas podem alterar as percepções, principalmente se o pesquisador resolve dar uma cachimbada também, o que algumas vezes me causou um certo mal-estar. Assim como os dias em que inalava muita fumaça das noites e noites de fogueira que me deixavam o resto da semana com o nariz entupido.

Recentemente, durante o carnaval de 2021, em que nos reunimos para um retiro espiritual no terreiro, fizemos uma grande roda de cachimbo, na qual não produzi nenhuma imagem, e estava decidido desde o começo a não inalar a fumaça para não me indispor, o que é natural para quem não está acostumado. Então me posicionei com todos irmãos em roda. Cada um com seu cachimbo e sua vela foi apanhando seu fumo da cumbuca e preparando seu cachimbo. Foi anunciado que as pessoas não eram obrigadas a participar e se quisessem poderiam participar apenas firmando-se seu preto/preta velho/velha e oferecendo a ele (a) s aquele fumo. Até ali eu ainda estava hesitante a colocar o cachimbo na boca.

Porém, se tem algo que aprendi sobre ética, regras e respeito relativos à espiritualidade é que o princípio básico é se respeitar, respeitar seu corpo e seus próprios limites. As regras e doutrinas existem em todas as comunidades religiosas, umas mais rígidas outras nem tanto. Nas casas e terreiros da família de Mãe Liduina e do Pajé Barbosa experimentei os limites dessas duas porções. Uma certa rigidez moral em torno do comportamento dos filhos, restrições e preceitos corporais. Mas nada era obrigado ou imposto. Inclusive percebo que ali há mais flexibilidade do que no geral de outras casas pelo que pude observar.

Então, essa adesão às regras da casa foi também um parâmetro de entendimento para mim, no que se refere aos limites e da produção efetiva da pesquisa. Nenhum pesquisador vai aderir irrestritamente a tudo no campo, ao que é sugerido ou colocado como regras. Mas, como há sempre uma alternativa, fazer ou não, aderir ou não, ceder ou resistir as condições, fui percebendo que não só como pesquisador, mas como alguém que vinha de uma outra realidade, eu tinha que buscar, aos poucos, soluções intermediárias para permanecer em campo. De forma que fosse participativa, ativa e também respeitando as doutrinas e regras da casa. O exemplo da roda de cachimbo é um, entre muitos outros que também envolvem o uso da câmera.

A Retomada da vida na aldeia: ainda há vida com essa pandemia?

Depois de quase um ano sem estar na aldeia resolvi ir até lá. O ano de 2020 foi terrível para todos e para o terreiro não foi diferente. As atividades foram retornando aos poucos na medida em que o número de casos de infectados foi diminuindo no fim do ano passado. Estávamos em contato pelas redes sociais, principalmente pelo

grupo de WhatsApp. O grupo se chama Seguidores de Pajé, mantivemos inclusive seções de giras virtuais, que nos confortavam de alguma forma. Mantínhamos o contato e tínhamos notícias dos parentes.

Meu primeiro retorno foi a Casa do Meio. Nadya e Fran estavam precisando de uma força para algumas tarefas da Universidade. Na medida que podia, e dentro das minhas limitações, nós encarávamos esses encontros como um aprendizado mútuo. Então fui “de mala e cuia” e computador. Uma felicidade que não me cabia e um sorriso encolhido na máscara. Desde esse dia de novembro até o carnaval de 2021 estive lá seis vezes e passava em média uma semana. Entre a Retomada, Casa do Meio e a casa da Nadya. Na segunda ida levei fotos impressas em papel fotográfico. Passei uma semana em casa escolhendo as imagens, pensando em contemplar o maior número de pessoas nas fotos. Isso é sempre uma premissa de meu trabalho de edição.

Esses reencontros foram de muitas intensidades emotivas. De muito trabalho no terreiro, muita união para que *A vida fosse retomada*. Encontros alegres, de afirmação de espiritualidade. Tivemos nossa Festa da Padilha em dezembro, acompanho a Festa desde 2015, é a festa mais aguardada do terreiro. Os preparativos e expectativas são muitas também. Houve uma confraternização dos filhxs no finalzinho do ano. No meu aniversário eu também fui, dia 04 de janeiro, almocei com Pai e Mãe. Tive um bolo e parabéns produzidos por Nadya. Em seguida foi o aniversário do Pajé que coincidiu com o III Intercâmbio Pitaguary e Fulniôs. Depois teve a Festa da Caipora e a última vez que estive lá foi para um retiro espiritual que fizemos durante o carnaval.

Registrei com o celular e com a câmera DSRL (câmera profissional) esses encontros recentes. Agora quero trazer um pouco à luz esses registros - a seção A fumaça do cachimbo foi resultado desses dias - e à luz desses nossos movimentos durante as giras. Os registros que experimentei ao longo da vida na aldeia, como já deu para perceber, foram diversos. Mas os registros em que mais me concentrei e me preparei foram dessas giras. Onde os filhos iriam trabalhar, fazer o trabalho de cura dentro do terreiro principalmente. Houve muitas situações fora das casas: viagens a outros territórios, lavagens de cabeça na praia, eventos em que encantados e cabos se fazem presentes e são convocados. Mas, para as giras na casa há uma preparação. Por que normalmente temos mais tempo, materiais, pessoas,

ferramentas para trabalhar. O ambiente familiar traz consigo essa vantagem de termos já praticado, trabalhado nele e aparentemente tudo flui mais.

Busquei, a partir de um determinado momento do trabalho, alternar entre o uso da câmera grande e a câmera do celular e, muitas outras vezes nenhuma delas. Isso independente da ocasião. Fui tentando entender as diferenças desses usos. Mas, no fim das contas o mais importante foi perceber que ficar com as mãos livres me propiciava fazer outras coisas com elas ou com outras partes do corpo. Bater palmas na gira com a câmera é difícil, mas fui me acostumando. Fazer as tarefas do cotidiano como varrer o terreiro, pegar um balde de água, cozinhar, preparar a casa para receber as pessoas, amolar uma faca, subir a serra, colocar um café para Seu Zé, firmar uma vela, ter cuidado quando entra na mata....

Tarefas, “A única coisa que nos é dada e que há quando haja vida humana”, Ortega continuou dizendo, “é o ter que fazê-lo... A vida é uma tarefa” (ORTEGA Y GASSET, 1941: 200). (INGOLD2015, p.36). *A vida é uma Tarefa*, isso não saiu de minha cabeça, fui então fazendo e observando as tarefas. Aprimorando as habilidades, sintonizando as tarefas dos outros que os trabalhos produzidos poderiam entrar ou estar em uma sintonia. Construir esse canal foi fundamental e saber como retoma-lo sempre atento ao que era demandado na tarefa seguinte.

A essência da produção encontra-se tanto ou mais na qualidade atencional da ação – isto é, na sua sintonização e responsividade à tarefa conforme ela se desdobra – e nos seus efeitos de desenvolvimento sobre o produtor, do que em quaisquer imagens ou representações de fins a serem alcançados que possam ser suscitadas antes disso. (INGOLD, 2015, p.33)

É partindo dessa ideia de produção apoiada em Marx que ele abre a leitura de *Estar vivo* (2015). Com a ideia de produção que se desdobra em *história*, *habitação* e as *linhas*. Assim, cada ser é sua própria história e habita não um espaço fechado e enclausurado, mas habitando os caminhos com suas linhas. São linhas metafóricas, mas também são perceptíveis quando se estar disposto a enxergá-las. As linhas se traduziam então nos caminhos que fazíamos entre as casas, nas linhas entre nossos olhares, linhas de fuga também às vezes. Corpos que se moviam no terreiro, que submergiam na luz e em movimento.

Talvez uma pessoa que nunca tenha experimentado uma gira no terreiro esteja com certa dificuldade de acompanhar o raciocínio desenvolvido aqui. Mas a produção desses momentos é muito qualificada, envolve muito trabalho, não sei como comparar a outra coisa. Há momentos que se sente em um universo muito particular onde o

tempo passa e não se sente. Usar a câmera nessas horas parecia ser um desperdício. Mas organizando bem dá para fazer os dois. Então fui organizando.

Em uma dessas giras recentes, uma segunda-feira de gira para Exu, que o nosso irmão Miguel se compromete a realizar em todas as primeiras segundas-feiras do mês, consegui chegar a uma afinidade com as pessoas, irmxs mais velhos principalmente. Afinidade, sintonia, sinergia, o que poderia dar origem a essa sensação no pesquisador que trabalha com a câmera e que anseia captar, registrar um fenômeno? Levá-lo a uma ideia de que está produzindo algo significativo com uma certa qualidade de corporal?

O cineasta e antropólogo Jean Rouch, que elaborou o conceito de Cine-Transe, com seus primeiros trabalhos em África, para ser mais preciso em um de seus filmes, *Tourou et Bitti*, buscava “Pensar sua própria experiência de filmagem à luz de conceitos nativos, ou melhor, quando procurava formular uma relação entre possessão e experiência fílmica”. (GONÇALVES, 2009, p.31). Essa formulação de Rouch, sobre a relação entre os corpos das pessoas possuídas e do pesquisador, é uma elaboração que se propõem a considerar:

Não apenas o self do possuído, como também o do observador, e o que parece crucial é sua sugestão de que a possessão e o ato de filmagem, além de serem conceitos simétricos, são formas de conhecimento por meio da corporalidade, pensada como um estar referenciado diante do mundo. A possessão seria uma técnica corporal de criação, de movimentos, concernindo tanto o cineasta quanto o sujeito possuído por algum espírito. (GONÇALVES, 2009, p.31).

As antropólogas Anna Grimshaw e Amanda Ravetz, no artigo “Drawing with a camera? Ethnographic film and transformative anthropology”, traduzido e publicado pela Revista GIS de antropologia da USP, sendo traduzido como “Desenhar com uma câmera? Filme etnográfico e antropologia transformadora”, traz informações importantes acerca da obra de Rouch, assim como o professor Marco Antônio Gonçalves que fez uma pesquisa aprofundada na obra de Rouch. Ambas abordagens se detiveram sobre o Cine-Transe para valorar o aspecto do aprendizado marcadamente sensorial. Gonçalves traz “as noções de ‘vivido’ e ‘experiência’ como formas de aceder a um pensamento”. (2009, p.31), ao ver nessas relações de uma sintonia que é afirmada conseqüente a filmagem e a criação. Para as antropólogas o Cine-Transe: “Levanta a questão sobre outros aspectos do processo de improvisação que são mais difíceis de caracterizar, e que não têm sido, talvez, abordados de forma adequada nos debates recentes sobre o conhecer”. (e.g. Halstead *et al.* 2008; Harris 2007; Marchand 2010). (GRIMSHAW e RAVETZ, 2021, p.23).

Essa é uma resposta a Tim Ingold, que tem proposto uma antropologia gráfica em favor do desenho em contraposição ao trabalho com a câmera, mais especificamente com o enquadramento. Para Ingold, o enquadramento da câmera encerra a linhas do Devir da vida: “A câmera[...] desvia o curso das possibilidades de intervir nos campos da força e fluxo onde as formas das coisas emergem e se mantêm” (Ingold 2011a, 178). (GRIMSHAW e RAVETZ, 2021, p.19).

Levando em conta outras qualidades do desenho, Ingold me parece não considerar o trabalho com a luz. A luz como um material a ser trabalhado. Não estou falando de desenhar com a luz. Desenhar para as autoras, neste artigo, está conectado a um gesto, movimento. O que deve ser levando em consideração também, mas como profissional entendo o aspecto de trabalhar com a luz em suas nuances. E fiquei justamente pensando mais sobre esse trabalho atento da percepção, ferramenta, engajamento e corpo com os escritos de Ingold. Extraí essa passagem de *Estar Vivo* (2015) por que ela reflete bem o que em outras palavras se repete de diversas maneiras de que “a essência da ação não reside na premeditação, mas no estreito acoplamento do movimento corporal e da percepção”, não em uma ideia preconcebida que dá vida a algo.

Se somos atravessados pela luz, e vemos através dela, estamos em constante dança com ela através dos movimentos atentos corporais. Na fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty “a luz é fundamentalmente uma experiência de estar no mundo que é ontologicamente anterior à visão das coisas”. (INGOLD, 2015, p.210). No terreiro eu sempre ouvia que o médium tem que se esforçar para trabalhar, incorporar, mas precisa mesmo é acreditar e se jogar nesse mistério. Sem temer, o médium deve se lançar. Imagine essa situação onde a pessoa é atravessada por estímulos, claro, isso depende do quão cada pessoa está envolvida. Se ela “vai se jogar” e uma entre muitas possibilidades, no entanto, o que eu experimentei foi como se algo viesse até a mim, pelo menos esperei isto muitas vezes. A entidade iria se incorporar, caboclos, orixás, guias. E com os olhos fechados, concentrado, às vezes entre uma captura de imagem e outra pela câmera, pela “visão”.

Pensando nesse “se jogar” como um ato devir, “acreditando cegamente” sem ter uma ideia pré-concebida do que pode acontecer, um mundo de imagens conceitual, contra o qual Ingold trabalha em favor da ação e produção da vida, eu penso que estaria mais próximo ou intercalando entre estados qualitativos diferenciados de produção. Mas que não deixariam de me levar a um aprendizado

aplicado *ao longo* do tempo que estive trabalhando. Esse resultado de aprendizagem está sendo *incorporado* pelos e através de movimentos nos meus gestos, que se originam de todo trabalho corporal.

O visual, em suma, é um atalho para a visão transmitida no visível. Isto quer dizer que ele é produzido através de uma operação de reprodução pela qual podemos ver e interpretar a nossa própria experiência visual apenas enquanto esta experiência esteja codificada em objetos à vista. (INGOLD, 2015, p.211)

E quando esses objetos não estão à vista, mas eu acredito neles, o que enquadramos com a câmera? Ideias preconcebidas? Não tenho resposta. Nem Ingold. Essa é um discursão. Talvez Rouch “enxergasse” o invisível que seus interlocutores inscreviam em seus corpos e Retomavam a vida suas histórias. Não se trata de crença eu sei, mas da experiência do sentir. De uma prática que pode qualificar essas experiências.

Em uma dessas eu podia jurar que até as entidades incorporadas entendiam o propósito daquele meu trabalho. A qualidade dos movimentos, a intimidade com o ambiente, a compreensão dos ritos. Me tornavam não mais um fantasma, como me sentia antes, trabalhando em ocasiões onde o importante para mim era não atrapalhar ou roubar a cena. Dançávamos juntos, eu que já não entendi se era eu, as entidades e os médiuns.

Trata-se do potencial dinâmico, transformador de todo o campo de relações dentro do qual seres de todos os tipos, mais ou menos semelhantes a pessoa ou a coisas, continua e reciprocamente trazem uns aos outros à existência. A animacidade do mundo da vida, em suma, não é o resultado de uma infusão de espírito na substância, ou de agência na materialidade, mas é, ao contrário, ontologicamente anterior à sua diferenciação. (INGOLD, 2015, p.152).

Esse é um posicionamento no qual Ingold expõem acerca da agência, ela é direcionada principalmente a Alfred Gell, quando ele se refere ao agenciamento dos objetos em *Arte e Agência* (2018). O que Ingold chama de lógica da inversão não se trata de uma “infusão de espírito”. Para Ingold os materiais, como a luz e vento do ambiente tem suas próprias forças com a qual trabalhamos juntos: “Sugiro que o problema da agência nasce da tentativa de reanimar um mundo de coisas já morto ou tornado inerte pela interrupção dos fluxos de substância que lhe dão vida”. (INGOLD, 2012, p.33). Queria apenas esclarecer este ponto sobre a palavra *espírito*. Ao mesmo tempo tenho trabalhado para entender melhor essas *forças* e poder retornar à minha descrição.

As relações tinham, em certa medida, ficado mais claras para o trabalho. Com as inúmeras conversas, com as trocas de imagem entre nós, filhxs da casa, em muitas

oportunidades. Não só das imagens na verdade, a consciência de que partilhávamos um teto comum, dividíamos as refeições, éramos responsáveis e cuidávamos das refeições de todos os seres. Dos bichos que convivem na casa, são muitos, plantas, visitas. Uma ecologia que se pautava pela sobrevivência e economia das relações cotidianas. Claro que nem tudo é paz e amor. Toda família tem suas tretas e desentendimentos. Mas o que estou tentando explicitar é que para “produzir memória”, ou seja lá o que, além disso podemos começar a pensar, existem práticas particulares. Visões de mundo muito diversas das quais o pesquisad(x)r precisa estar atento. Ir além de ter uma consciência que precisa estar atenta. Precisa produzir essa atenção em campo:

Se levarmos a sério a ideia da câmera como um instrumento, em vez de uma tecnologia, e reconhecermos que certos tipos de filmagem podem ser considerados formas de desenhar, o relacionamento entre processo e representação se torna mais complexo e interessante. É crucial uma nova concepção do enquadramento. (GRIMSHAW e RAVETZ, 2021, p.19).

Eu diria que, se levássemos a sério nossos sentimentos e de nossos interlocutores, a ferramenta, enquadramento estaríamos caminhando rumo a uma antropologia transformadora como as autoras citadas desejam. Conseqüentemente, teremos dados de pesquisa produzidos em consonância com esse movimento. Material que não está apartado da vida das pessoas e que traz a matéria impregnada desses gestos, sons, cores, sabores. A “Participação não se opõe a observação, mas é uma condição para isso, assim como a luz é uma condição para se ver as coisas, o som para ouvi-las, e a sensação para senti-las”. (INGOLD, 2015, p.253). Assim os conhecimentos são integrados, “o conhecimento do habitante é forjado não pelo ajuste dos dados da observação dentro dos compartimentos de uma classificação recebida” (INGOLD, 2015, p.253), mas pelas histórias de seus produtores *ao longo* do caminho que encontramos.

Considerações Finais

O trabalho de memória ao qual me refiro é um trabalho de rememoração continuada, feito em conversas com as pessoas que participaram desse trabalho. De reportagens das imagens no Facebook e em outras plataformas. São um embate com a “realidade” e a narrativa, constantemente reconstruída pelas pessoas que aprenderam a tomar as suas histórias como a História. Que estão empreendendo,

reivindicando as suas narrativas em primeira pessoa. Foi assim que aprendi um pouco sobre o que é estar no campo. Estar vinculado e pensar à situacionalidade do pesquisador trabalhador das imagens/memória. Bem que eu queria uma palavra que unisse em um único sentido essas duas últimas. Queria ter uma expressão como as peles de imagem, Utupe de Davi Kopenawa. Tenho, por enquanto, a incerteza viva, sobre os suportes de media, de uma memória que está se refazendo constantemente enquanto estamos vivendo nos movendo.

Na aldeia-terreiro ou no terreiro-aldeia quando os corpos se movem para um Toré, pajelança, ritos, gira os corpos estão rememorando. Estão produzindo, retomando identidades, corporificando naquele instante. Um Preto Velho, um Oxóssi, como Davi Kopenawa nos diz “dançando para manter o céu”, assim como outros pensamentos do xamã Yanomâmi, como essa que é uma das mais encantadoras:

“Os brancos se dizem inteligentes. Não o somos menos. Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas. Elas vêm de nossos antepassados. Porém, não precisamos, como os brancos, de peles de imagens para impedi-las de fugir da nossa mente. Não temos de desenhá-las, como eles fazem com as suas. Nem por isso elas irão desaparecer, pois ficam gravadas dentro de nós. Por isso nossa memória é longa e forte. O mesmo ocorre com as palavras dos espíritos xapiri, que também são muito antigas. Mas voltam a ser novas sempre que eles vêm de novo dançar para um jovem xamã, e assim tem sido há muito tempo, sem fim. Nossos xamãs mais antigos nos dizem: ‘Agora é sua vez de responder ao chamado dos espíritos’. Se pararem de fazê-lo, ficarão ignorantes. Perderão seu pensamento e por mais que tentem chamar a imagem de Teosi para arrancar seus filhos dos seres maléficos, não conseguirão”. (Kopenawa, 2016, p.75).

Será que permaneceremos no mesmo lugar depois destas palavras? O que tenho por enquanto é o sentimento de dever cumprido com a primeira parte desse trabalho. Apresentar, reunir, juntar umas linhas, fios que estavam no caminho. Tentei fiar, tecer nessas palavras alguns sentimentos e experiências que trazia na bagagem. Como desafio daqui para frente o que tenho é que organizar umas longas horas de material gravado nos últimos anos.

Sei que parte desse material está gravado também em meu corpo e de meus interlocutores. Tanto as imagens estão impressas nos arquivos digitais quanto esses arquivos estão impressos em nós. Como uma “realidade construída”, uma verdade inacabada, uma ficção produtiva na medida que também é reflexiva. Que estive atento e ao final percebi que só poderia medir as consequências depois de ter atravessado esse lugar. Entender que as imagens também resistem quando resistimos com elas. Que a vida persiste se persistimos através dela. Desse modo, *retomar* as imagens é

um Retorno à vida, seja no território ou no terreiro, quando acreditamos no que não conhecemos por motivos desconhecidos por nós mesmos. Por nos mantermos à distância, encerrados em mundo pouco diverso, entendo que esse mundo é o colonial.

O mundo da classificação, compartimentado, apartado dos outros seres humanos ou seres vivos, que podem nos ensinar se aceitarmos consequentemente ouvir seus passos, seus chamados. Assim, outros devires-imagem podem acontecer e podemos estar vivos, aptos a compartilhar.

Referências Bibliográficas:

ALARCON, Daniela Fernandes. *O retorno da terra: as retomadas na aldeia Tupinambá da Serra do Padeiro, sul da Bahia*. 2013.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Original publicado em 1939).

BELTING, Hans. “*Por uma antropologia da imagem*”. *Concinnitas*. Ano 6, volume 1, Número 8, julho, 2005.

Didi-Huberman, Georges. *Quando as imagens tomam posição*. O Olho da História I. 1ª edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

_____. *Remontagens do Tempo Sofrido*. O Olho da História II 1ª edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

_____. *Que emoção! Que emoção?* São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

Ferrari, F., Dullely, I., Pinheiro, J., Valentini, L., Sztutman, R., & Marras, S. (2012). “*O Apache era o meu reverso*” Entrevista com Roy Wagner. *Revista De Antropologia*, 54(2).

GELL, Alfred. *Arte e Agência*. São Paulo: Ubu, 2018.

GOMES, Alexandre Oliveira. *Museus indígenas, mobilizações étnicas e cosmopolíticas da memória: um estudo antropológico* - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

GONÇALVES, Marco Antônio. *O real imaginado – Etnografia, cinema e surrealismo em Jean Rouch*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

_____. *Encontros “encorporados” e conhecimento pelo corpo:*

filme e etnografia em Jean Rouch, DEVIRES, BELO HORIZONTE, V. 6, N. 2, P. 28-45, JUL/DEZ 2009.

HERMES, Alexandre. *ESTAÇÃO MUCURIBE*: Investigação sobre procedimentos de montagem e desmontagem. 2017.

HUYSSSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente*: modernismos, artes visuais, Políticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

INGOLD, Tim. *Estar Vivo*: Ensaio sobre Movimento, Conhecimento e Descrição. Petrópolis, Vozes, 2015.

_____. *Lines: a brief history*. Londres: Routledge, 2007.

_____. *Redrawing Anthropology*: material, movements, lines. Londres: Routledge, 2011.

_____. *Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture*. Londres: Routledge, 2013.

_____. *Trazendo as coisas de volta à vida*: emaranhados criativos num mundo de materiais, University of Aberdeen – Escócia, Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012

_____. *Correspondences*, Editora: Polity; 1ª edição, outubro 2020.

KRENAK, Ailton. *COSMO-VISÕES*: Trajetos e ruínas, coleção TEMBETA, Ed. Azougue. Rio de Janeiro-RJ. 2017.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu*: palavras de um xamã Yanomâmi. São Paulo: Companhia das Letras 2015.

Mauss, Marcel. “*As técnicas do corpo*”. Sociologia e Antropologia. São Paulo, Cosac Naify, 2003. P. 399-422.

MACDOUGALL, David. “*Significado e ser*”. In: BARBOSA, Andrea; CUNHA, Edgar Theodoro da. & HIKIJI, Rose Satiko Gitirana (Orgs.). *Imagem-conhecimento: Antropologia, cinema e outros diálogos*. Campinas: Papirus, 2009. p. 61-70.

_____. *Transcultural Cinema*. Princeton: Princeton University Press, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O corpo*. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MICHAUD, Alain. *Aby Warburg e a imagem em movimento*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2010.

PEIRANO, Mariza. *Etnografia não é método*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez.

PIAULT, Marc. “*Espaço de uma antropologia audiovisual*”. In Eckert & Monte-Mor (org.) *Imagens em foco. Novas Perspectivas em antropologia*. Porto Alegre: Ed Universidade 1999.

PINHEIRO, Joceny de Deus. *Arte de contar, exercício de lembrar*. as narrativas dos índios Pitaguary. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. 2002

SAMAIN, Etienne. “As *Mnemosyne (s) de Aby Warburg*: entre antropologia, imagem e arte”. *Revista Poiesis*, n17, 2011

_____. (org.). *Como pensam as imagens*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

_____. “*Antropologia, Imagens e Arte: um percurso reflexivo a partir de Georges Didi-Huberman*”. *Cadernos de Arte e Antropologia*, vol. 3, n2, 2014, pp 47-55.

Satiko, Rose. *Rouch compartilhado: premonições e provocações para uma antropologia contemporânea*, Iluminuras, Porto Alegre, v.14, n.32, p.113-122, jan./jun. 2013.

SCOTT, James. 2002. “*Formas cotidianas da resistência camponesa*” *Raízes*, Campina Grande, vol. 21, no 01, p. 10-31, jan./jun.

Wagner, Roy. *A invenção da Cultura*, São Paulo: Ubu, 2018.

ANEXOS



Figura 3 Fotografia final dos participantes do III Fórum Nacional de Museus Indígenas, comunidade Nazaré, Lagoa de São Francisco/PI.

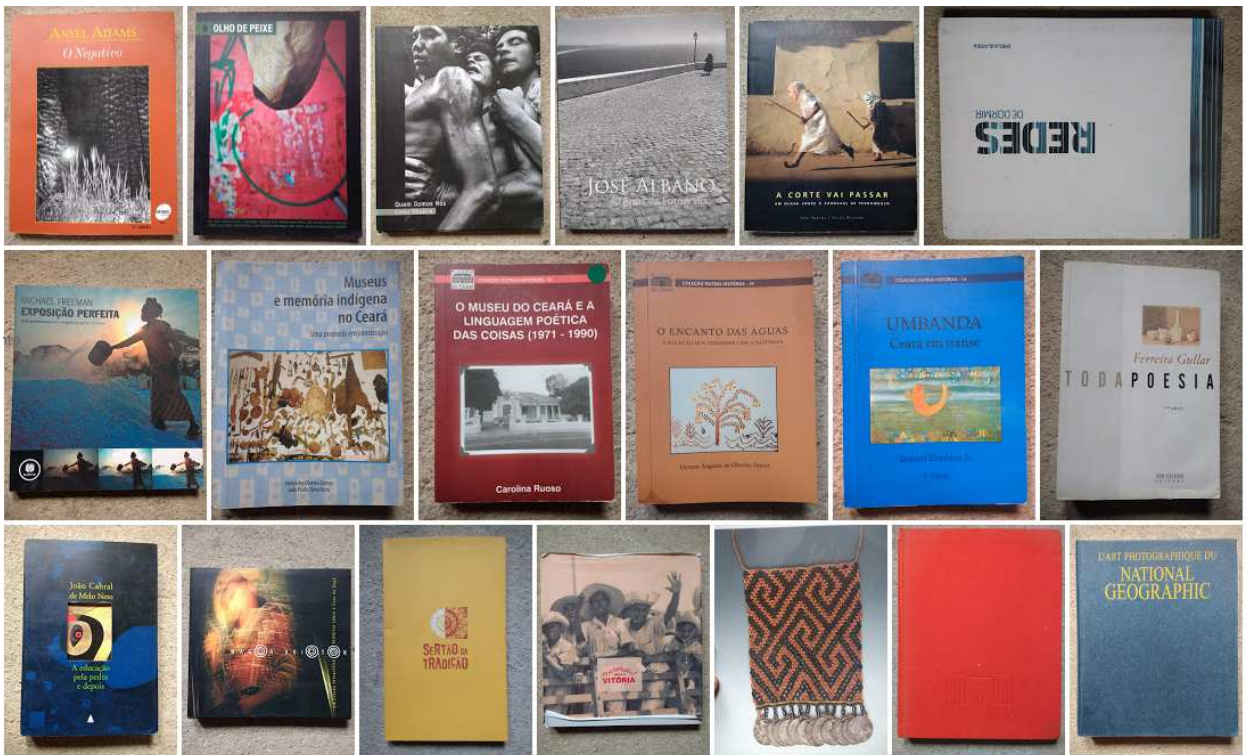


Figura 4 Parte dos Livros doados para biblioteca do museu Pitaguary. 2017

66 3 comentários 13 compartilhamentos

[Curtir](#) [Comentar](#)

Magda Cruciol *belissimas fotos* 1 —
[Curtir](#) · [Responder](#) · [Ver tradução](#) · 5 a

Labirinto Comunica *obrigado moça!* 1
[Curtir](#) · [Responder](#) · 5 a

Rosa Pitaguary *Lindas* 1
[Curtir](#) · [Responder](#) · 5 a

Escreva um comentário...

Figura 5 Galeria de fotografia do Facebook.



Figura 6 Em frente a Casa do meio



Figura 7 Fechamento da CE na altura da Retomada Pitaguary, em 22 março 2013.



Figura 8 Autorretrato

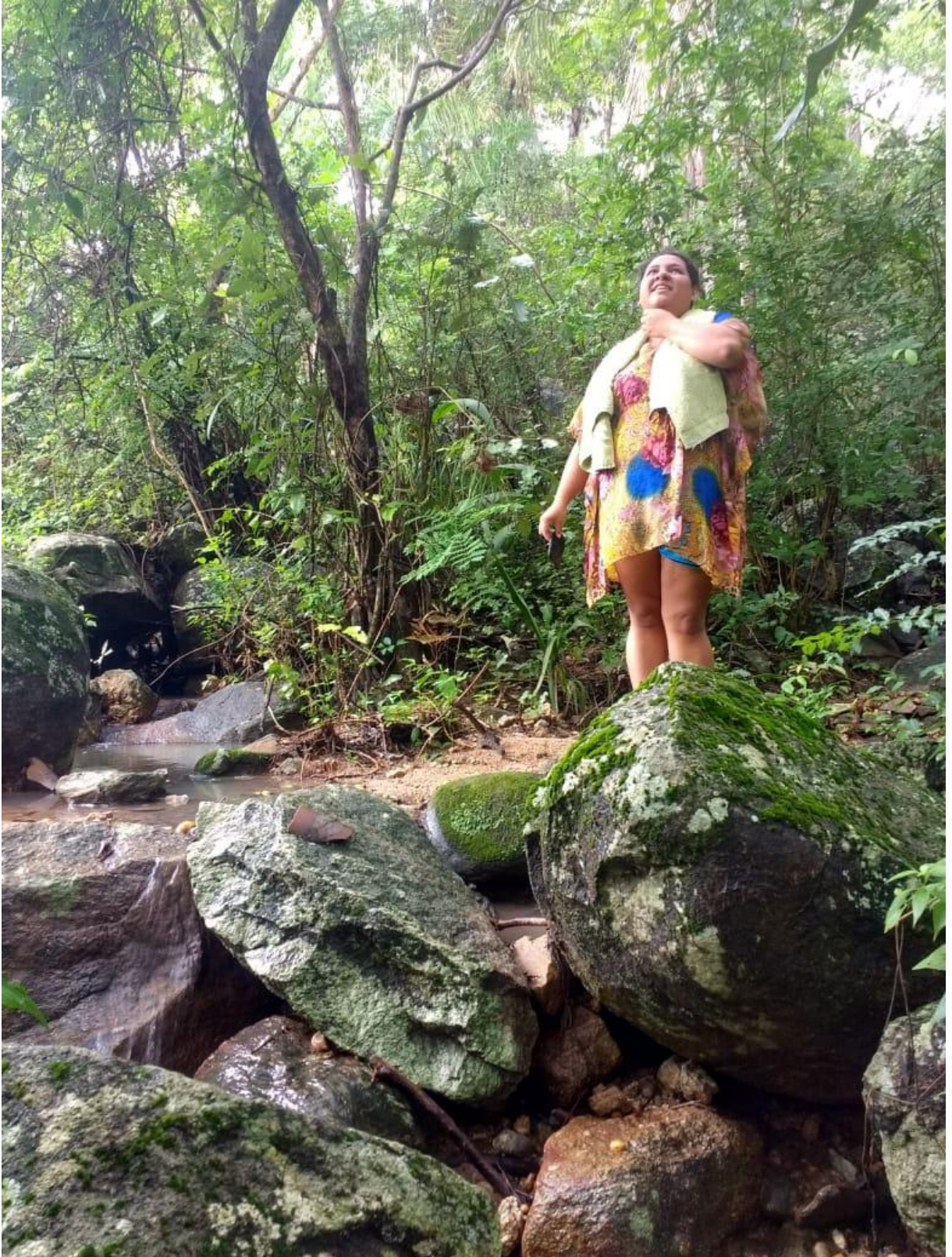


Figura 9 Francilene Pitaguary



Figura 10 Maria Clara e Maria Eduarda Pitaguary, moradoras da Retomada da Pedreira



Figura 11 Retrato com todos os filhos da casa presentes e convidados no aniversário do Pai Barbosa 2021



Figura 12 Subida a Serra em 2014

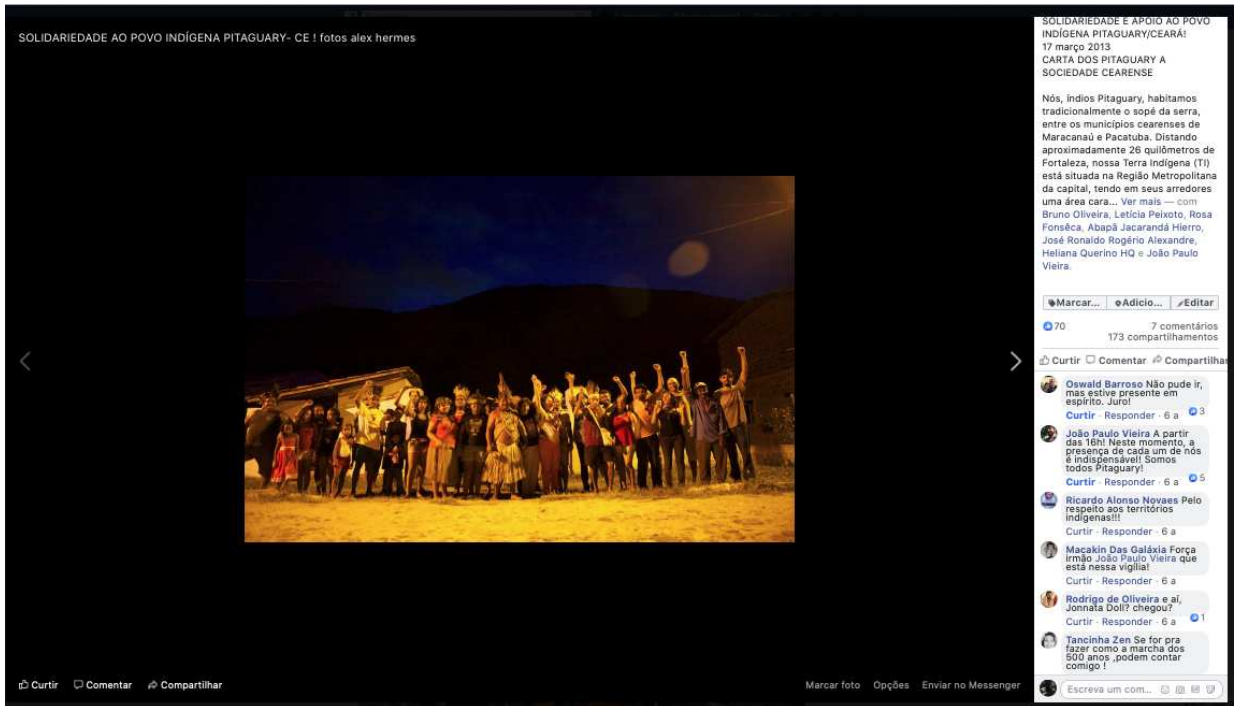


Figura 13 captura de imagem das redes sociais



Figura 14 exposição na Mangueira 2013

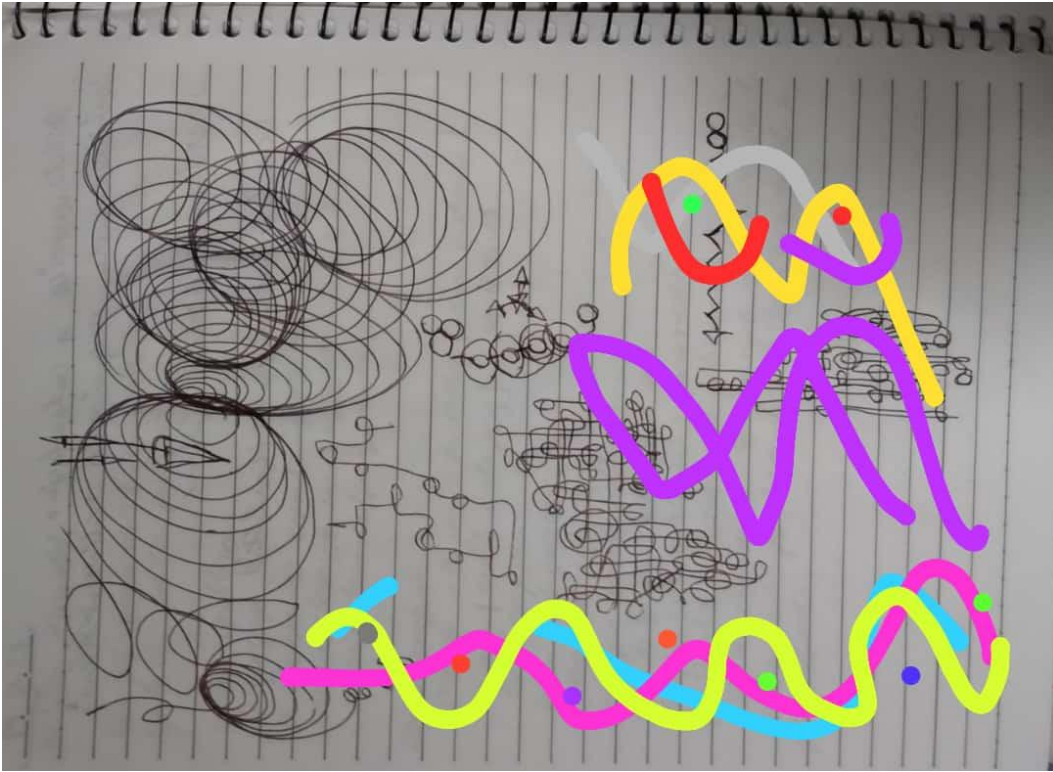


Figura 15 trabalhando com o desenho



Figura 16 Alex Pitaguary na Retomada em 2013



Figura 17 Maria Gordinho em casa com Francilene



Figura 18 Aline e Yuri filhos de Nadya 2015

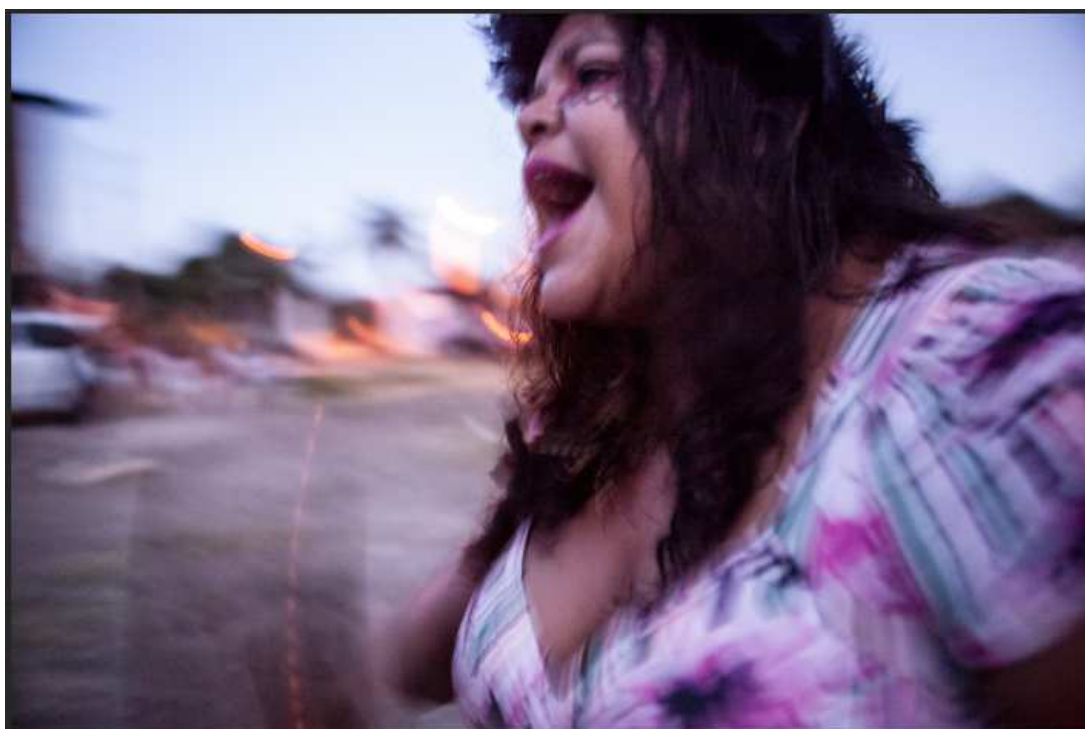


Figura 19 Nadya Pitaguary na Retomada da Pedreira 2013



Figura 20 Caderno de desenhos do Pajé Barbosa

**Os Guarani-Kaiowá perderam suas terras,
e agora estão perdendo suas vidas...**

Em São Paulo

as 13:00 hs

Concentração MASP

**Com parada em frente ao TRF-3,
seguindo com destino à UNICA**

Av Brig. Faria Lima 2179

PARTICIPE!

... e você pode ajudá-los agora!

DIA 9 DE NOVEMBRO

**DIA NACIONAL DE LUTA EM FAVOR DO POVO GUARANI-KAIOWÁ
EM TODO O BRASIL**

Figura 21 Cartaz do Ato, do povo Guarany



Figura 22 Nadya Pitaguary 2014



Figura 23 Festa do Milho 2013



Figura 24 Cacique Daniel em sua Residência 2016



Figura 25 Constituinte de 1988



Figura 26 Povo Pitaguary na exposição do Sobrado 2017

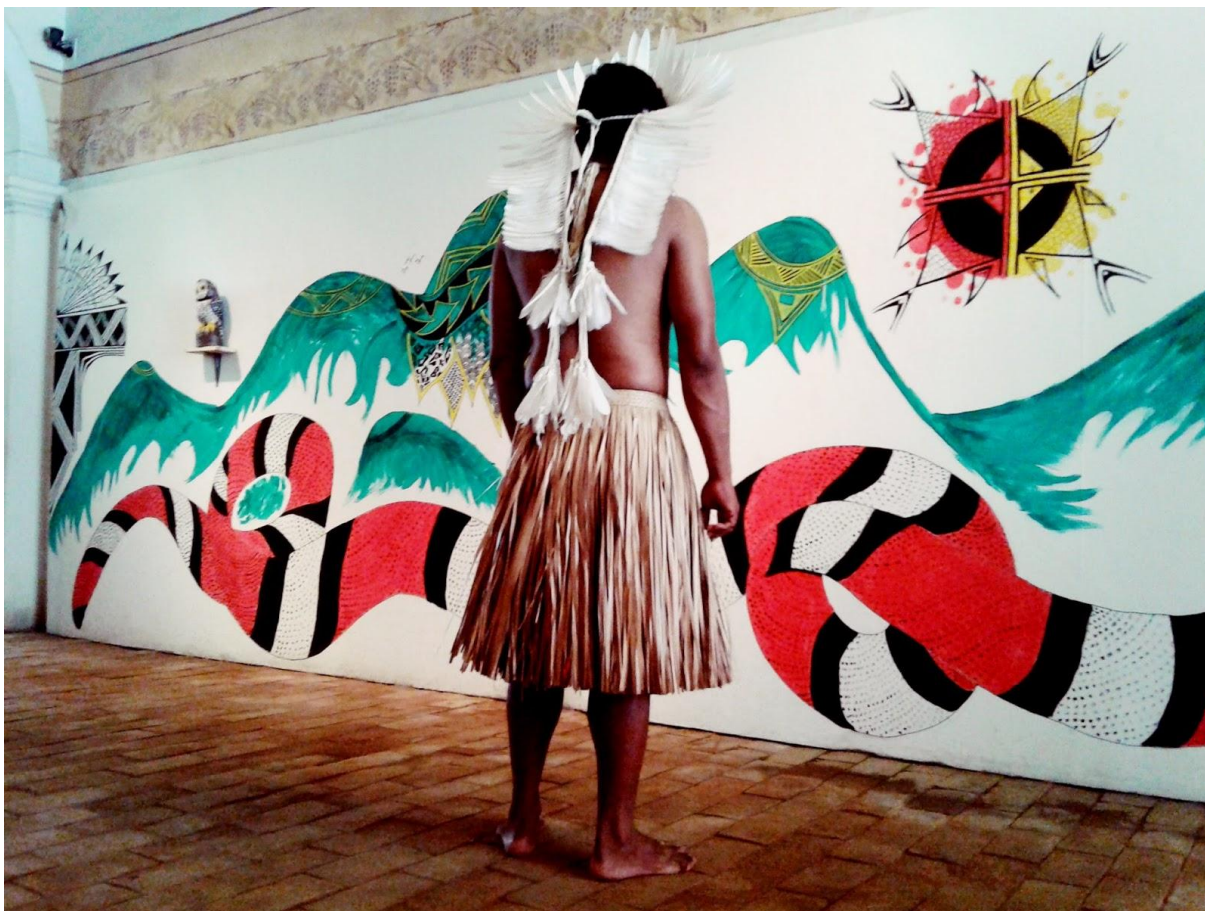


Figura 27 Cacique João Paulo Pitaguary na exposição do Sobrado 2017



Figura 28 Apoiadores do povo Guarany



Figura 29 Visita ao Museu do povo Tabajara- PI



Figura 30 Exposição do Sobrado José Lourenço 2017



Figura 32 ABC Yuri na escola ITA-ARA 2019



Figura 33 Pajé Barbosa na UNILAB 2018



Figura 34 Nadya Pitaguary no terreiro Africano na Retomada 2018



■ Índios Pitaguarys dançam lembrando Santo Antônio

Dança do Torém e cantos homenageiam Padroeiro

Índios, estudantes e religiosos reuniram-se ontem na reserva indígena dos Pitaguarys para reverenciar Santo Antônio e lembrar o sofrimento dos índios escravizados ■

demarcação é o começo de todo o trabalho indígena", dizia o cacique.

Durante a dança, os índios beberam a Ataianga, bebida considerada sagrada - feita da mistura de fruta do mato, jenipapo, caldo de cana e casca de pau do mato - que significa força e vontade de lutar. A pintura preta e

Figura 35 Cervo Adelco /UFC



Figura 36 Alex Pitaguary na Pedra da Torre 2014

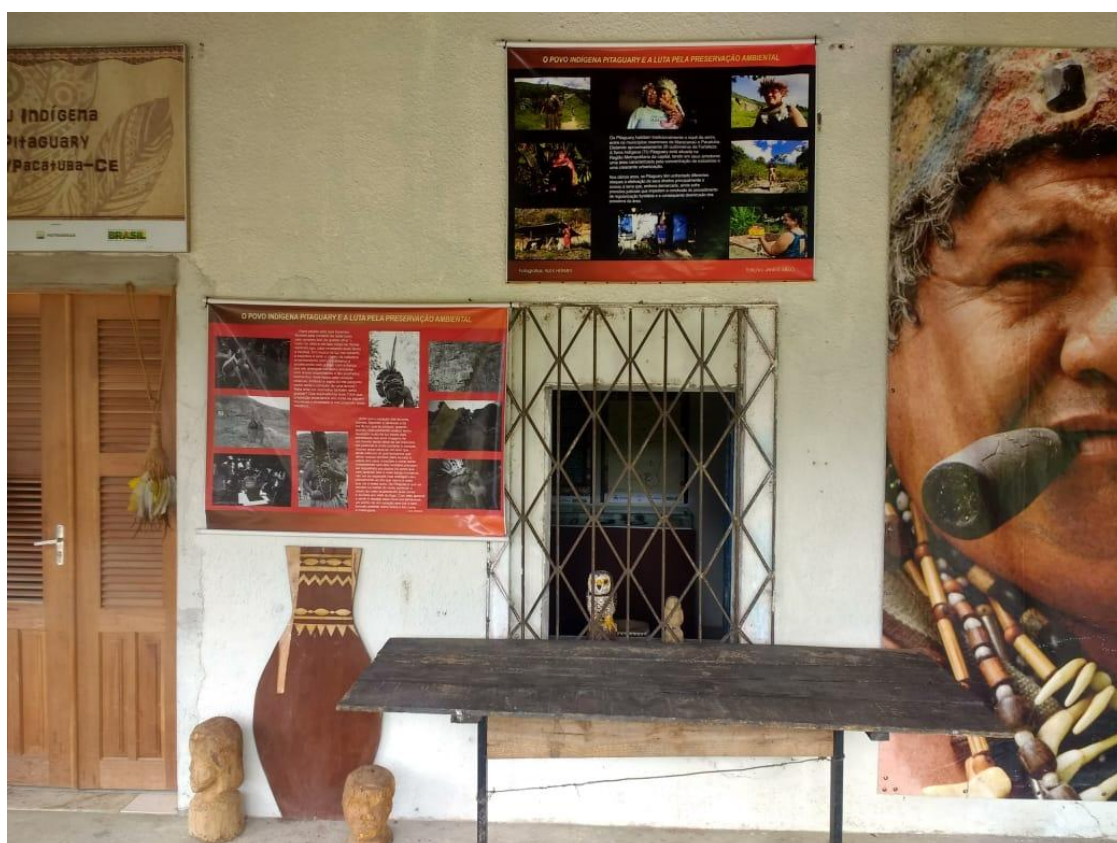


Figura 37 Museu Pitaguary



Figura 38 produção de vídeo com Jovens Tabajaras PI 2018



Figura 39 Primavera de Museus, Museu do Índio - Rio de Janeiro 2019



Figura 40 Festa da Caipora 2020, Gaby, Lauriane e Grazi Tremembé



Figura 41 Aniversario do Pajé Barbosa 2021



Figura 43 Fran na Festa de Iemanjá 2019



Figura 44 Eu e Bacaioba, foto Francilene Pitaguary



Figura 45 Interior da casa da Retomada 2021



Figura 49 Trabalho corpo imagem no terreiro 2018

O POVO INDÍGENA PITAGUARY E A LUTA PELA PRESERVAÇÃO AMBIENTAL



Rara paixão pelo que fazemos, quando, movido pela vontade de estar junto, promove novos encontros pelo simples fato de querer olhar o outro no olho e ver seu corpo se mover sentindo seu calor revelando suas faces e facetas. Em busca da luz me conecto a espíritos e sinto o cheiro da natureza amanhecendo com os pássaros e anoitecendo com o fogo com a dança que ele abençoa me devo encantar com esses improváveis e tão acentados momentos reservados pelo coração musculo símbolo e signo eu me pergunto como seria o coração de uma árvore? Teria uma cor vermelha também seria grande? Que equivalência teria? Em que proporção levaríamos em conta se alguém houvesse o inventado e nos proposto essa metáfora.

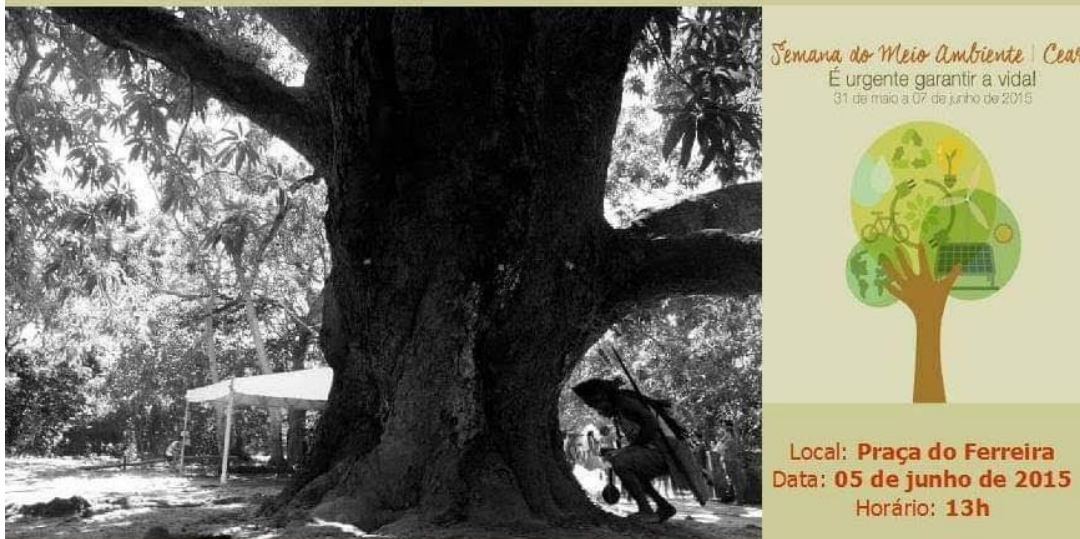
Acho que o coração das árvores, plantas, legumes e verduras e da cor da luz que eu procuro quando acordo mas pensando melhor tem dúvidas muito da luz esses dias encontrado nos sons imagens de um mundo ainda difícil de ser traduzido em palavras e cores portanto o coração desses seres deve ter um som que ainda esta por vir que tenhamos que afinar nossos ouvidos para escutar a batida dos seus corações e como seres compreender que eles também precisam ser respeitados escutados há seres que vem fazendo isso a mais tempo humanos não sei se especiais mas entregam seu pensamento no dia que nasce na noite que cai a estes sons os indígenas que se movem na batida do vento sentindo o cheiro do mato acalentando suas dores e dúvidas em volta do fogo. Com eles aprendi a sentir e desejar essa nova esta alimentado um sonho de um coração sem cor e sem formato ardente como brasa e frio como a madrugada.
(Alex Hermes)

Fotografias: ALEX HERMES *Edição: JANETE MELO*

Figura 50 Banner com fotos e texto 2015

Exposição Fotográfica:

O POVO INDÍGENA PITAGUARY E A LUTA PELA PRESERVAÇÃO AMBIENTAL
por Alex Hermes e João Paulo Vieira



Semana do Meio Ambiente | Ceará
É urgente garantir a vida!
31 de maio a 07 de junho de 2015

Local: Praça do Ferreira
Data: 05 de junho de 2015
Horário: 13h

Organização: ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - ADURC | ASSOCIAÇÃO DE PESQUISA E PRESERVAÇÃO DE ECOSISTEMAS AQUÁTICOS - AQUASIS | ASSOCIAÇÃO MÃE TERRA PITAGUARY | ASSOCIAÇÃO PARQUE PARREÃO I | CENTRO DE DEFESA DA VIDA HERBERT DE SOUSA | COMITÊ PERMANENTE EM APOIO À CAUSA INDÍGENA | COLETIVO AGROFLORSTAR | FÓRUM CEARÁ NO CLIMA | FUNDAÇÃO MATA ATLÂNTICA CEARENSE | GRUPO DE CONSUMIDORES RESPONSÁVEIS DO BENFICA | INSTITUTO AMBIENTAL VIRAMUNDO | INSTITUTO CRÍTICA RADICAL | INSTITUTO TERRAMAR | INSTITUTO VERDELUZ | MANDATO É TEMPO DE RESISTÊNCIA - DEPUTADO RENATO ROSEVO | MANDATO ECOS DA CIDADE - VEREADOR JOÃO ALFREDO | MOVIMENTO PROPARQUE | PROJETO FOTOSÍNTese | PROJETO LIMPANDO O MUNDO

Figura 51 cartaz da exposição



Figura 52 Fotos dos Aliados na Retomada 2013



Figura 53 Exposição durante a semana do Meio ambiente 2015

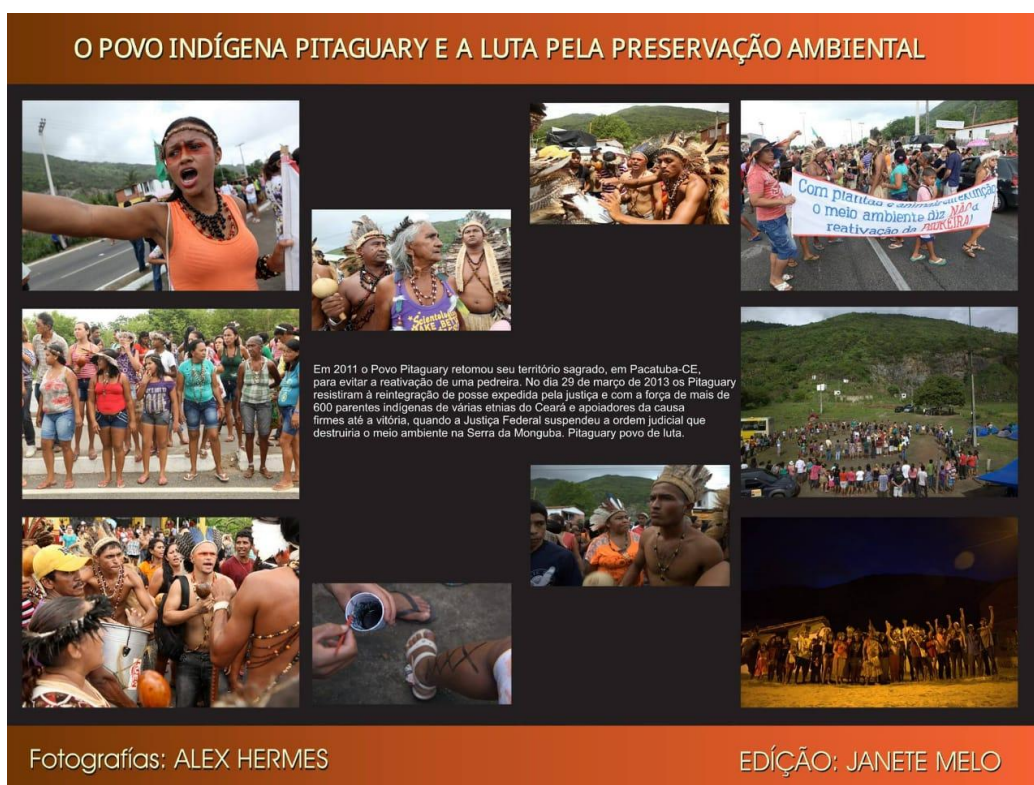


Figura 54 Banner com fotos da Retomada



Figura 55 Fórum de Museus Indígenas 2017 - PI



Figura 56 Figura 60 Fórum de Museus Indígenas 2017 - PI



Figura 57 Fotografias quando estavam no museu Pitaguary



Figura 59 Entrevista na casa de D. Maria Gordinho, Mãe do Barbosa



Figura 62 ensaio fotográfico artesanato Pitaguary 2015



Figura 63 Alex Pitaguary 2014



Figura 64 Ritual da Mangueira 2014



Figura 65 Pai e Mãe de D. Liduina



Figura 66 Fotografias da Retomada na escola ITA-ARA

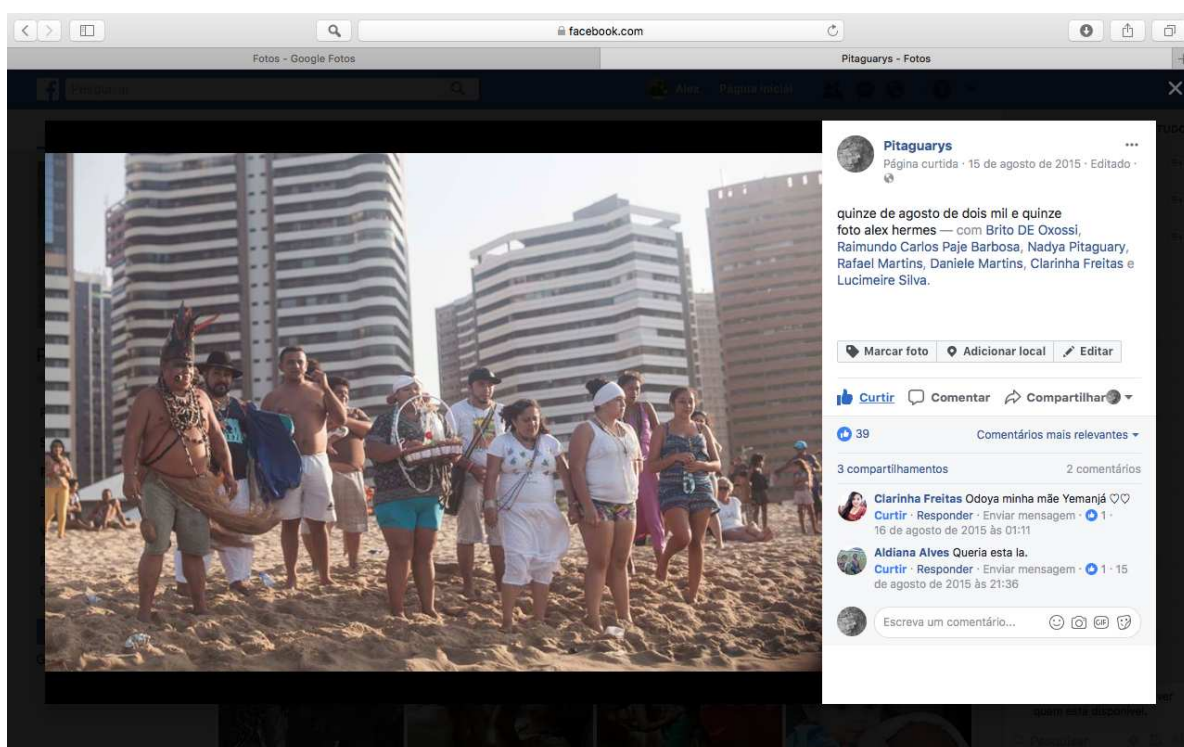


Figura 67 Festa de iemanjá praia de Iracema 2015



Figura 68 Festival Cachoeira Doc. 2017



Figura 69 Fran na terra dos Tremembé 2018



Figura 70 Pai Barbosa em 2015



Figura 71 Francilene Pitaguary na Retomada em 2013



Figura 72 Alex Pitaguary 2013



Figura 74 Nadya e Fran durante protestos dos estudantes da UNILAB em Redenção – CE



Figura 75 Sandra Pitaguary e Miguel 2019



Figura 76 Kairan Pitaguary filho de Alex e Ana Pitaguary na Retomada 2017



Figura 77 Yuri Pitaguary e Honória Martins 2017



Figura 79 Rosa Pitaguary 2015



Figura 80 Estudantes Indígenas na UNILAB 2019



Figura 81 Mãe Nadya



Figura 82 Mãe Liduína debaixo do Cajueiro na Retomada



Figura 83 Pajé Barbosa e Tia Augusta e Tia Amélia 2016

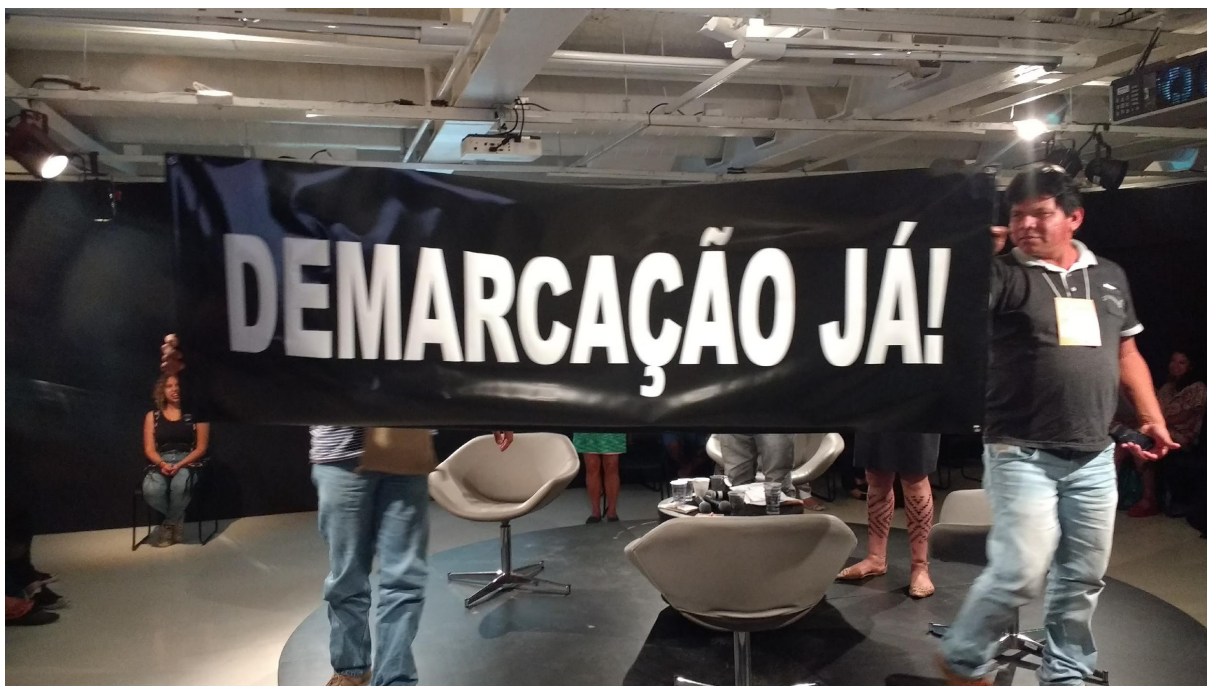


Figura 86 Antropólogo Guarani Tônico Benites no Mekukradjá 2017



Figura 88 Autorretrato na Retomada da Pedreira Sagrada 2018



Figura 89 Kairan Pitaguary no portão da Retomada.



Figura 90 Clécia Pitaguary, Cinthia Kagan, Janete Melo e Rosa Pitaguary 2014



Figura 92 Pai Barbosa na Casa onde cresceu, a casa de Antônio e Maria Gordinho 2017



Figura 93 Antônio Gomes Chaves Pitaguary 2015



Figura 94 Nossa viagem ao Juazeiro – CE



Figura 95 Fran Pitaguary



Figura 96 Nadya Pitaguary em casa



Figura 97 Mãe Liduína com um retrato da Maria Padilha 2020